



Uma vida em dois *destinos*

Mesma autora de *Mudança Radical*
CRIS S. ROCHA



Uma vida em dois *destinos*

Mesma autora de *Mudança Radical*
CRIS S. ROCHA

Copyright © 2019 Cris S. Rocha

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Analine Borges Cirne

Capa: Layce Design

Diagramação Digital: Layce Design

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição digital | Criado no Brasil.



[Sinopse](#)
[Dedicatória](#)

[01](#)
[02](#)
[03](#)
[04](#)
[05](#)
[06](#)
[07](#)
[08](#)
[09](#)
[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras](#)

[Sobre a autora](#)

[Contato](#)



Laura é uma jornalista de 34 anos que trabalha em uma revista e adora sua profissão. Tem uma família louca e misturada e um namorado, seu apartamento próprio, carro e vive muito bem. A única certeza de sua vida é: não quer filhos.

Porém, sua vida vira de ponta-cabeça quando flagra seu namorado a traindo com uma colega de trabalho e, em uma festa de fim de ano, envolve-se com seu chefe, Mauro, um homem que também passou por uma situação parecida e que sempre teve uma “quedinha” por ela. Mauro é um homem bonito e sedutor, por quem todas as mulheres babam, menos Laura.

O que ela não esperava era que as consequências da noite maluca com seu supervisor e chefe a fariam repensar toda a sua vida e tudo o que pensou sobre si mesma e sobre Mauro.



Dedico este livro a todas as mães. À minha mãe, Helena, que é minha melhor amiga, e a todas as mães que tomam a decisão de colocar uma vida no mundo. Com certeza amor maior não há.



O que vocês planejam para suas vidas? O que vocês gostariam de fazer? Que sonhos têm? E se as suas vidas fossem “perfeitas” aos seus olhos e, por um acidente do destino, tudo mudasse? Seus planos, seus desejos...? Isso aconteceu comigo.

Eu, solteira, 34 anos, tinha um namorado que era *personal trainer*, o Renato, que tinha 36 anos, e estávamos juntos havia quatro anos. Era uma das redatoras de uma revista, tinha um pequeno apartamento, meu carro e amava meu trabalho.

Não pensava em me casar, muito menos em ter filhos. Tinha uma irmã mais nova, a Elizabeth, de 27 anos, que já era casada e tinha três filhos. Eu não entendia como ela aguentava cuidar da casa, do marido e dos três filhos! Eu

enlouqueceria, pois não tinha jeito com crianças. Aliás, não conseguia ser cuidadosa com nenhum outro ser vivo que não fosse eu mesma. O único bicho de estimação que eu tinha, eram uns quatro peixes num pequeno aquário que o Renato tinha me dado de presente. E isso porque era só dar comida duas vezes por dia e trocar a água uma vez por semana, porque, se fosse um gato ou um cachorro, eles morreriam nas minhas mãos. Eu não era cuidadosa e era muito desastrada.

Porém, para encerrarmos o assunto, aquela seria mais uma semana corrida na revista. Por um “imprevisto”, na hora de passar o café da manhã, derramei um pouco na minha camisa branca, então tive de trocar de roupa correndo. Saí atrasada, entrei no carro na garagem e peguei um trânsito caótico. Para ajudar, estava frio e chovendo. Pela primeira vez em sete anos, cheguei atrasada à revista.

— Ué, Laura! O que aconteceu? Acho que é a primeira vez que vejo você chegar atrasada.

— Ai, menina, pequeno “acidente” doméstico. Aquele tipo de coisa que só acontece comigo! E o “homem de ferro” chegou?

“Homem de ferro” era como nós chamávamos o nosso editor chefe. Era o nosso supervisor. Ele estava lá havia quatro anos e era chamado de “homem de ferro” não por ser forte ou viril, mas por ser um homem frio, seco, egoísta e sem coração. Seu nome era Mauro. Metade ou mais das mulheres que trabalhavam lá “babavam” por ele. Achavam-no um cara *charmosão*. Ele tinha cabelos castanhos, olhos azuis, 1,80m de altura. Eu o achava um metido e esnobe.

Não demorou muito para ele pedir para a Camila (sua secretária loira oxigenada, siliconada, mas que eu achava simpática) me chamar para ir até a sala dele.

— Mandou me chamar, senhor Mauro?

— Apenas Mauro, por favor! Cansei de te pedir para me chamar apenas de Mauro.

— Desculpe, é o costume. Em que posso ajudar?

— Bem, gostaria de saber como andam as notas da revista. Os textos e colunas já foram revisados? Está tudo em ordem?

— Sim, claro! Inclusive eu já os passei para a redatora chefe.

— Ótimo! Ah, Laura, tem mais uma coisa...

— Pode falar...

— Fiquei sabendo que gostaria de sair mais cedo na sexta-feira. É verdade?

— Sim, se for possível, é claro. — *Ih, lá vem bomba*, imaginei.

— Claro que é possível. Mas tem um porém... Sábado de manhã esteja aqui. Precisamos rever os textos da capa.

— Mas no sábado eu...

— Bom, o acordo é esse. Sai mais cedo na sexta-feira e vem no sábado, ou não sai mais cedo e não vem no sábado.

Eu não tive escolha, disse que vinha no sábado. No entanto, saí de lá rangendo os dentes de ódio. O cara era insuportável. Já me imaginara várias vezes o pegando pela gravata e o enforcando com ela. Porém, fazer o quê? Nem tudo é perfeito. Além do mais eu precisava sair mais cedo na sexta-feira para poder fazer uma surpresa para o meu namorado. Íamos completar quatro anos juntos.

Ah, sim... mudando de assunto, vocês devem estar curiosos para saber como eu sou fisicamente. Bem, eu tenho 1,60m de altura, olhos castanho-claros, cabelos longos e castanhos. No trabalho, vestia-me sempre de forma mais social, calça, camisa, sapatos, às vezes uma saia um pouco acima dos joelhos, cabelos sempre presos e óculos para leitura, já que ficava muito tempo no computador. Não éramos obrigados a usar roupa social, mas eu me sentia melhor assim. Eu era muito profissional. Fora dele, eu era bem comum, gostava de jeans e camiseta. Costumava ir à academia umas três vezes por semana e raras vezes ia para alguma “balada” ou uma festa.

Estávamos no mês de novembro. Fim do mês. Em dezembro trabalhávamos só as duas primeiras semanas e pegávamos férias coletivas. Eu esperava ir para a praia com o Renato e passar pela primeira vez as festas de fim de ano sozinha com ele. Com mais ninguém. Não que eu não gostasse de passar esse período com a minha família, mas era sempre uma loucura.

Minha família era meio louca e totalmente fora do convencional. Meus pais estavam separados havia uns vinte anos, e o pior, eram muito amigos (depois que se separaram, viraram melhores amigos, era impressionante de ver!), davam-se tão bem que meu pai, José, e sua esposa, Eva, sempre passavam as datas comemorativas na casa da minha mãe. Festas de Natal e Ano Novo, então, não faltavam uma.

Meu pai havia se casado com a Eva havia uns quatro anos, quase na mesma época em que eu conheci o Renato, que na verdade era sobrinho da Eva, uma simpatia de pessoa. Ela e minha mãe se tornaram grandes amigas – a Eva era o tipo de pessoa que não tinha como não se gostar. Ela era mexicana, mas morava no Brasil havia mais de trinta anos.

Minha mãe também tinha se casado novamente. Ela casara-se com o seu Lourival e fazia uns dez anos que eles estavam juntos. O seu Lourival era dono de uma loja de materiais de construção e era muito engraçado. Além disso, fazia uma caipirinha da hora.

Então, somando tudo, pensem comigo: em festa na casa da minha mãe, iam

ela, o seu Lourival, meu pai, a dona Eva, minha irmã Elizabeth, com o Jean, marido dela, mais o pacote de três filhos deles, dois filhos adolescentes da dona Eva, minha tia Cristina – irmã da minha mãe, e ela sempre vinha com um namorado (nunca era o mesmo, porque ela nunca ficava mais de seis meses com o mesmo cara) –, minha vó Nora com meu vô Tobias, meus seis primos e suas famílias com mais meia dúzia de crianças. Então era aquela bagunça.

Pela primeira vez, eu e o Renato estávamos planejando desde janeiro passar as festas de dezembro na praia, só nós dois... mas, bem, meus planos estavam prestes a mudar.

Minha melhor amiga era a Irene. Sabe aquele tipo de amiga que não fala o que você quer ouvir, mas sim o que realmente precisa, mesmo que seja algo que você não vá gostar de ouvir? Pois essa era minha melhor amiga. Melhor amiga e colega de trabalho. Ela era casada e tinha dois filhos, a Priscila, de 14 anos, e o João, de três. Eu conversava muito também com a Camila, a secretária do meu chefe Mauro. Apesar de ser meio oferecida, eu a achava simpática. A Irene não gostava muito dela. Na verdade, nenhuma das mulheres da revista gostava dela. As únicas que conversavam com Camila éramos eu e a Irene (a muito contragosto, é claro!).

Voltando à narrativa, naquela segunda-feira chuvosa e fria, fomos eu, Irene e Camila almoçar. Eu falei dos meus planos para sexta-feira à noite.

— Acho legal você estar com alguém há quatro anos e não ter ficado entediada!

— Ai, Camila! Credo! Eu gosto do Renato! Adoro ele!

— Eu não consigo ser fiel assim. E você, Irene, casada! Eu não aguentaria.

— Você fala assim porque é uma oferecida, sai com o primeiro par de calças que vê pela frente, mas é porque nunca se apaixonou de verdade.

— Na verdade eu sou apaixonada por um cara aí.

— Ah, o “homem de ferro”. Nem você merece!

— Deve ser porque ele nunca me deu uma chance. Mas não sei, sou louca para pegar aquela gravata dele, o jogar naquela sua mesa “organizadinha” e oferecer a ele tudo o que posso!

— Ei, não queremos detalhes dos seus sonhos eróticos não, tá?!

A semana passou sem muitas novidades. Logo a sexta-feira chegou. Saí às 4h da tarde, superempolgada com a surpresa que estava preparando para o Renato. Mal sabia que quem se surpreenderia seria eu.

Fui direto para o apartamento do Renato. Nosso relacionamento estava precisando de uma “esquentadinha”, afinal, ele andava meio desanimado para certos assuntos, se é que vocês me entendem. Fazia mais ou menos um mês que a gente não transava. Eu ia preparar um jantar afrodisíaco e vestiria uma lingerie

super sexy que havia comprado num sex shop para ver se ele se animava.

Entrei no apartamento acreditando que naquele horário ele estaria no trabalho. Larguei minha bolsa no sofá, soltei meu cabelo e fui em direção ao quarto. Já no corredor, ouvi umas risadinhas abafadas, dei mais um passo e ouvi de novo. Parei no corredor e fiquei tentando ouvir com mais clareza.

— Imagina se passa pela cabeça da Laura que a gente está saindo a um mês! — declarou uma voz feminina.

— Não! Ela nem desconfia! E nem pode, eu gosto dela!

— Pior que eu também! Ela é a única que me trata bem naquela revista! Mas também quem manda ter um namorado tão gostoso como você!?

Aquela voz, eu conhecia aquela voz. A Irene viera me perguntar no almoço o que havia acontecido com a Camila, que não tinha ido trabalhar. Eu não soubera dizer, porque ela não me tinha dito nada, mas o Dudu, secretário da dona Marta, dona da revista, dissera que ela havia ligado cedo, avisando que estava com uma virose e que não ia poder ir trabalhar naquele dia. Gelei. Não podia ser. Fiquei ali parada; queria ouvir mais.

— Hum... e qual foi a desculpa que você deu para não ir para a revista hoje?

— Ah, uma virose! Isso dá em todo mundo! E aí...? “Tá” a fim de me dar uma injeção para ver se eu melhora?

— Uau! Adorei essa sua lingerie nova! Vem aqui agora! Eu sei de qual remédio você precisa!

Canalha sem-vergonha!, pensei comigo.

— Sabe, é?

Foi naquele momento que eu não aguantei mais. Abri a porta do quarto com tudo e vi a Camila com o Renato na cama dele em plena atividade! O pior foi eu ter ouvido a Camila dizer que eles estavam se encontrando havia um mês, enquanto a idiota aqui sequer sabia que eles se conheciam.

— Laura?! — ambos exclamaram.

Eu paralisei. Depois de uns segundos, a “ficha caiu” e a raiva tomou conta de mim. Fui para cima da Camila, xingando-a e arrancando os seus cabelos oxigenados. O Renato me segurou, e eu não conseguia nem dar um tapa na cara daquela vaca.

— Me solta, Renato! Deixa eu acertar as minhas contas com essa cadela!

— C-calma, Laura! E-eu estou indo, tá?! Você se acerta aí com o Renato, e segunda-feira a gente conversa!

— Segunda-feira?! Segunda-feira você só aparece naquela revista se eu não conseguir te pegar! Cachorra!

— Laura! Pare com isso! Ela é só um caso! Ela não significa nada para

mim!

— Ah, não? E por que está saindo com ela há um mês? Eu escutei um pouco, ou melhor, o suficiente, Renato! Pelo jeito, eu é que não tenho importância para você! Quer saber? Pode ficar, Camila! Você não vale a pena, Renato! Me solta! Vocês dois se merecem!

— Mas eu...

— Me solta!

Ele me soltou, enfim. Eu dei um grande suspiro, acalmei-me, recompus-me e, quando o Renato menos esperava, virei-me de frente para ele e lhe dei um belo tapa na cara.

— Porque ela é uma vaca, mas era você que estava comigo, é você que me devia fidelidade!

Aí, sim! Peguei minha bolsa, joguei a cópia da chave do apartamento dele, que eu tinha, no chão e fui para casa. Parece que saí de lá com a alma lavada.

Pode-se dizer que eu estava em estado de choque. Acho que esse era um ponto forte em mim, eu não conseguia chorar. Simplesmente a raiva me dominava e eu não conseguia derramar sequer uma única lágrima. Sempre fui assim, não importando por qual frustração ou decepção eu passasse.

O mais impressionante era que a Camila sabia dos meus planos para aquela sexta-feira, ela devia ter feito aquilo de propósito, só para eu ficar solteira e frustrada como ela. Que raiva!

Entrei em meu apartamento, tirei os sapatos e fui tomar um banho. Meu sangue fervia de ira. Saí do chuveiro e, como eu já imaginava, o cretino do Renato apareceu. Entretanto, como havia esquecido a sua cópia da chave do meu apartamento em cima da minha mesa, ficou do lado de fora. O porteiro o deixou subir, mas ele não tinha como entrar.

— Laura! Laura, por favor, me deixe entrar. Eu esqueci a minha chave aí. A gente precisa conversar. Por favor!

— Não tenho mais nada para conversar com você. Vá embora!

— Me deixa entrar para, pelo menos, pegar as minhas coisas.

— Ah, você quer suas coisas? Não seja por isso!

Não sei o que houve comigo naquela hora, mas, tomada pela raiva, peguei as tralhas dele para as jogar pela janela.

— Laura, você não é assim. Seja racional. Você tem que me perdoar, eu fui um fraco. Eu sei, eu assumo o meu erro. Mas, por favor, vamos conversar!

Comecei a jogar as suas coisas janela a fora.

— Acontece que eu estou temporariamente fora de mim! Estou temporariamente louca! Quer suas coisas? Então vá lá para fora e pegue tudo, pois estou jogando pela janela! Não quero ver a sua cara tão cedo!

— O quê? E-eu não acredito que esteja realmente fazendo isso!

— Ah, não? É melhor ir ver com seus próprios olhos antes que alguém passe e pegue todas as suas porcarias! Vá embora!

Joguei tudo, roupas, livros, tudo que era dele, pela janela. Quando a última cueca voou para longe, fechei a janela e fiquei dentro do apartamento enquanto ele juntava as suas coisas resmungado que eu ainda ia implorar para voltar com ele.

Decidi pegar os artigos da revista para tentar me concentrar e pensar em outra coisa. Todavia, quando li o tema de um deles, fiquei fora de mim. A matéria falava justamente sobre traição. Rasguei todos os textos sem pensar, num ataque de raiva.

Só comigo esse tipo de coisa acontecia! Como eu pudera ser tão burra!? *Ai, meu pai do Céu, o “homem de ferro” vai me matar. Eu “tô” ferrada!*

Não teve jeito, peguei um durex e coleí todos os pedaços dos textos. Resumindo, isso significava que eu ia ter que chegar mais cedo ao trabalho e imprimir os artigos todos novamente antes de o Mauro chegar. Eu era uma desastrada mesmo.

Li e reli as páginas, mas não conseguia me concentrar. Bom, eu ia ter de ler tudo de novo na manhã seguinte mesmo. Fui dormir.

Naquela madrugada tive um pesadelo. Sonhei que estava grávida. Sabe aqueles sonhos que parecem reais? Eu vi minha barriga enorme e até sentia “aquela coisa” se mexendo dentro de mim. Acordei gritando apavorada e só então percebi que tinha sido apenas um sonho ruim. Eu estava na minha cama confortável, no meu apartamento, e minha barriga estava retinha como sempre.

Nada contra, mas ser mãe nunca estivera nos meus planos. Eu não tinha “dom” para ser mãe. Nunca tivera jeito com crianças. Nem com os meus sobrinhos eu tinha paciência. Eu sempre tomava todos os cuidados para não engravidar. Tomava pílula havia alguns anos, já estava com 34 anos e, se não fosse pela minha mãe, eu já teria operado. Eu jamais iria engravidar! Eu definitivamente não tinha nascido com instinto maternal. Não conseguia me ver sendo responsável por um serzinho tão pequeno e inocente.

Acordei às 6h da manhã, levantei-me, troquei de roupa, preendi o cabelo, peguei meus óculos e fui para a revista. Cheguei um bom tempo antes do marcado para reimprimir as matérias que eu havia rasgado no meu apartamento e ler os textos, por não ter conseguido me concentrar no dia anterior. Fui para o sexto andar do prédio da revista. Minha sorte era que ninguém tinha chegado.

Assim que imprimi as páginas, lá mesmo me sentei e li as matérias. Então desci para o quinto andar, onde ficava o nosso setor. Ao sair do elevador, estranhei o silêncio. Entrei na área comum, e não tinha ninguém. Foi então que

vi o “homem de ferro” na sala dele. Assim que me viu, ele acenou para que eu fosse até lá.

— Nossa, não chegou ninguém ainda? Ou sou eu que estou muito adiantada?

— Não. Na verdade, não vi necessidade de convocar o resto do pessoal. Somos só nós dois mesmo. Será rápido, é só para escolher o texto da capa.

Minha amiga Irene sempre me dizia que o “homem de ferro” me olhava de forma diferente, falava que ele tinha uma quedinha por mim. Eu nunca vi nada demais. Além disso, eu jamais me envolveria com alguém do meu trabalho, principalmente meu “chefe”. E, pelo que eu sabia, ele estava noivo.

— Você me desculpa se eu parecer meio estressado. Estou com problemas pessoais.

— Tudo bem, eu também não estou 100% hoje.

— Trouxe os textos?

— Claro, estão aqui.

— Deixe-me vê-los.

Entreguei os artigos nas mãos do Mauro e, quando ele ia abrir a boca para falar alguma coisa, o seu celular tocou. Ele me pediu licença e atendeu:

— Ótimo! Não! Não avise! Eu já estou chegando aí! Obrigado, viu!? Ah, hoje eu pego!

E desligou o celular. Vi que ele tremia e que seu semblante mudou radicalmente. Fechou a cara, resmungou alguma coisa que eu não consegui entender e deu um murro na mesa, o que me fez pular da cadeira.

— La-Laura! Ai, meu Deus, me desculpe! Por um momento eu esqueci que você estava aqui! Sinto muito! E-eu vou ter que sair para resolver um problema pessoal grave. Será que você poderia escolher o texto sozinha?

— Mas eu nunca...

— Eu confio no seu trabalho. Ah, pode deixar o texto escolhido com o seu Lineu da portaria, que ele entrega para o motoboy da gráfica, que vem buscar à tarde. Ah, e me desculpe por eu ter feito você perder seu tempo! Até segunda-feira.

— Até...

Eu fiquei de boca aberta. Não entendi absolutamente nada. Minha sorte foi eu ter lido cada artigo assim que chegara. Eu tinha gostado de apenas dois. Não demorei para decidir qual deles seria o melhor. Escolhi a matéria, entreguei-a ao seu Lineu e fui embora.

O Mauro, além de editor chefe, era meu supervisor. Chefe mesmo era a dona Marta Nogueira Avilar, a dona da revista, cujo escritório ficava no 15º andar do prédio onde a mesma estava instalada. Contudo, bem, o Mauro

praticamente era tratado como chefe.

Fui almoçar na casa da minha mãe e, enquanto eu a ajudava a descascar batatas para a salada, ela começou a puxar conversa. Ela queria saber o que tinha acontecido, pois eu estava com a cara fechada, mas eu não estava muito interessada em falar do Renato.

— O Renato esteve aqui ontem à noite. Chorou feito criança.

— Lágrimas de crocodilo que não me comovem nem um pouco. Por acaso o cara de pau te contou o que aconteceu?

— Sim... e está bastante arrependido. Fiquei com pena dele.

— Eu só sinto ódio no momento.

— Meu bem, você é muito rancorosa. Não faz bem para você guardar essa mágoa no seu coração. Pode se abrir comigo. Sou sua mãe, estou aqui para isso, sabia? Pode chorar se quiser.

— Eu não tenho vontade de chorar.

— Você nunca teve, não é mesmo? Nunca vi você chorar por nada.

Cortando nossa conversa, veio um barulho da sala, gritaria, correria. Era minha irmã com meu cunhado e o “trio da bagunça” – os três filhos deles. Como sempre já chegavam apavorando, gritando e correndo pela casa.

Meu cunhado, Jean, era um tremendo chato. Eu não o suportava. Ele se achava o máximo. Eu o achava muito imaturo, só que sempre fui muito educada para falar umas boas verdades para ele.

— Oi, tia Laura!

— Oi, Ruan!

— Tia, posso ajudar você a cortar as batatas?

— Ah, não.

— Ah, posso, sim!

— Não pode, não. Sabe por quê? Essa é uma faca muito afiada, pode cortar seu lindo dedo gorducho e vai sair muito sangue, vai doer muito e você vai chorar demais!

— Nossa, Laura! Fico comovido com o seu “jeito” de lidar com as crianças! — pronto, falou o cretino.

— Exatamente por isso, meu querido cunhado, que eu optei por não ter filhos! — *Ainda mais se fosse para ter um marido bunda-mole feito você*, pensei comigo mesma.

— Oi, Laura!

— Oi, Beth!

— Fiquei sabendo do que houve entre você e o Renato. Que chato isso. Mas achei que você estaria arrasada. Sabe, se acontecesse isso comigo e com o Jean... eu morreria de tanto chorar e de tanta tristeza.

Depois do almoço, enquanto eu lavava a louça, escutei a conversa de minha mãe com a Beth, e minha irmã dizia que eu era fria, que eu era durona demais e que achava que na verdade eu não amava o Renato, pois parecia que nada tinha acontecido comigo. Eu me senti furiosa como se estivesse com TPM. O que elas queriam? Que eu me descabelasse toda? Que me acabasse de tanto chorar? Que eu me trancasse no meu apartamento e que entrasse numa depressão profunda? Não! Eu não era disso. Nunca tinha sido.

Minha mãe disse que eu nunca tinha amado alguém de verdade mesmo, nunca havia sentido aquele amor que dói no peito, e que ela tinha certeza de que cedo ou tarde o cara certo iria aparecer, e aí, sim, eu iria sentir todas essas emoções que Beth achava que eu não tinha. Para minha mãe eu não era fria, e sim não tinha encontrado um amor de verdade. Eu tive de rir, é claro.

Eu e minha irmã éramos muito diferentes. Ela sempre sonhara em ser mãe e não foi à toa que teve três filhos, todos meninos. O Ruan, de seis anos (o que queria me ajudar a cortar batatas), era o do meio e o mais terrível dos três. O Lucas, de 11 anos, era superviciado em videogames. E havia o Gustavo, de oito meses. Beth ainda pensava em ter um quarto filho. Queria tentar uma menina; ela era louca para ter uma garota.

Aquele sábado passou. Fui para casa, deixando minha mãe me implorando para eu passar a noite ali e não ficar sozinha em meu apartamento. No entanto, inventei a desculpa de que tinha de colocar umas roupas para lavar, e só assim ela me deixou ir.

No domingo me fiz de “largada e desleixada”. Fiquei o dia todo sentada no sofá, de pijamas, assistindo a filmes. Nem meu almoço eu fiz. Comi um balde de pipocas.

Na manhã seguinte, fui para o trabalho como de costume, e, assim que cheguei, a “periguete” da Camila veio até minha mesa avisar que o Mauro estava me chamando para ir até a sala dele.

— O-bri-ga-da. Mas me faça um imenso favor? Não sorria mais para mim, não. Porque eu tenho vontade de...

Fiz sinal com as mãos como se fosse esganar o seu pescoço. Porém, o Mauro apareceu à porta da sua sala com ar sério e me chamou.

Fui achando que tinha feito algo de errado. O “homem de ferro” me pediu para sentar e fechou a porta da sala. Congelei, pensando que ia levar uma bronca. Ele se sentou na sua cadeira, de frente para mim, e eu notei seu verdadeiro estado. Nunca o tinha visto tão desleixado. O cabelo parecia que não via uma escova desde sábado. Ele estava com olheiras e parecia abatido.

— Bem, Laura... é sobre o texto que você escolheu para a matéria da capa da revista.

— O que tem? Não ficou bom?

— Não. Não é isso. A escolha do texto foi ótima! Eu te chamei aqui... na verdade não foi para isso.

— Não? Então o que eu fiz?

— Você não fez nada, Laura. Eu é que queria me desculpar com você, por sábado. Sabe, aquele meu ataque de fúria...

— Não precisa se desculpar. Eu não sei o que aconteceu, mas às vezes também tenho vontade de sair dando murros na minha mesa quando estou com raiva.

— Ah... tem, é? Você é tão compreensiva. Obrigado.

— Não por isso.

Fez-se um minuto de silêncio constrangedor para mim, e então pedi para voltar para o trabalho:

— Então é só isso? Posso voltar para minha mesa?

— É claro. Ah, Laura, eu vou me ausentar hoje à tarde e por mais uns três dias. Qualquer problema que vocês tiverem aqui na revista, você pode me ligar. A Camila tem todos os meus números de telefone.

— Claro, pode ficar tranquilo.

Deu-me uma vontade gigantesca de perguntar o que lhe acontecera. Entretanto, não fiz isso. Conhecia o Mauro apenas profissionalmente. Ele nunca tivera amigos ali na revista. Tentara uma vez sem sucesso se aproximar da gente no ano em que entrara na revista, mas, além do jeito pomposo dele, a dona Marta o alertara sobre amizades entre a diretoria e os redatores. Eu sempre o imaginei um esnobe e metido.

Na hora do almoço contei a Irene o que tinha acontecido entre mim e o Renato, o flagra que dei nele e na Camila e a cena do Mauro esmurrando a mesa da sua sala.

— Menina, o que eu não daria para ver o tapa que você deu no Renato. Eu sempre te avisei que a Camila não prestava.

No meio da conversa, o Dudu, secretário particular da dona Marta, veio nos contar novidades:

— Meninas, vocês não sabem da maior...

E nos disse que o Mauro tinha pedido três dias de afastamento, pois, naquele sábado em que ele teve um *piti* e deu um murro na própria mesa, ele pegou a noiva no maior amasso com um dos seus amigos íntimos.

Por fora eu demonstrei indiferença, mas no fundo senti pena dele. Pelo pouco que eu sabia, ele se casaria dentro de um mês.

— Pois é... Veja como são as coisas. Nossa amiga aqui passou por algo bem parecido na sexta-feira, um dia antes, e nem por isso pediu três dias de

afastamento para aliviar a tensão.

— São as vantagens de se ter um cargo superior, não é mesmo, minha cara Irene...? — comentei com ela.

Não entendi por que fiquei com pena do Mauro. Vai ver porque vi mais do que raiva nos olhos dele, vi tristeza. Diferentemente de mim, ele ficou triste com o fim do seu relacionamento. Não entendo o porquê de as pessoas serem infiéis. Se o relacionamento em que estão não lhes satisfaz mais, por que simplesmente não terminam?! Um tem que magoar e fazer o outro se sentir diminuído e até menosprezado.

Quem ficou feliz com a novidade foi a Camila. Ela era APAIXONADA pelo Mauro, embora saísse com namorados alheios. Ela se encheu de esperanças agora que ele estava sozinho. Eu tinha quase certeza de que logo, logo daria um belo pé na bunda do idiota do Renato.



Durante o resto daquela semana, o Mauro não apareceu na revista. Na semana seguinte, primeira semana de dezembro, ele surgiu. Parecia mais sério do que nunca, e seu humor estava ainda pior.

Naquela semana, ele nos enviou os convites para a festa de confraternização da empresa. Por um tremendo azar, marcaram a bendita festa para o mesmo dia da festa de aniversário de casamento do meu pai e da Eva. E o pior é que eu não podia faltar a nenhuma das duas.

A festa do meu pai e da minha madrastra seria na casa da minha mãe, porque o terreno era bem maior, tinha piscina, e eles já estavam organizando tudo havia meses. Já a festa da empresa não era exatamente festa e sim um jantar em que todos nós nos reuníamos e nos despedíamos, para nos ver apenas depois do Ano Novo, já que tirávamos férias coletivas.

Eu não tinha saída, iria para o jantar de confraternização da revista, mas não ficaria muito tempo, já que teria uma festa de verdade para ir em seguida.

No sábado, dia da festa, fui cedo para a casa da minha mãe, pois prometi ajudar a arrumar as mesas no pátio. Como sempre, estavam todos lá, parentes, sobrinhos, todo mundo ajudando. Para isso era uma grande vantagem ter uma família grande. Todo mundo adorava festas, e qualquer churrasquinho era um grande evento que contava com a ajuda de todos.

A Eva me chamou até o quarto da minha mãe, dizendo que queria minha opinião sobre o vestido que ela iria usar à noite, mas eu sabia que era apenas uma desculpa para falar do Renato. Afinal, ele era sobrinho dela e estaria na comemoração.

— Laura, querida, vou ser direta com você.

— Por favor...

— Só queria saber se, de alguma forma, será um constrangimento para você se o Renato vier.

— Eu já imaginava que era sobre isso que queria falar. Mas por mim, Eva, tudo bem. Afinal, ele é seu sobrinho, e não posso impedi-lo de vir à festa, contanto que ele fique BEM longe de mim.

Ela sorriu e me deu um abraço, e voltamos para o pátio. O que eu podia fazer? Ia ter de engolir a presença do Renato.

Quase perdi a hora da confraternização. Fiquei de ir me arrumar para o jantar da empresa na casa da Irene. Levei meu vestido e um par de sandálias de salto alto. O marido de minha amiga, o Carlos, foi quem abriu a porta da casa para mim. Ele já estava acostumado comigo, pois eu vivia indo lá. Ele estava com uma camisa florida e calça jeans.

— Oi, Laura! Entra! A Irene já começou a se arrumar. Entra aí, ela está no quarto. Você já conhece o caminho.

— Obrigada, Carlos. Ah, a propósito, adorei a camisa!

— Obrigado! A Irene acha que não é apropriada para o jantar.

— É, para o jantar não é mesmo, mas para a festa que a gente vai depois é perfeita. Vá assim mesmo, que está ótimo!

Entrei no quarto, e a Irene já estava quase pronta, só estava escolhendo um par de brincos. Eu coloquei meu vestido, que era cinza, curto, justíssimo, com decote canoa e cinto preto na cintura. Eu já estava fazendo uma trança no cabelo quando a Irene pegou o prendedor da minha mão:

— Não, senhora! Hoje é dia de festa! Vai deixar esse cabelão lindo solto.

— Mas é que...

— Nada demais. Agora fecha os olhos.

— O quê? Para quê?

— Fecha os olhos, caramba!

Fechei as pálpebras, e ela começou a me maquiar. Até aí, tudo bem, eu costumava usar maquiagem, embora sempre em tons neutros, cores suaves e claras. Assim que abri os olhos, vi que ela tinha passado uma sombra escura em mim. Fiquei com os olhos bem marcados.

— Está linda, amiga. É para você parecer mais sexy! Está faltando um detalhe... Toma. Presente para você!

— Tá brincando?! Você ama esses brincos, e eu nem uso brincos desse tamanho. São grandes demais e...

— Por isso mesmo, menina! Já passou da hora de você se mostrar um pouco. Chega de bancar a mulher séria que se veste feito uma senhora de 60 anos. Mostre o corpão que você tem. Aliás, estou bem surpresa com seu vestido, viu?! Adorei.

— Foi minha irmã que escolheu e...

— Logo vi que a escolha não foi sua.

Irene achava que eu era recatada demais para minha idade. Coloquei os brincos de argola que ela me deu e realmente eu estava bem diferente. Seguimos então para o restaurante, eu na frente com meu carro, e a Irene com o marido e os filhos logo atrás.

Deixamos os carros no estacionamento e entramos no restaurante. Assim que adentramos, dona Marta veio nos cumprimentar acompanhada do marido.

— Nossa, Laura! Que mulherão você está hoje! Está linda!

— Obrigada, dona Marta!

— Olá, Irene! Adorei seu vestido.

Enquanto a dona Marta conversava com a Irene, eu observei o restaurante. Tal foi minha surpresa quando vi, em uma mesa lá no canto, a Camila com o Renato. Os dois juntos, como um casal. Eu respirei fundo e, quando ia dar meia volta e ir embora, a Irene segurou meu braço e disse:

— Não faça isso. Você sabe que ela está querendo te provocar. E ela só não deu um chute na bunda do Renato e o trouxe para cá para chamar atenção de você sabe quem...

— De quem?

— Acorda, do “homem de ferro”, é claro. E, de quebra, te provocar!

— Você já sabia que eles viriam juntos, Irene?

— Hum... vamos dizer que isso não faz diferença. Mas não quis te contar porque sabia que você não ia querer vir. Por isso fiz questão de te ajudar na maquiagem. Você tem que seduzir *alguém* hoje.

— Como é que é? Não! Você não está achando que eu vou lá “dar em cima” do Mauro, não é?

— Meu bem, não é “dar em cima”, é dar um moral, só isso. Além do mais, é para se vingar daquela vaca da Camila.

— Você enlouqueceu, Irene? O Mauro é meu chefe!

— Ele é seu supervisor, e aqui não é a revista! Vai lá, mulher! Eu sei que ele tem uma “quedinha” por você.

Eu achei aquela ideia totalmente louca. Eu não podia fazer aquilo. Todavia, quando dei uma última olhada naquela mesa do canto, vi que a Camila beijava o Renato com os olhos abertos, olhando fixamente o Mauro.

Foi então que cometi a maior loucura da minha vida: fiz um “carão” e fui em direção ao bar. Eu era péssima nesse negócio de seduzir, ainda mais aquele “homem de ferro”. Nunca me imaginei o paquerando. Contudo, se era para dar o troco na Camila e, de quebra, no Renato, aquilo podia valer a pena.

— Oi, Mauro!

— La-Laura? Nossa! Oi!

Sem graça, dei um beijinho no rosto dele e perguntei se eu podia me sentar ali ao seu lado. Ele disse que eu podia e pediu uma bebida para mim.

— Você está... linda! Quase não a reconheci.

— Deve ser o cabelo solto, a maquiagem forte... E estou sem os óculos.

— Não... Você está realmente linda!

— Obrigada. E você está melhor? Quer dizer, me desculpe, eu não deveria ter perguntado isso.

— Eu já imaginava que o Eduardo iria espalhar para a revista inteira o que aconteceu. Ele é um ótimo repórter.

— Ah, não, ele contou só para mim e para a Irene. Mas desculpe, estou sendo muito indiscreta.

— Não, tudo bem. Eu estou bem, sim. Acho que não a amava como pensava. E você?

— Eu?

— Sim, soube que passou por algo muito parecido e que o tal cara está ali naquela mesa do canto com minha secretária. Por isso você não está falando com ela.

— Ai, meu Deus! Que vergonha! Como soube?

— Não importa. Eu sei por que está aqui conversando comigo. É para fazer ciúmes nele, não é?

— Ah, não. Na verdade, é dela que quero me vingar. Ela é apaixonada por você, sabia?

— A Camila? Ela não tem a mínima chance.

— Bom, acho que agora eu fiquei sem graça. Acho que vou me sentar e esperar o jantar ser servido.

— Não! Pode ficar. Precisava mesmo de uma companhia!

Pela primeira vez ele tocou na minha mão. Na verdade, nunca o vi tocar em ninguém, nem um aperto de mão, nada. Ele estava com a mão gelada e pediu outra rodada de uma batida de maracujá, dizendo que a fruta era boa para acalmar os nervos. Contudo, eu não estava nervosa. Ou estava?

Não demorou muito para a dona Marta começar o seu discurso. Ela sempre falava as mesmas coisas de sempre. Agradecia pela equipe que estava com ela, por todo o empenho e esforço do pessoal, etc. e tal. Deu de presente, para cada um dos funcionários, uma cesta de Natal com um cartão. Logo após isso, fomos convidados para irmos até o bufê do jantar e nos servirmos.

— E então? Quer se sentar com a gente? Ou vai se juntar com a diretoria?

— Bem, se você e os outros não se incomodarem, gostaria de me sentar com vocês.

Só para atentar ainda mais a Camila, eu peguei na mão do Mauro e o puxei para a fila do bufê. Na nossa mesa estávamos eu, o Mauro, a Irene com o seu marido e as crianças e o Dudu, e, na mesa ao lado, a Camila com o Renato, e ela não parava de nos olhar.

A Irene tentou descontraír falando que aquilo não parecia uma festa, e o Mauro a corrigiu dizendo que não era realmente uma festa, e sim um jantar.

— Mas não tem problema, afinal, daqui a pouco nós vamos para uma festa de verdade. Né, Laura?!

Senti o pé dela dando uns cutucões no meu. A Irene contou para o Mauro que era a festa de aniversário de casamento do meu pai com minha madrasta e que seria um grande festejo. O Mauro, educado, disse que parecia legal. Nesse momento a Irene me olhou de um jeito cínico que só ela sabia fazer e soltou a pérola:

— Oh, Laura! Você podia convidar o Mauro para ir com a gente na festa, né?! Aí, sim, Mauro, você vai ver o que é festa!

Eu tive vontade de esganar a Irene. No entanto, simplesmente sorri sem graça e o convidei.

— Ah, claro. Se quiser ir...

— Puxa! É sério mesmo? Eu posso ir?

— Claro! Você vai adorar! A mãe da Laura, dona Eugênia, é uma cozinheira de mão cheia.

— Então eu aceito o convite. Eu vou, sim.

Uns dez minutos depois, eu arrastei a Irene até o banheiro e fui tirar satisfação com ela. O que ela pensava que estava fazendo? Então veio com aquele papinho bobo de que queria me ajudar, já que o Renato pretendia levar a Camila.

Eu sabia quais eram as intenções reais da minha amiga. Ela estava querendo me “empurrar” para o Mauro, isso sim. Ela sempre falou que ele tinha uma “quedinha” por mim só porque, quando ele entrou na revista, vivia me elogiando e, no meu aniversário, todo ano me mandava um buquê de flores, embora nunca fizesse isso para mais ninguém da revista, a não ser a dona Marta. Eu disse para Irene, na época, que era coisa da cabeça dela. O Mauro sentia gratidão por mim, pois eu era a única que fazia hora extra e fui eu quem o ajudou na primeira semana na revista.

O que Irene estava pretendendo não daria certo, pois eu era muito profissional e JAMAIS me envolveria com alguém do meu trabalho, ainda mais meu chefe, ou supervisor, ou qualquer coisa que ele fosse. A gente não tinha nada a ver. Entretanto, confesso que fiquei com pena dele e achei que talvez quem sabe ele precisasse de uma boa dose de tequila para “afogar as mágoas”. Depois disso ele quiçá até se tornasse mais agradável.

Não demorou muito para nós sairmos do restaurante. Eu fui à frente, seguida pelos carros do marido da Irene e do Mauro. Chegamos por volta das 11h30 da noite à casa da minha mãe, e a festa já estava animada. Estacionamos os veículos, e fiquei ao lado do Mauro para apresentá-lo a todos.

Assim que o apresentei a Eva, ela comentou em alto e bom som:

— Seja bem-vindo, querido. Que tipão, hein, Laura! Com um chefe desse, eu trabalharia de bom humor todos os dias!

Eu não sabia onde enfiar minha cara de tão envergonhada que fiquei. Fui andando em meio à multidão, apresentando o Mauro a todo mundo, e ele se mantinha logo atrás de mim. Achei uma mesa vazia, e nos sentamos ali com a Irene e o Carlos. Os filhos deles foram correndo brincar com meus sobrinhos.

— Gostei da decoração — comentou Mauro. — É mexicana, não é mesmo?

— Sim, minha madrastra é mexicana.

A música rolava solta, tínhamos que ou gritar, ou falar bem próximo ao ouvido do outro de tão alto que estava o som, se quiséssemos ser ouvidos.

Minha irmã e meu cunhado, assim que chegaram, juntaram-se a nós. Jean indagou:

— E aí, Laura, está pronta para dançar aquela salsa comigo?

— Opa, com certeza! Aliás, é uma das poucas coisas que você sabe fazer direito.

— Falando nisso, a Eva está chamando você, Laura — avisou Beth. — É para você ir no quarto da mamãe.

Deixei o Mauro lá com o pessoal e fui. A Eva e a minha mãe me presentearam com um lindo vestido vermelho com estampa de flores amarelas, de alcinhas, bordado e todo rodado, para dançar a salsa. Elas mesmas fizeram o

vestido. Eu amei, ainda falei que o aniversário de casamento era da Eva e que ela deveria receber presentes e não os dar.

Coloquei o vestido na mesma hora e voltei para a festa. Fiquei com pena ao ver o Mauro sentado lá sozinho enquanto todo mundo dançava.

— Ei, isso é uma festa, sabia? Que tal você me acompanhar numa dose de tequila?

— Claro! Mas nunca tomei tequila. Acredita nisso?

— Sério? Ih, então vamos começar com uma coisa mais fraca. Você tem que experimentar a caipirinha do seu Lourival.

— Tudo bem, mas depois quero experimentar a tal tequila.

— Pode deixar. Fica tranquilo, a noite só está começando.

— A propósito, gostei do novo vestido!

— Ah, esse é melhor para dançar a salsa!

O único que conseguia dançar salsa comigo direito era o Jean. Eu tive aulas com a Eva e me apaixonei pela dança. Meu cunhado era o único que se interessava em dançar comigo, e modéstia à parte, dávamos um show.

Tomei umas duas caipirinhas com o Mauro, e a Eva veio me avisar que ia começar a salsa. Peguei o Mauro pela mão e fui em direção à mesa onde meu cunhado estava. O coitado do Mauro arregalou os olhos e disse que não dançava esse ritmo de música e que pisaria no meu pé.

— Bobinho, você vai fazer companhia para minha irmã, Elizabeth. Eu vou dançar com o marido dela, o Jean.

— E você sabe dançar salsa?

— Ah, você vai ver!

Eu e meu cunhado fomos para o meio da pista improvisada e começamos a dançar. A Beth não dançava salsa, o negócio dela era sertanejo e forró, por isso não se importava de eu dançar com o Jean.

Dançamos umas duas músicas e paramos para tomar alguma coisa e recuperar o fôlego. Percebi que o Mauro me olhava de um jeito esquisito e perguntei o que tinha acontecido.

— Nossa... Eu não sabia que você dançava tão bem. Estou impressionado...

— Eu te disse, Mauro. Você se surpreenderá ainda mais com a Laura. Fora da revista ela é outra pessoa — intrometeu-se a Irene.

— É, eu também...

Minha amiga estava passando um pouco dos limites, mas eu não disse nada, porque queria me divertir e não desejava discutir. Puxei o Mauro, e fomos tomar tequila. Ele a achou forte, mas tomou mais umas duas doses comigo. Quando começou a tocar música sertaneja, o Mauro ficou animado, puxou-me pelo braço, e fomos dançar.

Nunca o tinha visto tão alegre. Estava mais “solto”, tirou o casaco, ficou de camisa e a desabotoou, deixando à mostra uma camiseta regata branca que estava por baixo. E não é que ele dançava bem? Fiquei admirada.

Depois de termos dançado muito, meu pai pediu que eu fosse a um mercado 24 horas para comprar mais algumas garrafas de tequila, já que a bebida tinha acabado, e o Mauro se ofereceu para ir comigo. Como o mercado ficava a duas quadras dali, fomos a pé mesmo. Ele me falou que tinha adorado minha família, que todos eram muito receptivos. Acho que era a melhor palavra para não dizer que todos eram loucos.

Quando chegamos do mercado, “demos de cara” com o Renato e a Camila, que tinham acabado de chegar. Os dois ficaram olhando para nós. Eu nem lhes dei atenção, voltei a dançar com o Mauro. Estava tranquila e quase esqueci que eles estavam ali. Começou uma música lenta. Eu ia parar de dançar, mas o Mauro segurou minha mão e não me deixou sentar.

Fiquei meio envergonhada, mas não podia dizer não. Estávamos muito próximos nessa hora. E, apesar de ele ter suado e dançado bastante, o cheiro do seu perfume ainda exalava e era muito bom. Mauro tinha braços fortes. Senti a sua mão firme em minha cintura e... *Gente, para tudo!* Eu não podia flertar com o meu chefe. Está bem, ele não era exatamente meu chefe, mas era meu supervisor, um colega de trabalho. Tudo bem que, depois daquela noite, eu só o veria em janeiro, mas mesmo assim, aquilo estava ficando estranho.

Quando a música terminou, recomeçaram as músicas sertanejas, e algum idiota decidiu fazer a brincadeira da vassoura, uma brincadeira típica da minha região em que alguém dança com uma vassoura e a passa entre os casais. O Renato de propósito deu a vassoura para o Mauro, que levou na esportiva e foi dançar com a minha irmã enquanto a Camila ficou de fora, só olhando.

Se eu mal conseguia olhar para o Renato, imaginem dançar com ele. *Até parece...* Quando ele tentou encostar a mão em mim, eu não deixei. Ele ficou ofendido e começou a discutir comigo:

— Quer dizer que eu não posso dançar com você, mas seu “chefinho” querido pode? O que ele tem que eu não tenho?

— Talvez educação e respeito, o que, aliás, você não teve por mim.

— Foi rápida, né? Mal terminou comigo e já correu para os braços desse mané.

— Você não tem o direito de falar de ninguém, Renato. Depois do que me fez, eu saio com quem eu quiser.

— Você já transou com esse cara?!

Os ânimos já estavam exaltados, e o Mauro, percebendo o clima, veio até onde eu estava, perguntando se estava tudo bem. Eu disse que sim, mas o

Renato, já bêbado e totalmente fora de si, foi grosso como sempre:

— Não se meta nisso, seu playboy idiota! Ela merece ouvir a verdade, e você, Laura, não passa de uma vadia!

— Cara, mais respeito com a Laura. Sei muito bem o que você fez com ela. A respeito.

— O que foi, cara?! Quer encarar?!

O Renato deu uns empurrões no Mauro e, antes que alguém pudesse separar a briga, deu um soco na cara dele. Eu, mais do que depressa, entrei na frente do meu supervisor.

— Você é mesmo um idiota! — gritei para o Renato.

— Não acredito que me trocou por isso! Por esse engomadinho!

— Ele não é nada meu. E, ainda que fosse, você não tem nada com isso. Volte lá para a Camila. Ela, sim, é a mulher que você merece. Você está bem, Mauro?

— Só meio tonto.

— Vem, eu vou cuidar do seu olho.

Levei o Mauro até a cozinha, limpei o sangue que escorria da sua sobrancelha, cortada pelo soco, e fiz uma compressa de gelo.

— Bem, vai ficar roxo, mas pelo menos não vai ficar inchado.

— Obrigado por limpar isso para mim.

— Imagina, é o mínimo que eu podia fazer por você ter tentado me defender. O Renato é que é um idiota.

— Realmente ele é um idiota, perder uma mulher feito você.

Nesse instante minha mãe chegou trazendo uma batida de abacaxi para a gente beber e avisando que meu pai e o seu Lourival tinham acalmado o Renato.

Depois daquela cena, os ânimos se acalmaram, embora o Renato ficou olhando para o Mauro com cara feia. Meu pai e a Eva dançaram a música deles, e chegou a hora da entrega dos presentes. Eu lhes dei um quadro gigante com a foto da nossa família (inteira) que havia sido tirada no Réveillon anterior. Minha madrastra adorou. Como minha mãe sempre dizia, nossa família era grande, louca, bagunceira, mas unida.

Lá pelas 4h da manhã, depois de outras tantas doses de tequila, e batidas, e cervejas, o Mauro decidiu ir embora.

— Deixa que eu te levo, Mauro!

— Não! Acho que você ainda está pior que eu, se é que isso é possível.

— Vamos rachar um táxi, então.

— Laura, nem sei onde você mora.

— Ah, é verdade...

— Vamos fazer assim, então, aquele que morar mais perto pousa na casa do

outro. O que acha?

— Acho que seu sofá deve ser BEM mais confortável que o meu.

Nós dois nem sabíamos o que estávamos dizendo, falávamos até enrolado.

Meu pai chamou um táxi, e fomos para o apartamento do Mauro. Ele morava sozinho numa bela cobertura linda e espaçosa, duplex. Eu não me lembro em detalhes de como era o apartamento, a única coisa que me recordo é da mega TV de LED de... umas 70 polegadas? Linda demais! Parecia um cinema.

Mauro perguntou se eu tomaria uma última cerveja com ele. Eu respondi que sim e, enquanto ele buscava a bebida na cozinha, sentei-me naquele sofá gigante. Ele me entregou uma lata de cerveja e se sentou no chão próximo aonde eu estava. Ligou a televisão, e eu comecei a me sentir sem graça, quase nem o olhava direito.

— Um beijo por seus pensamentos...

— Talvez não tenha sido uma boa ideia eu ter vindo para cá. Eu deveria ter ficado na casa da minha mãe.

— Por quê? Está com medo de mim?

— Não é isso... Acho que não está certo...

— Por quê? Nós somos adultos, Laura. Não tem nada demais nisso.

Eu finalmente o olhei e vi que ele não tirava os olhos de mim. Era diferente. Não sei explicar como, mas o jeito de ele me olhar parecia de certa forma querer me seduzir. O pior de tudo é que estava funcionando. Aqueles olhos azuis sempre tinham sido irresistíveis para a maioria das mulheres, mas eu me sentia intimidada e estava confusa. Mauro realmente era um homem extremamente bonito. Contudo, eu não podia. Aquilo não estava certo.

Percebi uma pequena gota de sangue na sua sobrancelha e, num gesto automático, passei a mão ali. Nessa hora ele pegou minha mão, beijou-a e me fez escorregar do sofá, fazendo-me sentar ali no chão ao seu lado.

Eu o encarei, e, sem que eu pudesse prever, ele me beijou. Beijou de uma forma intensa, diferente dos beijos do meu ex-namorado, diferente de qualquer outro cara que eu tivesse beijado. Foi ao mesmo tempo inesperado e doce. Parecia que ele queria aquele beijo havia muito tempo. E foi o que ele revelou:

— Ah, Laura, você não sabe quanto tempo eu esperei para sentir o gosto dos seus lábios.

— Não... Eu não posso, Mauro...

— Por quê? A meio segundo atrás você estava me correspondendo. O que eu tenho de errado?

— Você é meu chefe.

— Supervisor. E isso não me impede de te desejar, e de você também me

querer.

— Isso me parece errado.

— Laura, cala a boca!

Ele me puxou mais para perto de si e tornou a me beijar com ainda mais vontade, e eu, como já não me encontrava no meu “estado normal” e estava na “seca” havia algum tempo, não consegui resistir e coloquei meus braços em torno de seu pescoço, correspondendo ao beijo.

Ele me pegou no colo e estava subindo as escadas para o segundo andar do duplex quando eu caí em mim e, assustada, questionei:

— Para onde está me levando, Mauro?

— Para o meu quarto. Ou quer ficar no chão frio da sala?

— Mas...

— “Mas” nada! Você quer tanto quanto eu. Cala a boca e me beija logo! Não vou deixar você ir embora de qualquer jeito mesmo.

Deixei-me levar. Não sei dizer exatamente o que estava acontecendo comigo. Subimos ao segundo andar, ele me jogou na sua cama, tirou sua calça e sua camisa e o meu vestido. Beijou-me ainda mais, de todo os jeitos, e eu não queria realmente que ele parasse. E ele não parou. Foi descendo os beijos aos poucos, intercalando com lambidas e chupões. Ele sabia exatamente o que estava fazendo.

Quando chegou à base da minha calcinha, arrancou-a com os dentes e começou a me lamber inteira ali embaixo, deixando-me em estado de ebulição. Ao perceber que eu já estava quase em êxtase, ele parou. Tirou a cueca boxer, e vi seu membro ereto e potente. E se jogou para cima de mim, penetrando-me de uma só vez. Quando finalmente nos sentimos exaustos e satisfeitos, eu me virei para um lado da cama, ele para outro, e desmaiámos.

Pela manhã, bem cedo, ainda meio dormindo, senti um beijo no meu ombro, mas achei que fosse o efeito da bebida. Voltei a dormir. Eu me sentia muito cansada. Fui acordar realmente lá pelas 11h da manhã, com a cabeça latejando. Estava de ressaca, é claro, e me lembrava de ter tido um sonho muito louco.

Sonho? Não, aquilo não foi sonho. Abri os olhos lentamente e estava naquele quarto branco totalmente desconhecido. Dei um salto da cama e me senti envergonhada. Eu mal conhecia o Mauro. Quero dizer, conhecia profissionalmente, não pessoalmente, porém, tive uma noite daquelas com ele. E que noite! Eu me lembrava perfeitamente de tudo.

Olhei para o outro lado da cama, mas o Mauro não estava mais ali. Tinha apenas um bilhete no travesseiro onde ele tinha dormido.

Bom dia, dorminhoca!

Precisei sair, mas volto logo. O café da manhã está na mesinha em frente à cama, como você mesma pode ver. Espero que goste de tudo que coloquei para você. Coma, tome um banho e me espere. Precisamos conversar.

*Beijos,
Mauro.*

P.S.: adorei a noite de ontem.

Meu. Pai. Do. Céu. Eu estava perdida. O que eu ia fazer agora? Não imaginava que ia ter um café da manhã à minha espera. Todavia, a vergonha me fez perder todo e qualquer apetite.

Que café, que banho, que nada! Vesti-me o mais rápido que pude. Tive de deixar a calcinha de lado, já que ele a havia rasgado na noite anterior. Quem diria, não é? Tive de me vestir sem calcinha mesmo, o que eu podia fazer? Mal penteiei os cabelos, tomei um táxi e corri para a casa da minha mãe. Precisava pegar meu carro.

Assim que coloquei os pés lá, minha mãe me olhou com aquele seu jeito inquisidor, como se já soubesse tudo o que eu tinha feito na noite anterior.

Fui logo tomar um belo banho. Por sorte, o vestido que havia usado no jantar da empresa ainda estava lá, e o coloquei. Fui para a cozinha e comecei a comer umas frutas que estavam na mesa. Minha mãe me olhava impaciente.

— Então, Laura? O que aconteceu ontem? Você está estranha.

— Ai, mãe, fiz uma cagada.

E quando eu ia começar a relatar – claro que não em detalhes – o que tinha acontecido, eis que o Mauro aparece por lá. Era óbvio que ele ia aparecer, o carro dele também estava ali.

Minha mãe olhou para mim e foi até ele. Eu ia lhe pedir para não falar para ele que eu estava na casa, mas ela não ia fazer isso nem se eu implorasse. Vi da janela ela fazer um gesto afirmativo com a cabeça e indicar com o braço a entrada da cozinha.

Quando ele entrou no cômodo, eu mal consegui olhar nos seus olhos. Minha mãe falou para a gente usar o escritório do seu Lourival para conversar mais à vontade. Mauro foi o primeiro a falar:

— Laura, por que não me esperou?

— E-eu não podia. Estou tão envergonhada e...

— Envergonhada...? Posso me sentar?

— Claro. Me desculpe.

— Eu queria te agradecer por ter me convidado para a festa ontem. E sobre o que aconteceu depois, em meu apartamento...

— E-eu não quero que se sinta de forma alguma preso a mim. Não foi nada. É melhor esquecer.

— Esquecer? Não foi nada? Como assim? — Olhou-me confuso.

— Olha, Mauro, não me leve a mal. Você é um homem muito bonito, muito sedutor, mas eu entendo que ontem nós dois bebemos demais e ambos estamos um pouco carentes, pois tivemos a mesma decepção amorosa. Enfim, aconteceu, e estou morrendo de vergonha por isso. Isso não deveria ter acontecido.

— Não? Por quê?

— Porque você é meu chefe. Meu colega de trabalho. Não está certo isso.

— Laura, você.... Realmente, eu não esperava ouvir isso de você.

— Acho que é melhor assim. Vamos esquecer tudo. Apagar, deletar, como quiser chamar isso.

— Quer dizer então que nunca percebeu nada nesses quatro anos?

— Eu tinha que perceber o quê? Não estou entendendo aonde quer chegar...

— Não entendia por que era a única em toda a revista, além da dona Marta, para quem eu mandava flores no dia do aniversário?

— Gratidão. Eu sou a única que até hoje faz hora extra... sei lá...

— Se você não enxerga o que estou tentando te dizer, não vou explicar. Boas festas de fim de ano, Laura!

Ele saiu de lá vermelho de raiva. Eu sabia que ele estava irritado, pois já conhecia essa sua faceta lá da revista. Não entendi nada naquele momento. Eu queria esquecer, não queria falar sobre esse assunto. Minha cabeça latejava por causa da ressaca, e eu só queria ir para o meu pequeno apartamento, fazer uma soppinha e ficar o resto do meu fim de semana estirada no sofá.

Minha mãe me obrigou a ficar para almoçar e falou que estava escrito com todas as letras na testa do Mauro que ele estava apaixonado por mim. Eu a chamei de louca. O cara tinha sido até noivo. Nós é que perdemos um pouco a cabeça, bebemos demais e, por carência, acabamos tendo uma noite completamente louca juntos. Isso acontece com todo mundo. Ou quase todo mundo. Só que eu me sentia culpada, eu achava muito antiético envolvimento entre colegas de trabalho e acabara de passar a noite com meu supervisor.

Eu não sei por qual razão minha cabeça pesava mais, pela ressaca ou pela consciência pesada.

Cheguei a casa passava das 3h da tarde, com o telefone berrando. Atendi, e era a Irene, dizendo que já sabia que eu não tinha dormido em casa e que tinha ido embora de táxi com o Mauro. Ela queria saber de tudo e com todos os detalhes. Pela primeira vez em todos esses anos de amizade, eu fiquei com

vergonha de lhe contar tudo. Disse apenas o que aconteceu, deixando-a curiosa.

— *Tá*, mas me conte os detalhes. Como ele é? Ele deve ser muito mais por debaixo daquele terno e gravata, não é mesmo?

— Ah, Irene, eu não me lembro direito. Estava bêbada. Só me lembro que aconteceu.

— Para de ser boba, minha amiga! Vocês dois são adultos, saudáveis, solteiros e livres para fazerem o que quiserem. Ninguém tem nada com isso. Mas não esconda o jogo e não coloque a culpa na bebida, mocinha. Vocês fizeram porque tiveram vontade. Senhor, até imagino, o duplex dele deve ter “pegado fogo”!

— Eu já disse, não me lembro muito bem.

Mentira das mais descaradas, é óbvio. Eu podia estar bêbada, mas me lembrava de tudo e nos mínimos detalhes. Entretanto, eu só queria esquecer e parar de pensar naquela noite. É, realmente a vida nunca é como a gente planeja.



A minha sorte é que entramos em férias coletivas, e eu só veria o Mauro novamente após as festividades de fim de ano. Então passaria tempo suficiente para que eu tivesse coragem de encará-lo novamente.

Eu ia passar a véspera de Natal com minha família, é lógico. Aquela festa enorme de novo.

Na manhã do dia 24 de dezembro, levantei-me, tomei um banho e fui fazer café, como de costume. Peguei os presentes de Natal que daria e percebi que eu tinha me esquecido completamente de comprar os presentes das crianças. E pior, eu não fazia ideia do que comprar. Tinha deixado essas compras por último, pois sabia que era a pior parte, mas me esquecera completamente.

Escovei meus dentes correndo, coloquei a primeira roupa que encontrei no armário e corri para o shopping. Aquele lugar estava um verdadeiro inferno de

tanta gente. Crianças correndo por todo lado, parecendo perdidas, adultos com milhares de sacolas.

Decidi ir até uma loja de brinquedos, já que em relação a roupas infantis eu era uma negação, pois nunca acertava o tamanho dos meninos, e minha irmã sempre tinha de trocar. Fiquei olhando os corredores da loja cheios de mães estressadas e crianças descontroladas correndo feito malucas. Distraída, andando por um corredor, um menino de uns dez anos de idade mais ou menos jogou uma bola de basquete com toda a força direto na minha cabeça. Meus ouvidos chegaram a fazer um “pi”. Ia xingar a mãe que deixava um pestinha daquele solto por aí quando escutei uma voz conhecida:

— Que pancada, hein?! Tudo bem com você?

— Ma-Mauro...? Oi. Tudo bem, eu acho.

— Está fazendo o quê parada no corredor de uma loja de brinquedos em plena véspera de Natal?

— Tentando encontrar algo para os meus sobrinhos.

— Quantos?

— Três meninos.

— Que coincidência, também tenho sobrinhos, são quatro meninos.

Fiquei sem jeito de lhe pedir, mas eu não tinha outra saída. Perguntei-lhe se ele podia me ajudar a escolher os presentes das crianças, já que eu não tinha jeito com elas. E ele, bem-humorado que estava, respondeu que me ajudaria com prazer. E assim saí de lá com três caixas enormes: um skate para o pestinha do Ruan, um console de videogame para o Lucas e um brinquedo caríssimo de uma marca famosa para o pequeno Gustavo.

Problema resolvido, passamos no caixa, e lá se foi o limite do meu cartão de crédito, mas pelo menos acho que nesse ano eu acertaria nos presentes. Enquanto a moça do pacote terminava de embrulhar tudo, eu agradei ao Mauro.

— Ah, tudo bem, Laura! Tenho sobrinhos também e sou louco por eles!

— Já os meus me deixam louca. Acho que não tenho muita paciência com crianças.

— Isso porque não teve os seus próprios filhos.

— Ah, não. Eu não quero ter filhos. Não nasci com dom para ser mãe.

Naquele momento a moça nos interrompeu, entregando os pacotes imensos. E olhava de um jeito todo insinuante para o Mauro. Eu não entendia o que as mulheres achavam tão fascinante nele. Sim, ele era um homem bonito e bastante atraente, mas tanto assim?

— Nossa! Quase 1h30 da tarde! Que tal você me pagar um lanche em agradecimento pela ajuda? Não precisa ficar brava, não. Eu pago. Mas, sério, que tal um lanche?

Realmente eu estava com fome e também não podia lhe negar um lanche, afinal, ele me ajudara muito. Fomos até a praça de alimentação, e meu medo de que ele tocasse no assunto daquela noite foi totalmente descartado pelo papo sobre os seus sobrinhos. Ele tinha quatro, o Júnior, de 16 anos, o Rafael, de 14, o Jackson, de nove, e o Natan, de três anos.

O lanche foi bastante agradável. O Mauro, muito educado, ajudou-me a levar as sacolas enormes até meu carro.

— Mauro, mais uma vez, muito obrigada. De verdade.

— Imagina! Quem tem que me agradecer são seus sobrinhos, já que os livreiros de ganharem presentes nada agradáveis.

— Bom, isso é uma grande verdade. Preciso ir.

— É, eu também. Vou pegar a estrada. Vou para a casa dos meus pais, no litoral. Vou passar as festas de fim de ano lá.

— Bom, então... Feliz Natal para você! Boa viagem e Feliz Ano Novo!

Dei um beijinho rápido e sem graça no seu rosto, e ele também pareceu sem graça. Pelo menos esse reencontro depois daquele dia na casa da minha mãe foi menos tenso do que eu imaginava. Achei que o Mauro tinha me dado razão no fim das contas.

Segui para o meu apartamento e, quando eram umas 8h da noite, fui para a casa da minha mãe. Deixei os presentes no carro para os entregar após a meia-noite. Umas duas horas depois, a casa já estava lotada, gente dançando, bebendo, crianças gritando e correndo pelo lugar. Minha irmã já veio falando para eu ir com cuidado na hora de entregar o presente do Ruan, pois ele ainda acreditava em Papai Noel.

— Tá de brincadeira?

— Não. Não estou!

— Você não acha que ele é bem grandinho para acreditar em Papai Noel?

— Sim. E um dia eu vou contar a verdade para ele. Só não quero que VOCÊ faça isso.

É claro que eu não ia falar nada, mas vontade não me faltou. Quando deu meia-noite no relógio, começamos as trocas de presentes. Os meninos, quando viram o tamanho das caixas em minhas mãos, ficaram com os olhinhos brilhando. Ainda tive de escapar das perguntas do Ruan sobre o Papai Noel:

— Mas, tia, se você não tem criança em casa, por que Papai Noel deixou esses presentes lá?

— Hum, é que ele sabe que eu tenho sobrinhos.

— Mas ele passou na minha casa. Por que não deixou tudo lá?

— Beth! Socorro! Pergunte a sua mãe, ela vai te responder.

Minha irmã olhou para mim e deu risada. Realmente eu não sabia como

lidar com crianças. Lógico que ela e minha mãe sabiam que eu não tinha escolhido os presentes sozinha, e contei que tinha encontrado o Mauro na loja por acaso e que, por ele ter quatro sobrinhos, todos meninos também, ele me ajudou.

— Eu sabia! Você nunca acerta na escolha dos presentes dos meninos, e desta vez me surpreendi. Mas e aí? Vocês conversaram?

— Como?

— Ué, sobre a noite tórrida de amor de vocês?

— Mas quem foi que te contou isso? Mãe!

— Querida, ela é sua irmã. Quer sua felicidade.

Claro! Minha felicidade nada. Ela queria era me atormentar, isso sim. Não queria que minha mãe ficasse falando da minha vida para minha irmã. Além do mais, não tinha sido uma tórrida noite de amor, e sim uma noite de loucura. Estávamos carentes, com os hormônios à flor da pele, com bebida no sangue... Só isso.

Lá pelas 3h da manhã, a Irene me ligou para desejar Feliz Natal. Acho que ela estava bêbada. Eu, como sempre, bebi todas. E, quando achava que o Natal estava normal demais, o Renato teve de aparecer com a Camila, ambos de mãozinhas dadas e tudo. Eles ainda tiveram a cara de pau de me desejar Feliz Natal. Eu sorri com meu pior jeito cínico de ser e falei para ela:

— Estou admirada, Camila. Não era você que não suportaria o mesmo homem por muito tempo?

— Depende do homem. Aliás, eu só estou com o Renato porque ele me satisfaz sexualmente falando. Mas ainda não desisti de conquistar o Mauro. E, se eu fosse você, ficava BEM longe dele. O Mauro ainda vai comer na minha mão.

— Ah, querida... Se você realmente acha que o Renato te satisfaz na cama, não sabe do que o Mauro é capaz! Mas tenho certeza de que isso é uma coisa que você nunca vai saber!

Ela arregalou os olhos para mim, incrédula. Eu mesma não acreditei que tinha acabado de falar aquilo. Porém, ela tinha me provocado. Comigo sempre foi assim, eu era boazinha, mas me cutucassem para ver. É claro que o fato de eu estar sob o efeito do álcool me deixava meio maluca.

E assim passou o Natal. O Ano Novo foi a mesma coisa, a casa lotada, muita música, comida e bebida. A gente tinha decorado a casa toda com balões brancos e prata.

Eu estava muito bem até depois do show de fogos de artifício. Meu cunhado inventou uma brincadeira boba de jogar as mulheres na piscina, e acabaram me jogando também. Saí da piscina e fui para dentro de casa pegar uma toalha para me enxugar, quando fiquei meio zonza. Quase caí. É claro que

era por causa da bebida, mas achei estranho. Eu sempre bebia demais em festas, ficava de ressaca no dia seguinte, mas nunca tinha me sentido daquele jeito. Estranhei.

No dia seguinte, primeiro dia do novo ano, fiquei em casa, de ressaca, é óbvio, mas pela primeira vez vomitei. Fiquei muito mal mesmo. Quase nem aproveitei o último dia de férias coletivas. Entretanto, não me preocupei. Devia ter sido porque eu misturara tudo quanto era tipo de bebida e comida.

Na manhã de segunda-feira, cheguei à revista recebendo o abraço caloroso da Irene e do Dudu. A Camila estava lá com aquela cara de ordinária que ela tinha, com um sorriso de orelha a orelha porque ia ver o Mauro novamente.

Naquele dia nem vi o Mauro, pois, quando cheguei, ele já estava na sua sala, e, quando saí, ele ainda estava lá.

Na terça-feira, e na quarta, nada de novo aconteceu. Na quinta-feira, na hora do almoço, enquanto eu fazia meu prato no bufê, senti uma tontura e, se o Dudu não estivesse atrás de mim para me segurar, eu teria caído no chão. Eu desmaiei. Acordei uns minutos depois com quase todo mundo da revista ao meu redor, incluindo o Mauro.

— Oi, Laura. Você está bem?

— Hã? Ah, estou. Acho que eu tive uma queda de pressão.

— Amiga, não é melhor você ir para casa?

— Não. Eu estou bem. Obrigada.

Eu tinha minha pressão sob controle, mas com o calor que andava fazendo, só podia ter sido aquilo. Todavia, aquela não foi a única coisa estranha que me aconteceu. Uma grande “surpresa” me aguardava.



No sábado, fui almoçar na casa da Irene. O Carlos tinha ido pescar, então ela estava sozinha com as crianças. Assim que entrei, fui cumprimentá-la com um beijo no rosto, mas não consegui chegar perto dela.

— Meu Deus, Irene! Que perfume está usando?!

— Ué, aquele que você mesma me deu de presente no meu aniversário do ano passado, lembra?

— Sim, mas...

Aquele cheiro me deu uma coisa tão ruim, mas tão ruim que saí correndo para ir ao banheiro, vomitar. A Irene veio correndo atrás de mim.

— E aí, amiga? Estou preocupada. Na quinta-feira você desmaiou no refeitório, agora, só de sentir o cheiro do meu perfume, você vomitou. Está tudo bem?

— Sei lá. Só de sentir esse cheiro, me deu um “troço” esquisito.

— Tipo?

— Como uma bola que subia e descia pelo meu estômago...

— Está enjoada!

— É. Isso mesmo.

— Ih, amiga, não queria te assustar, mas esses sintomas, eu conheço bem.

Passei por isso DUAS vezes!

Eu olhei para ela e entendi exatamente o que estava querendo dizer. Contudo, aquilo não podia estar acontecendo. Eu tomava pílula direitinho, nunca atrasara e fazia anos que eu tomava, então, o que a Irene estava insinuando era praticamente impossível.

— Tem um jeito de a gente saber. Quando foi a última vez que menstruou?

— Não sei, dia dois...

— Dia dois agora? Segunda-feira que passou?

— Na-não. Dia dois de dezembro. — Olhei-a assustada.

— Minha querida, nós estamos no dia sete de janeiro. Acho que suas “visitas” estão um pouco atrasadas, não acha?

Eu congelei. Não, aquilo não podia estar acontecendo. A Irene, muito mais ansiosa que eu, convenceu-me a ir até uma farmácia e comprar um daqueles testes de gravidez de caixinha. Eu ia levar apenas um, mas a Irene pegou uns quatro de marcas diferentes.

— É para ter certeza!

Chegamos ao apartamento dela, e olha, era muito difícil fazer xixi dentro daquele negocinho mínimo. Fiz o primeiro e, enquanto esperava o resultado, já fazia o segundo. Enquanto ia para o terceiro, a Irene pegou o primeiro teste.

— Minha nossa!

— O que deu?

— É melhor você mesma ver.

E deu positivo. Falei para Irene que aquele teste só podia estar errado. Olhei o resultado dos demais, e dos quatro testes, três deram positivo. A Irene pensava de forma mais lógica – eu estava grávida –, mas eu era mais teimosa, e o único teste que deu negativo para mim era o certo.

— Laura, tente ser mais racional. Você teve todos os sintomas. Vomitou, desmaiou, e sua menstruação está atrasada. Amiga, me desculpe, eu sei que não era o que você estava planejando, mas você vai ter um bebê! Parabéns!

— Não! Não pode ser verdade. Esse negócio está errado!

Para ter certeza absoluta, só fazendo um exame de sangue. Eu e a Irene fomos logo a um laboratório que abria no sábado. Só que, pela hora do teste, o resultado só sairia na segunda-feira.

— Mas eu não posso esperar até segunda-feira!

— Infelizmente o resultado não sai antes de seis horas. Amanhã, domingo, não trabalhamos, e fecharemos daqui a meia hora. A não ser que a senhora queira fazer uma ultrassonografia. Custa R\$ 170,00, mas o resultado sai na hora.

Desesperada, não podendo esperar mais, paguei pela ultrassonografia, achando que era daquelas em que o médico ia passar um gel frio na minha barriga e pronto, como vi em um filme, mas não. A tonta aqui não percebeu que seria uma ultrassonografia transvaginal.

Quando entrei na sala do médico, ele me fez algumas perguntas:

— Quando foi sua última relação sexual?

— Foi uma semana antes do Natal.

— Bem, hoje é dia sete de janeiro, o que nos dá três semanas. Talvez não dê para ver nada ainda. É muito cedo. Mas vamos tentar!

Foi uma das experiências mais desconfortáveis da minha vida. Contudo, como o médico já havia me alertado, não deu para ver nada. O jeito era eu esperar até segunda-feira. Pela recomendação do médico, eu agendei outra ultra para dali umas duas semanas.

Saí da sala do médico chorando. A Irene já veio me abraçando, dizendo que ter um filho não era tão ruim assim, que “isso” e que “aquilo”.

— Irene, não deu para ver nada! Eu vou ter que esperar até segunda-feira.

— Calma, amiga! Quem sabe não seja nada mesmo. Vá para casa! Descanse e não fique pensando besteira.

Descansar? Imagina! Eu nem consegui dormir naquela noite.

No domingo recusei os convites da minha mãe, da Eva e da Irene para ir almoçar na casa delas. Eu não estava no clima para aquilo. Olhei-me no espelho e me imaginei com uma barriga, colocando o travesseiro debaixo da blusa. Senti-me uma alienígena.

Na madrugada de domingo para segunda-feira, não dormi direito. Senti-me mais enjoada do que nunca. Também não dormi de ansiedade para ver o resultado do Beta HCG, que eu poderia ver pela internet.

Fiquei na segunda-feira pela manhã olhando a cada meia hora o site do laboratório, se já tinha saído o resultado do exame de sangue, mas nada.

Na hora do almoço, eu não consegui comer nada. Quando voltei para minha mesa, a primeira coisa que fiz foi entrar no site do laboratório para ver se o resultado já estava disponível. E finalmente meu nome estava lá. Laura Veloso de Moraes. Cliquei no ícone, e apareceu o resultado, que foi... positivo.

Saí correndo para o banheiro. Dessa vez, para chorar. Chorar de desespero. Chorar de um jeito que eu nunca tinha chorado na minha vida.

A Irene deu um jeito e veio atrás de mim.

— Amiga, e aí? Qual foi o resultado?
— Positivo. De novo.
— Laura, não chore. Uma criança é sempre uma benção.
— Para quem quer! Eu não quero! Eu não nasci para isso!
— Agora não há nada que você possa fazer. O jeito agora é contar para aquele traste do Renato!

Renato? Não podia ser pior. Não havia a mínima chance de aquele bebê ser do Renato. Aquilo tinha sido culpa do... do Mauro! Eu estava perdida. Como eu ia contar para o meu chefe que aquela noite em que perdêramos o juízo tivera uma consequência? Agora, sim. Tudo tinha se tornado um grande desastre!

Olhei para Irene, verifiquei se não tinha mais ninguém no banheiro e tranquei a porta.

— Você não entende, Irene?
— Não entendo o quê? Você não fez esse bebê sozinha. O Renato pode ser um crápula, mas ele tem que ser responsável. Assumir. E... Ai, não! Aff. Maria. Do. Céu! O bebê não é do Renato, é?

— Não.
— É do... É do Mauro, Laura? Do nosso chefe?
— Aham...
— Gente do Céu! Amiga, eu nem sei o que te falar.
— Irene, eu estou perdida. Como é que eu vou contar isso para o Mauro?
— Tenha calma, amiga. Vamos pensar em alguma coisa, *tá*? Agora dê um trato nessa cara de choro, que a gente tem que ir trabalhar.

O mundo parecia ter desabado nas minhas costas. O que eu ia fazer? Eu era contra o aborto, e isso jamais passaria por minha cabeça. Outra mulher no meu lugar estaria dando pulos de alegria, mas eu queria morrer!

Decidi esperar até a sexta-feira, quando eu entregaria os textos da capa da revista revisados para o Mauro, para enfim conversar com ele. Entrei na sua sala, sentei-me de frente para ele. Desde que eu descobrira que estava grávida, eu não conseguia sequer olhar nos olhos do editor. Aquela era a primeira vez desde segunda-feira. Ao menos um consolo eu tinha: se meu bebê nascesse com aqueles olhos, alguma coisa bonita ele teria.

— E então, Laura? Você está melhor? Achei você meio abatida essa semana.

— Ah, é... Eu ainda estou me recuperando de um baque.
— Nossa, é alguma coisa em que eu possa ajudar?
— Claro. Aliás, eu gostaria de saber se você gostaria e poderia ir almoçar comigo amanhã. Eu preciso muito conversar com você.
— Você deve estar com um problema muito grave. Está me convidando

para um almoço?

— Sim, mas só se não estiver muito ocupado.

— Está bem. Eu vou, sim. Mas eu escolho o restaurante e pago a conta.

— Como quiser.

— Passo para te buscar a que horas? E me passe seu endereço.

— Pode ir me buscar na casa da minha mãe. Você já sabe onde é. Às 12h30 está bom para você?

— Está ótimo. Estarei lá.

O medo me atingiu como uma faca. No entanto, agora eu teria de enfrentar isso e contar a notícia para o Mauro de um jeito ou de outro.



Naquela sexta-feira fui dormir na casa da minha mãe. Eu precisava daquilo que nunca tinha pedido a ela, colo. E ombros para chorar.

Quando cheguei, ela e seu Lourival iam começar a jantar.

— Oh, meu bem. Que bom uma visita sua sem avisar!

— Desculpa não ter avisado. Será que eu posso dormir aqui hoje?

— Mas é claro que pode! Venha, chegou no horário certo, acabei de colocar o jantar na mesa. E parece que adivinhei, fiz purê de batatas daquele que você adora.

Quando não era final de semana e não era dia de festa, a casa da minha mãe só tinha dois habitantes, ela e o seu Lourival. Sentei-me e comecei a fazer meu prato, quando aquele enjoo voltou. Saí correndo para o banheiro. Minha mãe olhou para o seu Lourival e veio atrás de mim.

— Laura querida, você está bem?

— Hã? Não...

Caí no choro. Minha mãe me deu um abraço e foi comigo até o meu antigo quarto.

— Acho que você precisa conversar, não é, filha? Nunca vi você chorar. O que aconteceu?

— Ai, mãe, eu estou...

— Você está...?

— É uma tragédia, mãe.

— Laura, você está me deixando preocupada. O que você tem?

— E-eu estou grávida!

— Gra-grávida? Mas, meu bem, por que esse desespero todo? Tenho certeza de que o Renato vai adorar saber disso e... Na-não é do Renato! É daquele rapaz charmoso de olhos azuis que esteve aqui na festa de aniversário de casamento do seu pai e da Eva... o seu chefe?

— Aham.

Eu chorei copiosamente. Nunca tinha chorado tanto na minha vida.

— Meu bem, você está fazendo tempestade em copo d'água! Ter um filho é sempre uma benção! É um presente de Deus!

— Mas isso não estava nos meus planos. Nunca estive! E eu não tenho jeito com crianças, nem paciência! Você me conhece. Eu não sei como isso aconteceu.

— Vocês usaram camisinha?

— Não. Mas, mãe, eu sempre tomei pílulas. Tomei sempre certinho, no horário certo, nunca esqueci um único dia. Vou processar essa empresa!

— Filha, o que tem que acontecer, vai acontecer, não adianta. Deus quis assim. Eu vou ajudar você.

— Eu sei que é pecado dizer isso, mas até agora eu só consegui sentir rejeição por essa criança!

— Você aprenderá a amar esse bebê. Nós, sua família, estamos aqui para te ajudar.

— Eu vou ficar horrível! Vou engordar.

— Não vai, não. Vai ficar uma grávida linda. Oh, minha querida!

Adormeci nos braços da minha mãe. Nem vi quando ela me cobriu e saiu do quarto. Desmaiei. Acordei no dia seguinte com os olhos inchados, mas me sentia um pouco melhor. Desci até a cozinha, e minha irmã já estava lá com a sua “trupe”. Minha mãe olhou para ela e, pela cara que fez para Beth, já lhe tinha contado tudo.

Olhei feio para mamãe e ainda falei para Elizabeth que, se ela quisesse tirar

sarro da minha cara, que ficasse à vontade. No entanto, num gesto inesperado da sua parte, ela me deu um abraço e disse que era melhor que fosse uma menina, pois já havia meninos demais na nossa família.

Eu tive de rir. Entretanto, logo o sorriso sumiu do meu rosto. O Mauro vinha me buscar para almoçarmos juntos, e eu iria despejar aquela bomba em cima dele. Eu não sabia nem como começar. Eu mal o conhecia pessoalmente, não fazia ideia de como ele iria reagir.

Não me arrumei muito, fiz uma trança, coloquei um vestido comprido estampado com motivos florais. Ele foi superpontual e, no horário combinado, estava lá.

No carro, eu mal conseguia olhar para ele direito. Ele também não disse nada no caminho até o restaurante.

Sentamo-nos, fizemos o pedido, e Mauro logo começou a puxar conversa:

— Fiquei bastante surpreso com seu convite, Laura. Principalmente depois do fora que me deu após aquela noite no meu apartamento.

— É exatamente sobre aquela noite que quero conversar.

— Acho que você talvez tenha tido razão...

— Eu fui muito grossa com você.

— Então quer se desculpar?

— Mais ou menos... Mauro, eu nem sei como começar a te contar isso...

Olhei para meus pés, e o medo vinha lá de dentro de mim. Tudo seria tão mais fácil se a criança fosse do estropício do Renato... Não! Não podia nem cogitar isso. O bebê já teria uma péssima mãe, era melhor ter um pai razoável.

O Mauro começou a me olhar, riu do meu jeito e me perguntou o que eu tinha, que estava parecendo tão nervosa. Eu o olhei, e naquele momento nosso pedido chegou. Ele tinha me levado a um restaurante italiano bem no centro da cidade.

— Está bem, Laura. Chega de suspense. Pode falar. O que está acontecendo?

— Aquela noite, Mauro, foi uma sucessão de erros. Aquilo não deveria ter acontecido.

— Tá, isso você me falou. Inclusive disse que era para esquecermos tudo. Eu nem toquei no assunto, e, no entanto, você me convida para um almoço e toca nele...

— Bem... realmente eu queria esquecer. Só que houve uma consequência gravíssima.

— Não estou entendendo aonde quer chegar.

Ai, meu Deus, ele havia largado o garfo com o qual estava comendo e estava me encarando. Ficou com aquele jeito inquisidor. Tremendo, revelei de

uma vez só:

— Mauro, eu estou grávida!

— Co-como? Quê?

— Eu não sei. Eu sempre tomei pílulas, mas parece que não foi o suficiente para evitar isso, e...

— Você tem certeza absoluta disso?

— Sim, estou com os exames aqui dentro da minha bolsa!

Ele ficou em silêncio. Eu comecei a ficar angustiada, com as mãos suando, e informei:

— Olha, isso nunca esteve nos meus planos! Eu não queria isso! Você se lembra daquele dia no shopping, na véspera de Natal? Eu te falei que não queria filhos...

— Espera lá, esse filho pode ser daquele cabeludinho do seu ex.

— E eu não ia ter certeza de quem fez isso comigo? — Fuzilei-o com os olhos.

— Eu não sei, de repente, por eu ter uma condição de vida melhor e...

— Quê?! Eu não acredito que você disse isso! Eu não sou dessas, não, *tá*, meu filho?! Se você não percebeu, eu tenho uma família com uma infraestrutura muito boa, não preciso da sua “melhor condição de vida”, não, *tá*?! Seu grosso! Eu vou embora! Você está me dando enjoo! Já falei o que tinha que falar, se você acredita ou não, o problema é seu! Mas daqui a nove meses, ou um pouco menos, você será pai, e torço para que o bebê seja a sua cara, seu estúpido!

Saí dali com o rosto ardendo de raiva. Peguei um táxi e voltei para casa da minha mãe. À noite, a Irene me ligou para saber qual tinha sido a reação do Mauro. E eu fiquei me perguntando por que fui contar tudo para ele. A Irene falou que eu fiz bem em contar, já que ele era o pai, que a reação dele podia ser apenas pelo calor do momento e que provavelmente àquela altura ele já devia estar arrependido do modo como falara comigo.

Dormi novamente na casa da minha mãe. No domingo não fiz nada o dia todo. Só queria sumir, ir para bem longe e me esquecer de todo aquele pesadelo. O problema era que o pesadelo estava ali, dentro de mim, e eu não podia fazer nada para mudar aquela situação.

Na semana que se seguiu, eu nem olhava para a cara do Mauro de tanta raiva. Ele me procurou algumas vezes no refeitório para conversar comigo, mas eu não falava com ele se o assunto não fosse totalmente profissional.

Uma semana se passou. Na terça-feira, dia 23 de janeiro, eu fui cedo ao laboratório onde tinha marcado com o médico uma outra ultrassonografia desagradável. Já tinha avisado a Irene e lhe pedi que comunicasse ao Mauro que eu chegaria mais tarde na revista, mas que não lhe desse mais detalhes.

Mal sabia eu que, enquanto eu esperava na sala do laboratório, a Irene simplesmente tinha passado um belo sermão no Mauro e o mandara ir atrás de mim.

Eu havia chegado lá uns vinte minutos antes do horário marcado e, enquanto esperava nervosamente o médico me atender, folheava uma revista sobre crianças – aliás, era o único tipo que havia ali. Eis que o bonitão do Mauro aparece com aquela cara de cachorro que caiu da mudança, todo preocupado.

— Laura!

— Mauro? Mas o quê...

— Uma longa história e um belo puxão de orelha. A Irene me contou tudo sobre você e seu ex e me convenceu de que esse filho que você espera é meu. E eu sinto muito, Laura, se de alguma forma eu te ofendi. Eu fui um tremendo idiota e espero que você me perdoe.

— Eu mato a Irene! Ela me prometeu que não ia se envolver nisso!

— Não a culpe. E-eu só queria me desculpar e dizer que sinto muito.

— Ah, você sente muito... Ora, seu... É engraçado que, na Irene, você acreditou!

— Na verdade, eu tentei conversar com você antes, mas você fugia de mim como o diabo foge da cruz. E eu já estava arrependido antes de ter essa conversa com a Irene. Acredite, ela não ia me contar onde você estava, mas eu insisti muito e prometi a ela que não iríamos brigar.

Eu ia xingá-lo, e minha vontade era de pegá-lo pela gravata e o enforcar. Todavia, o médico apareceu e me chamou. O Mauro, metido, enfiou-se junto comigo dentro da sala. Se aquela primeira ultra tinha sido desconfortável, com o Mauro ali de plateia foi muito pior. E, dessa vez, deu para ver o embrião, aquela coisinha minúscula lá dentro.

— Doutor, eu bebi um pouco demais nas festas de fim de ano, não fazia ideia de que tinha esse ser crescendo aí dentro. Isso pode prejudicar o bebê?

— Olha, o embrião está bem. Mas recomendo que não faça uso de bebidas que contenham álcool. Procure se alimentar de coisas mais naturais e fique longe de cigarros também.

— Doutor, eu nunca falhei com meu contraceptivo. Como isso pode ter acontecido?

— Senhora Laura, a senhora faz uso há muito tempo do mesmo contraceptivo?

— Uns anos. Uns 15 anos mais ou menos.

— Pode acontecer. Nunca se esqueceu de tomar sequer um único dia?

— Não que eu me lembre... Talvez tenha tomado uma pílula ou duas atrasadas, mas...

— Olha... É muito difícil não esquecer uma vez ou outra, ainda mais tomando a mesma pílula há tantos anos.

— É que tem coisas que acontecem quando Deus quer, não é, doutor? — pronto, lá vinha o Mauro se intrometendo na conversa.

— Sim, mas embora seja raro engravidar tomando a pílula, pode acontecer, como aconteceu com a senhora, pois nenhum método contraceptivo é infalível. Agora lhe recomendo que faça corretamente o pré-natal para acompanharmos o crescimento dessa nova vida. Não se preocupe. Você terá uma criança linda e saudável. Gostariam de ouvir o coraçãozinho do bebê?

— Já dá para ouvir, doutor?! — inquiriu o Mauro empolgado.

— Sim, é claro. Só um minuto.

O doutor ligou um aparelho, e logo escutamos os batimentos cardíacos acelerados do bebê, tão rápidos que eu nem conseguia perceber que eram os batimentos de um coração. O Mauro ficou encantado, com lágrimas nos olhos, todo emocionado. Contudo, eu não sentia nada. Pelo menos até aquele momento.

Eu estava com exatamente cinco semanas e meia de gestação. O Mauro ficou lá, todo bobalhão, olhando aquele monitor ininteligível. Ele parecia feliz. Porém, eu não conseguia me animar com a ideia. Na verdade, estava apavorada.

Não falei uma palavra sequer para o Mauro. Ainda sentia muita raiva dele. Quer dizer que a Irene tivera de contar como andava minha vida sexual com meu ex para ele ter certeza de que “aquela coisinha estranha” que ia crescer dentro de mim era culpa dele?! Ok, dele só, não, minha também, mas no momento eu só podia colocar a culpa nele por estar com muita raiva.

Chegamos juntos à revista. Eu me sentei à minha mesa, e ele foi para a sua sala com um bom humor que eu nunca tinha visto. *Ui, que ódio!* A Irene me olhou, e eu a fuzilei com os olhos. Ela não podia ter feito aquilo comigo.

Na hora do almoço, no refeitório, estávamos eu, o Dudu e a Irene à mesa.

— Você não vai falar comigo nunca mais?

— Você me traiu, Irene!

— Meu Deus, eu te ajudei. E ainda arrisquei meu emprego, pois falei com ele como se fosse um dos meus filhos que tivesse aprontado alguma travessura muito feia. Tudo bem que ele me pressionou bastante, e você sabe que eu não funciono bem sob pressão, só que acabei perdendo minha paciência com ele e tive que contar que o Renato fazia algum tempo que não comparecia, né?! E no fundo ele também já sabia que o bebê era dele.

— Bebê? Que bebê? Não vai me dizer... Laura! Laurita! Parabéns, amiga!

— Schiu! Quietos, Dudu! Não quero que ninguém saiba!

— Ei, *honey*, sossega! Daqui a alguns meses vai ser praticamente impossível você esconder.

— Eu sei. Mas prefiro que ninguém saiba agora.

— Ai, que legal! E me mate a curiosidade, quem é o “bofe” sortudo? — O Dudu “jogava no mesmo time” que a gente e era um amigo para quem eu sabia que podia contar e confiar.

Olhei para Irene, e ela deu um cutucão no braço do Dudu, que logo entendeu meu desânimo quando a Irene soltou sem querer o nome do Mauro, fazendo com que ele soubesse exatamente de quem era o meu filho.

Às 17h, eu já estava arrumando minha mesa para ir embora, quando o Mauro me chamou para ir até a sala dele.

— Desculpe, mas hoje eu não posso fazer hora extra.

— Quero conversar com você em particular na minha sala. Agora!

Revirei os olhos, suspirei fundo e fui. A Camila ainda estava por lá e ficou me olhando com cara de deboche, provavelmente achando que eu iria levar algum tipo de advertência. Como ela parecia com os olhos e ouvidos atentos à sala do Mauro, ele fechou a porta assim que entrei.

— Laura, eu...

— Você já me pediu desculpas um *zilhão* de vezes. Posso ir para minha casa? Estou cansada.

— Eu só queria saber se você está bem, se está mais calma.

— Não. Eu não estou nada bem. E não, não estou calma. E acho que vou passar os próximos oito meses sem falar com você.

— Eu só não quero que você cometa alguma bobagem.

— O quê? Vem cá, você não está achando que...

— Eu não sei. Você não suporta crianças, pelo que pude notar, e isso me assusta!

— Sabe o que me assusta? É você achar que eu possa cometer uma atrocidade como essas! Eu nasci e fui criada dentro de uma família muito católica, inclusive minha mãe é fervorosa. Acha mesmo que eu faria um aborto? Ah, você não me conhece mesmo!

— Desculpa. Me desculpa. Não quis ofender você.

— É a segunda vez que você me diz coisas ofensivas, Mauro. Sério mesmo, não sei como eu consegui passar uma noite com você.

— E foi bem intensa e você não reclamou nem um pouco, se eu me lembro bem.

— Eu sou muito idiota. Se não fosse isso, eu não estaria nisso agora!

— Sim, e eu só quero te dizer que estou com você nessa.

— É o mínimo, não é?! Afinal esse troço não entrou sozinho no meu útero.

— Não chame o bebê assim. Eu quero te conhecer melhor, quero que você me conheça melhor. Trabalhamos há quatro anos juntos, mas nem nos

conhecemos direito fora da revista. Quero saber quem você realmente é.

— Se está preocupado que eu tenha alguma doença contagiosa, pode ficar despreocupado. Tomei todas as vacinas. Ah, minto, esqueci de uma, a que evita ficar longe de caras feito você.

— Claro, a culpa é minha. Não se esqueça, mocinha, que eu não fui o único que esqueceu da camisinha. E eu também não tenho nenhuma doença contagiosa. Não se preocupe. Vou sempre ao médico e sou saudável.

Depois dessa, fechei a cara para ele, peguei minha bolsa e fui para casa. O problema era que não tinha mais jeito. Estávamos juntos naquilo. Ele ia ter de me aturar, e eu, de aturá-lo.

Eu ia deixar bem claro para ele que nós não seríamos um casal. Teríamos um filho juntos, mas apenas isso. Nada de “casal”. Ele na dele, e eu na minha.



Um fim de semana depois da minha conversa com o Mauro, minha mãe decidiu que faria um almoço para ele. Daquela vez estávamos somente os familiares mesmo, o “básico”: minha mãe e seu Lourival, meu pai e a Eva e minha irmã Beth com o marido e os filhos.

Durante o almoço, a Eva, sem saber direito como aquilo ia funcionar, veio nos perguntar quando iríamos nos casar, se antes ou depois que o bebê nascesse. Eu quase me sufoquei com a comida, e o Mauro se apressou a dizer:

— Dona Eva, estamos nos conhecendo. Nos conhecemos apenas profissionalmente e...

— Eva, não terá casamento. Nós dois só vamos ter um filho juntos, pois fomos irresponsáveis, e somente isso. Amigos é o máximo que seremos. E olhe lá — minha voz saiu corrida, pois falei o mais rápido que pude.

O assunto mudou para o que o Mauro fazia exatamente antes de entrar na revista, onde ele tinha sido criado. Enfim, ele, meu pai, meu padrasto e meu cunhado se tornaram os novos “melhores amigos”.

Eu ainda tinha enjoos, o que minha irmã, com experiência de três gestações, disse que era normal. E ela me deu ainda um cartão do obstetra que cuidara dela nas três vezes.

Eu estava irritada. Enquanto os homens conversavam lá fora, eu, minha mãe, a Eva e a Beth limpávamos a cozinha, e a Eva era só elogios para o Mauro:

— Eu te disse, naquele dia da festa, que ele era um tipão. Eu gostei dele. Além de bonitão, é educado, gentil... Entendo por que você não conseguiu resistir.

— Eva!

— Eu também gostei dele. Ele é lindo mesmo, irmã. Nossa, seu bebê será lindo!

— Até você, Elizabeth?! Para vocês ficarem sabendo, ele é chamado por nós na revista de “homem de ferro” por ser um tirano. Está sempre de cara fechada e mal-humorado.

— Ele não me parece ser tão ruim assim. Ele tem um jeito tão bonitinho de olhar para você, Laura.

— Ai, vocês estão me irritando! Será que dá para falar de outro assunto que não seja o Mauro?! Se vocês me dão licença, eu vou ali ao banheiro vomitar!

O Mauro, pelo jeito, tinha conquistado a todos. Elas só o elogiavam, o que me deixou bem irritada. Elas não o conheciam como eu. Ou eu achava que conhecia, sei lá.

Quando voltei, senti aquele cheiro horrível.

— Beth! Que cheiro é esse?

— Ah, deve ser o Gustavo! Tá na hora de trocar a fralda! Não é, meu amor?! Vamos mostrar a “surpresinha” para a tia Laura? Vamos? Toma, Laura! Todo seu!

— O quê?!

Minha irmã largou o Gustavo no meu colo e pediu para eu trocar a fralda dele. Porém, eu não fazia ideia de como fazer aquilo. Eu mal conseguia segurá-lo no colo. Minha irmã veio com aquela conversa de que eu tinha de treinar. Fomos até o quarto da minha mãe, deitamos a criança na cama, e ela foi me dizendo o que fazer.

— Ótimo! A calça já foi, agora pode tirar a fralda!

— Ai, isso é nojento!

— Anda logo! E pode se acostumar, você vai fazer muito isso ainda!

Apesar do nojo, tirar a fralda foi fácil, mas colocar outra foi um sacrifício! O

moleque não parava quieto, esperneava e chorava.

— Ah, assim não dá! Ele não ajuda!

— É assim mesmo! Pode segurar as perninhas dele.

— Mas ele é tão molinho. Dá medo de quebrar ele no meio!

— Isso porque seu sobrinho já tem quase um ano. O seu bebê vai ser bem mais pequenininho e mais molinho! Tem que ser delicada!

Com muita luta, consegui. No entanto, quando o levantei da cama, a fralda soltou. Ficou frouxa, e tive de a colocar de novo.

Meia hora depois, eu finalmente consegui.

— Então, filha?! Viu, não é nenhum bicho de sete cabeças.

— Não. De sete, não. De umas 15 ou 20 mais ou menos. Sério, não entendo. Como é que vocês conseguem?

Eu ainda não conseguia me acostumar com aquela ideia de ser mãe. O Mauro estava animado, totalmente meu inverso. Claro, não era ele que iria engordar e sentir as dores do parto! Dores do parto? Eu não tinha nem pensado naquilo ainda. Com certeza, quando chegasse o momento certo, eu falaria com o médico e faria uma cesárea.

Lá pelas 6h da tarde, eu quis ir embora e, como tinha vindo com o Mauro, tive de chamá-lo para que me levasse para casa. Ele estava se divertindo demais para o meu gosto. Estava invadindo e “roubando” minha família.

Ainda quando nos despedimos, tive de ouvir do meu pai:

— Mauro, você é um excelente rapaz! Seja muito bem-vindo à nossa família. Afinal, agora teremos um laço para o resto da vida!

Despedimo-nos, e, no caminho de volta até meu apartamento, eu não falei um “a”. Já ele estava com um sorrisinho cínico, gabando-se por ter conquistado minha família toda, por certo.

Não deixei que ele entrasse em meu apartamento e me despedi com um tchau bem mal-humorado.

Agora que a “ficha estava caindo”, aquela situação toda ia mudar radicalmente tanto a minha vida quanto a do Mauro.



Aqueles três primeiros meses estavam sendo terríveis. Fiquei me lembrando da conversa com minha mãe naquele dia, ela me perguntando se eu preferia menino ou menina, e eu dizendo que não preferia nada.

Na verdade, aquele bebê era um ser estranho para mim. Eu nem ao menos sabia pegar um neném no colo. Morria de medo de derrubar. Comecei a ter pena daquela criança; ela teria uma péssima mãe.

Na manhã seguinte, na revista, logo cedo, o Dudu chamou a mim e ao Mauro, avisando-nos que a dona Marta queria conversar com a gente em particular e que era para nós irmos à sala dela imediatamente.

Gelei na hora. Fiquei pensando no que ela queria. Será que eu tinha feito algo errado? Por que ela tinha chamado o Mauro também?

Assim que entramos, ela nos mandou sentar e ficou nos olhando com *aquela* cara. Eu estava quase tendo um *piti* de tão nervosa.

— Muito bem... Uma “pulguinha” me contou que em breve teremos um bebê! Gostaria de saber se isso é mesmo verdade.

— Sim, senhora. Mas nós íamos contar, só estávamos esperando o momento certo, dona Marta — disse logo o Mauro.

— Pois saibam que eu adorei a notícia! Adoro bebês! Parabéns! E vocês dois sempre foram tão discretos, eu nem percebi que estavam namorando.

— Dona Marta, nós não estamos namorando. Simplesmente bebemos demais, e isso acabou acontecendo por sermos irresponsáveis. Mas de forma alguma somos namorados — expliquei logo, sem rodeios.

— Nossa, Laura, você é sempre direta e sincera ao extremo! Gosto disso em você. Por isso pedi que vocês dois viessem até aqui. Queria dar-lhes os parabéns e lhe dizer, Laura, que tudo o que precisar, é só me avisar. — Ela deu um abraço no Mauro e me abraçou em seguida, logo passando a mão em minha barriga. *Por que as pessoas têm essa mania de, quando veem uma mulher grávida, passarem a mão em sua barriga mesmo quando ela nem aparece ainda?*

— Obrigada.

Eu fiquei totalmente sem jeito. Então perguntei a ela quem lhe havia contado, pois sabia que o Dudu não contaria, e ela me falou que foi a Camila. Lógico! Eu não sabia como ela descobrira, mas, se ela achara que ia me prejudicar, acabara errando feio.

Quando eu e o Mauro voltamos para o nosso andar, a Camila veio em minha direção achando que eu tinha levado a pior, mas “caiu do cavalo”, pois o Mauro se meteu e lhe respondeu à altura.

— Pois é, né, Laura, eu tive que contar seu segredinho para a dona Marta. Espero que não tenha ficado chateada comigo. Mas quem manda você querer dar o golpe da barriga no chefe?!

— Camila, se por acaso você pensou que prejudicaria a Laura contando sobre a gravidez dela a Marta, se enganou. Nós contamos a verdade para ela, que nos parabenizou pelo bebê. Seu tiro saiu pela culatra. E a Laura não precisaria dar um “golpe da barriga”, já que tem uma família que a apoia. Quanto a sua atitude... não foi nada profissional.

— Mauro, eu fiz o que era certo! Será que todos estão cegos? Está óbvio que ela quer subir na carreira dando o golpe do baú em você.

— Acho que eu sou bem grandinho para descobrir se ela teve uma intenção assim, não é mesmo, Camila?! Agora se cale, ou irei pedir que compareça ao RH e pedirei sua demissão imediatamente.

Ela fechou a cara e apenas disse que eu ainda ia ter o que merecia. Coitada, ela estava com muita raiva de mim, pois eu agora estava grávida do homem que ela dizia amar. Eu sabia que logo, logo ela ia aprontar alguma para mim, mas eu estava de olhos BEM abertos.



Sempre me disseram que mulheres grávidas tinham o humor alterado, que ele oscilava, e eu sempre achei que era frescura. Entretanto, naquela semana, eu estava muito irritada. Estava prestes a entrar no quarto mês de gestação, e meus seios estavam inchados, doloridos, minha barriga já aparecia, e eu me irritava por tudo e qualquer coisa.

Cheguei naquela quarta-feira à revista muito mal-humorada.

— Bom dia, Laura!

— Bom dia só se for para você, Irene!

— Credo, que bicho te mordeu?

— Ai, não sei. Só não estou muito a fim de conversa hoje. Pode ser?

Para piorar ainda mais meu humor, a Camila passou por mim e falou:

— Minha nossa, Laura! Onde vai parar assim? Tome cuidado para não

engordar demais, a cada semana que passa você está maior!

— Ora, sua...

A Irene se meteu na minha frente e falou para Camila me deixar em paz e que eu não estava gorda, e sim grávida, e ainda a atacou dizendo que quem devia se cuidar era ela, já que parecia ter engordado uns três quilos no último mês e nem grávida estava.

Mesmo com a Irene me defendendo e dizendo para eu não me importar com o que a Camila falava, porque ela queria era me provocar mesmo, eu fiquei com aquilo na cabeça. Comecei a me achar gorda e feia. E, para piorar ainda mais a situação, eu passei a ter um certo tipo de fome insaciável.

No domingo ia ter a festinha de aniversário do meu sobrinho mais novo. Um aninho. Cheguei cedo à casa da minha mãe para ajudá-la, e a Eva, na decoração. Como eu já disse, toda e qualquer festa era feita lá por ter um belo terreno. A casa parecia mais um salão de festas, pois tudo quanto era comemoração era feita ali. Meu humor estava até voltando ao normal, mas então meu querido cunhado apareceu e estragou tudo de vez.

— Nossa, cunhadinha! Sua “pancinha” está ficando grande, hein?! Não têm dois bebês aí, não?!

— Jean, vai se ferrar!

— Calma, eu só estou dizendo que sua barriguinha já está evidente e...

— Cala a boca! Eu não quero mais ouvir sua voz, Jean! Dá para me deixar em paz, por favor!?

Saí de perto dele e fui para a cozinha. Deu-me uma fominha fora de hora. Fucei a geladeira da minha mãe e peguei um pedaço gigantesco de melancia, e o idiota do Jean, vendo que eu estava de péssimo humor, em vez de ficar quieto na dele, veio me atentar de novo:

— “Crendios” pai! Você vai virar um elefante! Tá comendo para caramba!

— Ah, chega! Quer saber, Jean? Eu sempre achei você um pé no saco! Você é ignorante, idiota, suas piadas são sem graça, ninguém ri, só você! Você se acha o cara, mas, meu filho, você é um tremendo babaca! Só minha irmã para te aturar mesmo!

— Por que *tá* me falando isso só agora?

— Porque eu estou temporariamente descontrolada e louca! Você me irritou o suficiente por hoje, mas quer saber? Foi ótimo jogar isso na sua cara! Seu insuportável!

Peguei minha melancia e saí de casa. O Jean contou para minha irmã o que tinha acontecido, e ela riu, é claro. O que podia fazer? Ela sabia como eu estava me sentindo.

Todavia, minha crise de mau humor só piorou, pois o Renato apareceu na

festa. Eu nem imaginava que minha irmã o tinha convidado. Pelo menos ele estava sozinho, não estava com aquela Camila. Veio conversar comigo.

— Você está linda, Laura!

— Nem vem, eu tenho espelho em casa e sei como estou.

— Só queria te elogiar. Será que esse filho não pode ser meu, Laura? Eu ia adorar se fosse, assim teria uma ligação com você pelo resto da vida.

— Deus me livre! E, graças a Deus, não, esse bebê não tem a mínima chance de ser seu. Ah, é, estou me lembrando, não trouxe o seu brinquedinho sexual, a Camila?

— Ah, não. Nós não estamos mais juntos. Laura, eu estava pensando. Eu gostaria muito de uma segunda chance.

— Renato, cai fora. Eu cansei de falar para você: pisou na bola comigo, é uma vez só. E agora estou grávida de outro, uma situação que nunca quis para mim. Então esquece. Falando em outro, o Mauro acabou de chegar. Me dá licença.

Olhei para ele de cara feia. O que Renato estava pensando? Que eu ia voltar com ele estando grávida do Mauro? E, mesmo que eu não estivesse, eu jamais lhe daria uma segunda chance. Se alguém trai uma vez a minha confiança, pode ter certeza, não haverá segunda vez.

Fiquei contente com a chegada do Mauro, pois assim não ia demorar muito para cantarmos os parabéns. Eu não via a hora de aquilo acabar logo para eu comer uma bela fatia de bolo e para aquela criançada barulhenta e bagunceira ir embora.

Simplesmente fiquei de boca aberta com o Mauro, ele realmente levava jeito com crianças. Meu sobrinho caçula estava bem chatinho naquele dia e não ia para o colo de ninguém, a não ser o da mãe, mas o Mauro chegou, começou a conversar e brincar com ele e pôde dar um alívio para minha irmã, pois conseguiu segurá-lo no colo por um bom tempo.

— Viu, Laura, como sou domador de crianças?! E aí, como está o nosso bebê?

— Ah, sei lá. Deve estar bem, olha só o tamanho que ele está me deixando. Me faz comer o dia todo!

— Para ser bem sincero, acho que você está ficando mais bonita. Você estava magra demais.

— Não comece você também.

— Mas o que eu fiz?

— Mauro, não cutuque, ela está de mau humor! — intrometeu-se a Irene.

— Irene?!

— Mas é verdade.

Assim que cantamos os parabéns, enchi meu prato com doces, salgados e uma fatia enorme de bolo. Para não ficar ali fora com aquelas crianças barulhentas, fui comer na sala, sentada bem sossegada em frente à TV de LED do meu padrasto. Tudo estava muito tranquilo, quando o meu sobrinho Ruan (o terrível de seis anos), veio se sentar ao meu lado.

— Tia...

— Hum?

— É verdade que você vai ter um neném?

— É...

— É ele que está aí dentro da sua barriga?

— É...

— Eu vou poder brincar com ele?

— Claro. Quando ele crescer.

— Sabe, tia, eu gosto de você! Mas agora eu vou lá fora brincar, *tá?!*

— *Tá...*

Ele, num gesto totalmente inesperado, deu um beijo na minha barriga e saiu daquele seu jeito furacão. Aquele seu gesto me desmanchou. Comecei a comer e a chorar ao mesmo tempo. Elizabeth apareceu também comendo uma fatia de bolo, sentou-se ao meu lado e me perguntou o que tinha acontecido.

— Nada.

— Como *nada*? Por que está chorando, então?

— Na-não é nada.

— Irmã, não chora. Nós estamos aqui para te ajudar. Você não está sozinha.

— E-eu sei.

— Então para de chorar.

Ela me deu um abraço, mastigou mais um pedaço do bolo e, de repente, saiu correndo para o banheiro. Eu fui atrás dela e vi quando vomitou. Encarei-a seriamente e não podia acreditar no que se passou pela minha cabeça.

— Beth... Beth, por favor.... Não vá me dizer que...

— Não! Eu acho que não... E não conte para ninguém!

— Mas por que não?

— Porque estou tão surpresa quanto você. Além do mais, pode não ser nada.

— Veremos.



O último convidado saiu da casa da minha mãe lá pelas 7h30 da noite. Eu também já estava querendo ir embora, quando vi o Mauro caindo na gargalhada

com meu pai, meu padrasto e o Jean, os quatro “*bebinhos da silva*”.

Minha mãe e a Eva estavam sentadas junto com eles, mas elas não tinham bebido. Ainda assim, também estavam rindo muito. Fiquei intrigada e fui até lá perguntar qual era a graça, e eles me responderam que o Mauro estava contando umas piadas bem engraçadas e que ele era muito brincalhão e divertido.

O Mauro contando piadas? Bem, essa era totalmente nova para mim. O Mauro nunca ria daquele jeito. Eu nunca o tinha visto animado. Ele sempre estava com aquela cara carrancuda, sempre isolado. Na revista, só se aproximara de mim porque acontecera o “desastre” de eu ter engravidado. Caso contrário, ele não conversava com ninguém.

Eu estava percebendo que minha família louca estava caindo nas graças do Mauro. Até o insuportável do Jean. Fechei a cara e soltei um “tchau, *tô indo*”. E estava partindo, mas minha mãe e a Eva vieram até mim.

— O que está acontecendo, Laura? — quis saber mamãe. Eva também se intrometeu:

— Por que já está indo?

— Será que vocês não percebem que o Mauro está representando um personagem? Ele não é assim.

— Filha, você tem que dar uma chance ao rapaz. O Mauro é animado, educado, gentil, um doce de rapaz!

— Ah, um doce? Só se for amargo! Ele é rabugento, mal-humorado e não se mistura com ninguém.

— Você só está falando do Mauro profissional. Querida, você precisa se aproximar mais dele, conhecê-lo melhor. Ele é tão bacana.

— Até você, Eva?

— Querida, queira você ou não, vocês terão um vínculo para o resto da vida. Terão que conviver em harmonia.

— O bebê terá um vínculo com ele para o resto da vida. Eu, não. E querem saber? Eu vou embora! Cansei desse papo. Ah, e avisem a Beth que eu estou levando um pedaço do bolo, uns docinhos e uns salgadinhos para comer em casa!

Fiquei muito brava. Como minha mãe e minha madrastra podiam dizer que o Mauro era um doce? Minha família o estava conhecendo muito mais do que eu, que era mãe do bebê dele.

Quando eu estava entrando no carro, o Mauro apareceu e me pediu para levá-lo para casa, já que ele tinha bebido e não estava em condições de dirigir. Dei um suspiro longo, mas concordei em conduzi-lo até o seu apartamento.

Ele tentou puxar conversa comigo falando coisas banais, e eu nem bola dei. Quando chegamos em frente ao seu apartamento, pediu que eu subisse para

conversarmos. Eu não estava de bom humor e não estava querendo conversar, mas ele insistiu, e eu subi.

Mauro me pediu para sentar no sofá e esperar ali, que ele já voltava. Eu só queria ir para minha casa, deitar na minha cama e dormir. Estava cansada. Ele voltou uns minutos depois com o que me pareceu um livro nas mãos. Eu o olhei perplexa, sem entender nada.

— O que é isso?

— É um livro. Eu comprei um para mim e outro para você. Acho que vai nos ajudar muito.

— “O que esperar quando se está esperando”. *Tá* de brincadeira? É sério isso?

— Eu achei que seria bom... que poderia te ajudar...

Eu não sabia se lhe agradecia ou se jogava o livro na sua cara. Eu estava uma pilha de nervos. Precisava ir para casa urgentemente. Mal lhe disse um “obrigada” e corri para minha casa. Ah, quem é que ia precisar de um livro idiota daqueles...? Eu. Porém, não ia começar a ler aquilo naquele instante. Eu só queria me jogar na minha cama e dormir.

Na manhã seguinte eu acordei com o humor bem melhor. Acordei passava das 10h30 da manhã com o barulho do meu telefone. Atendi, e era o Mauro.

— Bom dia, dorminhoca! Dormiu bem?

— Oi, Mauro. Dormi, sim, obrigada.

— Ainda bem que seu bom humor está de volta. Será que você toparia almoçar comigo aqui em casa? Eu vou cozinhar.

— O quê? O grande editor chefe e supervisor da revista Notícias das Estrelas cozinhando?

— E cozinho muito bem, modéstia à parte!

— Espero que não seja macarrão instantâneo!

— Não é, não. Então posso te esperar?

Pensei por um minuto e decidi ir. Tomei um bom banho e parti para sua casa. Mauro atendeu a porta assim que eu apertei a campainha. Tive de rir ao ver o seu traje. Ele estava de calça jeans, camiseta branca e avental. Escutava uma música, se não me engano, de Fernando e Sorocaba, e estava feliz da vida. Estava ali outro lado do Mauro que eu nem imaginava que existia.

Eu o ajudei colocando a mesa. Ele tinha feito arroz branco com estrogonofe de camarão e batata palha. Comi até não poder mais. Todavia, sentia-me estranha. Era inusitado aquilo tudo, aquela intimidade toda com ele.

— Pode deixar a louça aí, mocinha. Depois eu cuido disso.

— Nem pensar. Você cozinhou, eu cuido da louça. Nada mais justo.

— Beleza, então eu seco.

Aquela aproximação toda era esquisita demais para mim. Com muito cuidado perguntei para ele o porquê de tudo aquilo.

— Pensei que nós podíamos nos conhecer mais. Sei que é estranho. Para mim também, acredite. Há cerca de quatro meses eu achava que me casaria e...

— Ah, e quando seria isso exatamente?

— Se ela não fosse uma ordinária, hoje eu já estaria casado.

— Você nunca me falou dela. Como ela era?

A única coisa que ele me disse foi que ela se chamava Vanessa e que a conheceu um ano depois que entrou na revista, já que eu era muito inacessível para ele.

— Como é?

— Ah, eu achava que meus olhares mandavam algum sinal para você, mas você nunca percebeu.

— Está tentando dizer que era apaixonado por mim, Mauro?!

— Apaixonado talvez não seja a palavra mais adequada, mas interessado, sim. Você, a meu ver, era uma das mulheres mais interessantes da revista. Agora estou ficando sem jeito.

— Nunca percebi nada. E mesmo que tivesse notado, acho que não ia rolar. Nunca me envolveria com alguém do meu trabalho. O que aconteceu entre nós foi um equívoco...

— Muito prazeroso, pelo que me lembro. — Ele parou de secar a louça e ficou segurando o pano e me observando de uma forma como se pudesse ler meus pensamentos, de tão penetrante que era o seu olhar.

— Mauro, quer parar? Quem está ficando sem jeito agora sou eu.

Senti meu rosto queimar de vergonha. Aquilo era novidade para mim, queria dizer que a Irene sempre tivera razão, ele tinha uma “quedinha” por mim.

Assim que acabamos de cuidar da louça, sentamo-nos no sofá. Sinceramente, eu estava com muita preguiça e um sono incomum. Mauro começou a me contar mais sobre si mesmo e sua família.

Eu já sabia que os seus pais moravam no litoral e perguntei sobre os seus irmãos. Ele me respondeu que tinha apenas uma irmã, que era dez anos mais velha que ele e que era a mãe dos seus quatro sobrinhos. Disse que toda a sua família morava no litoral. O seu pai era um advogado aposentado, e a mãe se aposentara como professora. E, junto com os seus pais, morava sua avó, que já estava com seus 86 anos, chamava-se Amélia e era muito, muito conservadora.

Bem, pelo menos ele estava falando da sua família, pois da minha, ele já conhecia praticamente todo mundo, enquanto eu mal o conhecia, que dirá o resto da sua família.

O almoço foi ótimo, a conversa, também, mas achei melhor ir logo para

casa. Precisava urgentemente de um cochilo. Mauro me levou até a porta do elevador, e nos despedimos cordialmente.

Eu tinha de admitir que ele não era tão ruim quanto eu pensava, mas eu ainda não achava que ele fosse tudo aquilo que minha mãe, minha madrastra e até minha irmã diziam.



Aquela semana começou um pouco melhor para mim. Eu estava com o humor um tanto mais leve. Na segunda-feira, na hora do almoço, eu já estava indo em direção ao refeitório com a Irene e o Dudu, quando o Mauro apareceu atrás de mim, convidando-me para almoçar com ele. Eu fiquei em dúvida, mas meus colegas de trabalho pareciam querer me empurrar para ele, dizendo para eu ir logo.

Estava claro que o Mauro queria me falar alguma coisa. Enquanto esperávamos o almoço no restaurante, eu olhei para ele e perguntei o que tinha acontecido.

— Não aconteceu nada. Só tenho uma proposta para te fazer...

— Espero que não seja de casamento, namoro ou algo do tipo, porque, se for, minha resposta é não.

Ele sorriu sem graça e completou:

— Engraçadinha. Embora eu acredite que mesmo que não seja isso talvez você não goste muito da ideia.

— Desembucha logo. Tô ficando nervosa.

— Bem, minha família quer te conhecer. Você sabe, no dia em que eu soube que esse bebê era mesmo meu, eu liguei, contando tudo a minha família, e estava esperando o momento certo de te apresentar para ela.

— Hum, e é só isso?

— É... Na verdade, tem um pequeno detalhe, mas eu te conto se você aceitar meu convite.

— Se você não me disser que tipo de convite é esse, não posso dizer sim ou não.

— Você gostaria de ir esse fim de semana à casa dos meus pais no litoral? É um convite deles, na verdade.

— Está tudo bem. Diga a eles que nós iremos.

— Ótimo! Viajamos na sexta-feira no fim da tarde. Tudo bem para você?

— Claro. Além do mais, você já conhece toda a minha família. Digamos que eu esteja curiosa para conhecer a sua.

Não entendi o seu espanto por eu ter aceitado tão imediatamente. Era lógico que eu queria conhecer a sua família. Ele já conhecia a minha, e não era justo que eu ainda não conhecesse ao menos os seus pais. É claro que, depois que ele me contasse que pequeno detalhe ainda não me dissera, eu me arrependeria de ter aceitado aquela viagem tão depressa.

Durante o almoço, a secretária do doutor Marcelo (meu obstetra) ligou para o meu celular para marcar outra consulta de rotina e mais uma ultrassonografia para terça-feira da semana seguinte. Eu confirmei, e a coitada, toda animada, disse que, se eu tivesse “sorte”, já poderia saber o sexo do bebê. Contudo, eu nem fiquei empolgada; por mim, tanto fazia. Já o Mauro ficou bastante animado com a novidade e avisou que iria junto comigo.

— O que você prefere, Laura?

— Tanto faz.

— É, para mim também! Eu não te falei ainda, mas estou muito feliz por ser pai. É um sonho antigo.

— Que bom, né, Mauro?! Pelo menos um de nós gosta desse bebê!

— Você não pode falar assim. Sério mesmo, nunca cogitou ser mãe? Nem quando era mais nova?

— Não. Nunca!

— Sua mãe me contou que, enquanto sua irmã gostava de brincar de bonecas, você preferia ler livros e brincar de...

— Secretária! Não acredito que minha mãe te contou isso!

Ele deu risada e começou a me contar todas as histórias que tinha ouvido da minha infância. Minha mãe relatara tudo para ele, que eu nunca brincava de bonecas; que não tinha paciência com minha irmã porque, ao contrário de mim, ela as adorava; que meu negócio eram livros, revistas, videogames, jogar bola, mas nada de “brincar de casinha”. Mencionara até a minha revolta quando Elizabeth engravidara pela primeira vez, aos 17 anos, e que eu a achava louca por ter mais dois filhos e ainda dizer que mais tarde tentaria um quarto. Falara dos meus sonhos, que eu amava trabalhar na revista, que pretendia me aposentar trabalhando no que fazia (e era verdade mesmo); que eu queria comprar um apartamento duplex com piscina (o que para o Mauro era uma realidade, pois ele morava em um); que, quando eu completasse meus quarenta anos, eu queria fazer um tour pela Europa e torrar todo o dinheiro que depositava na minha conta poupança desde os meus 15 anos. Dissera inclusive que eu queria uma casa ampla com varanda na praia para passar os verões e ter uma velhice tranquila, sozinha, tendo um namorado aqui, outro ali, sem compromisso sério com ninguém, nada de filhos, uma vida perfeita, sem preocupação.

Pois é, minha mãe dera um relatório completo sobre mim para o Mauro. A vida teve, infelizmente, outros planos para mim. Era claro, todos esses meus sonhos na certa iriam mudar agora que eu ia ser – *uhg!* – mãe.

Eu não fiquei com raiva de mamãe por ela ter falado tudo aquilo para ele, mas fiquei frustrada por ele saber tanto sobre mim, e eu não saber quase nada sobre ele.

Naquela madrugada me levantei umas quatro ou cinco vezes para ir ao banheiro. O médico disse que isso era normal em mulheres grávidas, o que era um saco. Imaginem vocês se levantarem de hora em hora para ir ao banheiro?! E ainda, durante o pouco tempo em que consegui dormir, tive um pesadelo. Sonhei que tinha acabado de ganhar o bebê e não sabia dizer o que ele era, mas nascera feio, defeituoso, faltavam dedos em suas mãos, seus pés eram achatados feito pés de pato, faltava um dos olhos. Ai, foi horrível.

Na manhã seguinte acordei com aquela preguiça, um sono, mas me levantei com muito esforço. Não eram nem 7h da manhã, e meu celular tocava. Era a Elizabeth.

— Laura! Será que você poderia passar aqui em casa antes de ir para o trabalho? Estou muito aflita, preciso de você aqui comigo. Você pode vir?

— Mas o que aconteceu, Beth?

— Venha aqui em casa, aí nós vamos saber juntas.

Só pelo jeito de ela falar, eu já imaginei do que se tratava. Tomei um banho e corri para o meu apartamento. O Jean já tinha saído para trabalhar. Ela estava

sozinha em casa com o Gustavo; o Lucas e o Ruan já estavam na escola.

— Então? Onde é o incêndio?

— Eu comprei um teste de farmácia de gravidez.

— E...?

— Ainda não fiz. Não queria estar sozinha.

— Isso quer dizer que o Jean não sabe?

— Não. Você pode ficar aqui comigo para ver o resultado?

— Você tem 15 minutos.

Ela pegou o tão conhecido “teste do terror” e foi para o banheiro. Depois que voltou, esperei com ela o resultado aparecer. E não deu outra, positivo.

— Ai, Laura! Deu positivo! Mais um!

— Achei que vocês queriam.

— Tá, mas não agora! Não foi planejado.

— Mas agora está aí! Parabéns. Tomara que seja uma menina! — falei para ela com o mesmo tom que ela tinha falado para mim. Ela estava surpresa porque não esperava engravidar agora, mas enfim, já estava feito. Seria mais um bebê na família louca. E o Jean, bem, meu cunhado podia ter todos os defeitos do mundo, mas era louco pelos filhos e era um bom pai.

Cheguei uns cinco minutos atrasada, mas ninguém falou nada. A Irene estava doida para saber o que o Mauro queria conversar comigo no almoço do dia anterior, e eu lhe contei.

— Ah, legal, amiga! E onde eles moram?

— No litoral. Não sei onde é exatamente, mas, bem, eles farão parte da família desse bebê, não é? E ele pode até ter a pior mãe do mundo, mas ao menos terá um pai, avós, tios e primos que o amarão.

— Você vai aprender a ser uma boa mãe, Laura. Assim que ver a carinha do bebê quando estiver em seus braços, tudo vai mudar, você vai ver, minha amiga. O tempo vai fazer você aceitar e aprender a amar esse pedacinho seu!

— Não tenho tanta certeza disso, mas o que eu posso fazer? Agora é tarde!

Assim, na sexta-feira, saí da revista às 5h da tarde e fui para casa arrumar a mala. Liguei para minha mãe para avisá-la da viagem, e ela me desejou boa sorte. Às 7h30 da noite o Mauro apareceu para me buscar.

No carro, já no caminho, ele foi me contando sobre a sua família.

— Bem, meus pais moram com a minha adorável vizinha Amélia. Minha irmã mora perto deles, com o marido e os filhos.

— E você acha que eles vão gostar de mim?

— Minha mãe, meu pai e minha irmã, com certeza, mas minha vó é difícil de ser conquistada. Ela nunca gostou de nenhuma das namoradas que eu lhe apresentei...

— E quantas namoradas já apresentou à sua família?

— Antes de você? Duas.

— Bem, mas esse problema nós não vamos ter, já que eu não sou sua namorada mesmo!

— Pois é... Lembra-se daquele “pequeno” detalhe que eu fiquei de te falar?

— Sim...

— Pois é, minha família é muito conservadora, e minha vó é uma senhora de 86 anos, está meio doente e...

— E...?

— Todos acham que nós estamos juntos.

— O quê?! Co-como assim?! Você não contou a eles que nós não somos namorados?!

— É só fingir que é apaixonada por mim por um fim de semana, *tá* legal?! Minha mãe ficou tão feliz com a notícia de que ia ser avó que não me deu oportunidade de lhe explicar a situação. E eu não quis, enfim... estragar a alegria dela.

— Ah, e mentir que somos um casal apaixonado vai ser ótimo para ela?

— Eu só pensei no bem-estar da minha vó. Por favor, faça isso por uma senhora idosa!

— Vou ter que mentir para uma senhora de idade... Mauro, eu odeio você.

— Eu também vou ter que mentir, *tá* bem?!

— É, vai ser um longo fim de semana!

Fechei a cara e não falei mais nenhum “a” durante o resto da viagem. Eu odiava mentiras e ia ter de fingir o final de semana todo que era namorada do Mauro, mas eu nunca fui uma boa atriz. Aquilo não podia dar certo.

A viagem demorou cerca de uma hora e meia. A casa dos pais do Mauro era linda. Tinha dois andares, varanda ao redor de todo o imóvel com redes e bancos. A casa era bem de frente para o mar, o tipo de propriedade que eu imaginava ter quando me aposentasse.

Entrei meio envergonhada. E logo o Mauro fez as apresentações. A sua mãe, a dona Sandra, e o seu Carlos, seu pai, receberam-me com abraços afetuosos, e ambos repetiram o gesto de passar a mão em minha barriga.

— Abençoada seja, Laura! Estamos muito felizes por finalmente te conhecer. Fico imensamente feliz, pois meu filho livrou-se daquela metida e mau caráter da Vanessa! E nunca vi meu filho tão feliz com alguém como agora!

— Obrigada, dona Sandra.

Eu não sabia onde enfiar minha cara de vergonha. Eles estavam me recebendo tão bem... Comecei a me sentir mal por estar mentindo para eles.

Interrompendo nossa conversa, veio uma voz fraquinha e rouca da sala. Era

uma senhora rechonchuda de cabelos brancos em uma cadeira de rodas.

— Mauro! Finalmente veio ver sua velha avó! Achei que ia morrer sem te ver uma última vez, meu neto ingrato!

— Vó! Que saudades! Sua benção!

— Deus o abençoe, meu filho! E quem é essa moça que está atrás de sua mãe?

— Ah, claro! Laura, venha aqui! Vovó, essa é a Laura! A minha... namorada! É ela quem vai lhe dar um bisneto, lembra? A mamãe explicou para a senhora.

— Hum... claro! Chegue perto, menina! Não enxergo você direito.

Aproximei-me. Ela me fez me abaixar para que eu ficasse na altura de seus olhos, colocou os óculos e me analisou com aqueles olhos brilhantes e azuis idênticos aos do Mauro.

— Até que você é bonitinha. Pelo menos meu bisneto ou bisneta será bonito.

— Vovó!

— E quando sai o casamento? Eu adoro bolo de casamento! Se bem que acho melhor vocês esperarem a criança nascer. Não fica bem uma noiva entrando na igreja buchuda!

Eu e o Mauro nos entreolhamos e não dissemos nada. Apesar da seriedade de dona Amélia, eu simpatizei com ela. Ela era bem direta, como eu. Difícil era saber se ela tinha gostado de mim.

A irmã, o cunhado e os sobrinhos do Mauro, eu conheceria no dia seguinte, quando eles viessem para o almoço.

Como chegamos passava das 9h30 da noite e os pais dele dormiam cedo, dona Sandra logo nos acomodou em um quarto totalmente confortável. Era lindo, aconchegante, com uma janela enorme com vista para o mar.

— Bem, espero que vocês gostem do quarto. Eu arrumei com todo o carinho para vocês. Mas agora, se me dão licença, eu estou morrendo de sono. Laura querida, sinta-se em casa! Boa noite, crianças!

Eu e o Mauro nos olhamos. Era claro que a mãe dele ia nos colocar para dormirmos juntos. Ela achava que a gente era um casal. Minha sorte era que a cama de casal era enorme, mas o fato de dormir na mesma cama que ele não me agradava.

O quarto também possuía um pequeno banheiro. Mauro falou que havia quatro suítes na casa, ao que eu dei graças a Deus.

Vesti meu camisetão de dormir (no banheiro, é claro, eu é que não me trocava na frente do Mauro) e me deitei. Ele se deitou um pouco depois de mim e apenas de samba-canção.

— Você dorme de camisa?

— Durmo. Por quê?

— Achei que fosse mais do tipo que gosta de camisola.

— Até gosto, mas só em ocasiões em que tenho uma companhia com a qual eu tenha segundas intenções e quando eu não estava com essa barriga enorme.

— Exagero seu. Sua barriga *ainda* vai ficar enorme. E quanto à companhia, eu sou o quê?

— O pai do meu bebê! Eu não tenho segundas intenções com você, é como se eu estivesse dormindo ao lado de um primo, ou de um cachorro!

— Nossa! Obrigado pela comparação.

— De nada. Boa noite, Mauro!

Eu me virei para um lado, ele se virou para o outro, e caímos no sono. Lá pela 1h e pouco da manhã, deu-me aquela vontade de ir ao banheiro. Levantei-me de supetão e corri até ele. O Mauro acordou assustado.

— O que foi? *Tá* tudo bem, Laura?

— *Tá*. Pode voltar a dormir, eu só vou ao banheiro.

— Ah...

— E pode ficar tranquilo, porque provavelmente eu ainda vou ter que me levantar mais umas cinco ou seis vezes para ir ao banheiro essa madrugada.

— Cruzes! I-isso é normal?

— O médico disse que sim. Agora volte a dormir.

Como eu previ, levantei-me umas seis vezes para fazer xixi, e toda vez que eu saía da cama, o Mauro acordava. Eu nem queria imaginar como ele ficaria na hora em que o bebê fosse nascer.

Dormi um soninho tranquilo apesar das idas ao banheiro. Acordei e vi que o Mauro dormia bem próximo a mim, com a mão pousada em minha barriga. Ele dormia profundamente. Levantei-me devagarinho, vesti-me e desci as escadas.

Encontrei a dona Sandra e a dona Amélia tomando café da manhã. Elas me deram um bom-dia alegre e me convidaram para comer com elas. A dona Sandra me contou sobre a infância do Mauro, sobre quando ele era bebê, suas travessuras de moleque. Após terminarmos de tomar café da manhã, eu fui lavar a louça, mas a mãe do Mauro não deixou nem que eu chegasse perto da pia. E, enquanto ela lavava a louça, a dona Amélia me puxou para a sala de estar e pegou um imenso álbum de fotografias. Ela se lembrava de cada detalhe das festinhas de aniversário de quando o Mauro e sua irmã eras crianças, o que eles tinham feito naqueles dias determinados, onde as festas foram feitas.

Quando eram umas 10h30 da manhã, o Mauro finalmente apareceu. Ele olhou para mim e sua avó na sala olhando suas fotografias e veio até nós.

— Ah, não, vó! Não vai me dizer que está mostrando aquelas minhas fotos

de infância! Ela vai descobrir meu segredo, eu era horrível!

— Você sempre foi lindo, meu neto! Teve uma vez em que ele foi pajem de um casamento de uma sobrinha minha, e as duas daminhas de honra brigaram para ver quem entrava com ele na igreja.

— Ai, vó... Adoro a senhora, sabia!? Bom dia, querida!

Ele ergueu meu queixo com uma das mãos e me deu um selinho. Eu fui pega de surpresa com essa sua ação. Fingi que era algo rotineiro, mas alguma coisa dentro de mim emitiu um certo tipo de alerta.

Parecia que eu tinha conseguido conquistar a vó Amélia. Depois que o Mauro tomou seu café, ele me convidou para darmos uma volta na praia e irmos até um mercado comprar peixe para a sua mãe fazer para o almoço.

Fomos a pé. Aquela cidadezinha litorânea era tão gostosa, era tudo tão tranquilo.

— Parece que a vovó Amélia se deixou conquistar por você.

— Será?

— Com certeza! Para ela ter te mostrado o valioso álbum de fotografias da família!

— Ah, e ela não terminou. Disse que depois do almoço ainda tem mais.

Quando voltamos, a dona Sandra me contou que a dona Amélia nunca gostava das namoradas que o Mauro lhe apresentava. Ela sempre achava um defeito, mas de mim ainda não tinha falado nada.

Mais ou menos ao meio-dia e meia, a irmã do Mauro e sua família chegaram para o almoço. Ao contrário do que as aparências me diziam, ela foi superbacana comigo. Trouxe um álbum de fotografias para eu ver também (pelo jeito era de família colecionar fotos). O seu marido também era bem simpático. Os sobrinhos do Mauro eram todos bem-comportados, totalmente diferentes dos meus. Ao verem o tio, foram correndo até ele para pedir para jogarem futebol na areia, mas o Mauro recusou, dizendo que iriam jogar somente após o almoço.

Enquanto os homens conversavam lá fora junto com as crianças, as mulheres se reuniam na cozinha, e o assunto era como eu e o Mauro tínhamos nos conhecido, como começamos a nos envolver e para quando planejávamos o casamento. Eu respondi às perguntas totalmente sem graça. Odiava mentir.

— Nossa, o Mauro deve ser um chato como chefe...

— Se é. Todo sério.

— Difícil imaginar meu irmão sério.

— Pois eu nunca tinha pensado nele de outra forma.

— Não dá para conceber isso, ele é tão piadista. Sempre com um sorriso, meio triste às vezes, mas sempre sorridente. Mas ao menos em casa, com você, ele é divertido, não?

— Oh, se é.

Nossa, divertido, o Mauro? Pelos comentários da sua irmã, ele era muito diferente com a família. Um Mauro que eu não conhecia. Nunca o vi sorrir à toa, a não ser depois de beber umas e outras. Agora eu estava começando a reparar mais nele.

Na hora do almoço, foi tudo muito gostoso. O Mauro fazia palhaçadas para o seu sobrinho mais novo, e todos davam risadas. Reparei no cara brincalhão que ele era. Os seus olhos brilhavam.

Depois da refeição, enquanto eu lavava a louça, a Simone, irmã do Mauro, a enxugava e a dona Sandra a guardava, eu observava pela janela o Mauro jogando futebol com os sobrinhos. Ele parecia um adolescente. Eu nunca tinha reparado naquele sorriso, naquele seu jeito moleque. Talvez ele não fosse tão “frio” quanto eu pensava.

Assim que terminei com a louça, a Simone veio me mostrar o seu álbum de fotografias da família. Olhando uma e outra, surgiu uma em que o Mauro devia ter seus 17 ou 18 anos, abraçado a uma menina loira de olhos verdes linda.

— Gente! Achei que tinha perdido essa foto!

— Meu Deus, Simone, esconda isso de seu irmão! Sabe como ele fica chateado quando vê uma foto da Juliana.

— Quem é Juliana? — perguntei curiosa

— Foi a primeira namoradinha do Mauro. Fora você, ela foi a única por quem eu vi os olhinhos dele brilharem.

— É, mas a história é muito triste... — murmurou Simone.

— Triste? Por quê?

— Mais tarde, depois que a Simone for embora, eu lhe conto.

A Simone escondeu a foto, e eu não entendi mais nada. Será que o Mauro tinha sido traído mais de uma vez? Bem, eu fiquei curiosa.

Às 5h da tarde, a Simone e o Edson, seu marido, despediram-se para ir embora, convidando a mim e o Mauro para nos encontrarmos à noite, no centro da cidade, em um bar dançante que tinha lá. O Mauro aceitou, e eu, claro, tinha de ir junto, pois, para todos os efeitos, nós éramos um casal apaixonado.

Assim que eles saíram (sem os dois meninos mais novos, porque eles iam dormir ali na casa da avó), eu e a dona Sandra fomos caminhar à beira da praia, vendo o Mauro brincar com os meninos ao longe.

— Então, dona Sandra, quem é aquela menina da foto?

— Promete que não vai contar ao Mauro sobre isso?

— Claro! Prometo!

Ela começou sua narrativa com o olhar distante. Contou-me que a menina da foto, a Juliana, havia sido a primeira namorada do Mauro. Os dois tinham se

conhecido ainda crianças. No aniversário de 15 anos dela, ele fora o príncipe com quem a garota dançara a valsa, e eles descobriram que o que existia entre ambos era mais que amizade. Eles estavam apaixonados. O Mauro enfrentara o pai dela, que era pastor, e começaram a namorar. Ele tinha 17 anos e era louco pela Juliana. O namoro seguira. Os dois tinham planos de morar juntos quando fossem para São Paulo fazer faculdade de jornalismo, enfim, planos que qualquer casal apaixonado faria.

No entanto, a Juliana era, além de jovem, muito desajuizada. Os dois acabaram transando e não se preveniram. Resumindo, a garota ficara grávida. Ela entrara em desespero, pois sabia que seu pai não iria aceitar aquela situação.

— Ela não contou para o Mauro?

— Aí é que está o ponto, Laura, ela ficou com tanto medo do pai, a pobrezinha, que sequer contou ao Mauro o que estava acontecendo. Ela se afastou. O evitou de todas as maneiras possíveis e, jovem e irracional demais, seguiu um “conselho” de uma “amiga”, foi até uma clínica clandestina e fez um aborto.

— Meu Deus!

— Mas o pior veio depois. Na manhã seguinte, a Ju acordou com uma forte hemorragia. Os pais, desesperados, a levaram correndo até o hospital... Os médicos fizeram tudo o que podiam para salvá-la, mas, infelizmente, três horas depois, a Juliana faleceu.

Eu mal cabia em mim de agonia só ao imaginar uma adolescente passando por tudo aquilo. A dona Sandra continuou sua narrativa:

— O Mauro estava almoçando quando o Alfredo, pai da Juliana, veio bater a nossa porta naquele dia. O Mauro atendeu e não sabia de absolutamente nada, estranhou a visita do pastor àquela hora. O seu Alfredo o empurrou e foi dando tapas na cara do meu filho, xingando e gritando que a culpa era do Mauro. Meu marido teve que interceder.

— Coitado do Mauro...

— Quando ele ficou sabendo do ocorrido, você deve imaginar como ele se sentiu. Ele tentou ir se despedir dela indo ao velório, mas o seu Alfredo fez um escândalo dentro da capela e não deixou que o Mauro entrasse. Ele assistiu ao enterro dela de longe, escondido. Meu filho entrou em depressão e demorou mais de dois anos para se envolver com alguém de novo. E vou te confessar, nunca ninguém o fez sentir o que ele sentia pela Juliana, a não ser você.

Eu não podia dizer a ela que era tudo uma mentira, que nós não éramos namorados, que ele não sentia nada por mim. Agora eu entendia por que ele não contara a verdade, que nós dois não estávamos juntos da maneira como eles pensavam. Eu nem sabia o que estava sentindo no momento. Era um misto de

sentimentos – raiva, surpresa, admiração e pena.

— Só não toque nem no nome da Juliana perto dele. O Mauro ainda se sente culpado por tudo, e nada faz com que ele veja que não teve culpa. Afinal, ele nem sabia que ela estava grávida. Você sabe como ele adora crianças... O sonho da vida dele sempre foi ser pai, e você o está realizando.

Depois disso, pegamos o caminho de volta para casa, afinal, eu e o Mauro ainda íamos sair naquela noite. A mãe dele, para mudar de assunto, falou que nós tínhamos de organizar um casamento assim que o bebê nascesse e que ela queria muito ajudar a planejar tudo. Ela estava tão empolgada. Como eu poderia lhe dizer que não ia ter casamento nem agora, nem depois do bebê? Talvez agora eu entendesse mais o Mauro.

Tomei um banho, arrumei-me. Coloquei um vestido cor-de-rosa claro com estampa florida, na altura dos joelhos, rodado, estilo anos 60, fiz uma trança longa e desci as escadas.

A dona Amélia, que estava em seu quarto com a porta entreaberta, pediu-me para eu entrar assim que me viu.

— Vai sair com meu neto?

— Sim.

— Ele realmente gosta de você. Não o deixe escapar. Não é por ser meu neto, mas o Mauro vale ouro!

Nesse momento o Mauro apareceu. Despedimo-nos da vó Amélia e fomos caminhando até o centro da cidade. Estava uma noite quente e agradável. Havia muita gente caminhando naquele horário.

— Você está muito bonita.

— Obrigada. Você também não está nada mal.

Ele vestia uma calça jeans escura e uma camiseta de mangas curtas azul que realçava a cor de seus olhos.

Chegamos ao barzinho, e a Simone e o marido já estavam nos esperando em uma mesa. Sentamo-nos, o Mauro pediu uma cerveja para si e um suco para mim, já que mulheres grávidas não devem ingerir bebida alcoólica. *Que raiva!*

Havia alguns casais dançando música sertaneja. O lugar era muito legal. Depois de uns vinte ou trinta minutos, o rapaz que controlava o som colocou uma música em ritmo de salsa, e um rapaz, acredito que um promotor deles, pegou o microfone e disse:

— Bom, pessoal, como vocês sabem, minha parceira de dança quebrou o pé e não pôde vir. Então... será que algum nobre cavalheiro poderia ceder a sua dama para dançar uma salsa comigo? Sou um ótimo dançarino e posso conduzir até quem não sabe dançar...

Eu fiquei bem quietinha no meu canto, quando o Mauro berrou:

— Aqui! Minha namorada Laura é praticamente profissional em salsa!

— Mauro, fica quieto.

— Ótimo! Laura, venha dançar comigo.

Eu não queria dançar, porque o salão era bem no meio do bar. As mesas ficavam a sua volta, todo mundo ia ver.

— Mauro, eu... eu tenho vergonha...

— Vergonha do quê? Eu já vi você dançar salsa com seu cunhado, se duvidar, dança melhor que esse dançarino aí.

— Mas...

Nesse instante o rapaz veio na minha direção já estendendo a mão.

— É só fingir que está dançando com o seu cunhado e que nós não estamos vendo nada.

Eu o fuzilei com os olhos.

— Ei, moço, só cuidado com a minha cunhada — pediu a Simone. — Não a gire muito, ela pode ficar meio tonta. Ela está grávida!

— Pode deixar, que vou cuidar bem dessa linda dama!

O rapaz era muito educado. Perguntou se eu estava bem. Eu disse que sim, afinal, eu estava grávida, não doente. Então ele se aproximou mais de mim. Até que ele era bem bonitinho, devia ter seus vinte e poucos anos, era moreno-claro, tinha olhos castanhos e bastante charme.

Quando a música começou para valer, eu relaxei. Desde que descobrira que estava grávida, nunca mais tinha dançando, até ir para a academia era um sacrifício. Entretanto, amei dançar de novo. Nem percebi se tinha alguém mais dançando ou se alguém nos observava. Dancei como gostava de dançar. Esqueci até daquele “voluminho” na minha barriga. Só percebi que todos estavam olhando quando a música acabou e todo mundo aplaudiu.

— Muito obrigado pela dança!

O rapaz deu um beijo delicado na minha mão e acariciou minha barriga. O Mauro já estava atrás de mim e me puxou pela cintura para perto dele.

— De nada, viu?! Mas agora pode largar, que a namorada é minha!

— Ah, claro, me desculpe.

— Nossa, Mauro, o rapaz só estava me agradecendo.

— Esse cara é um conquistador barato. Conheço muito bem caras como ele.

Eu não entendi nada. Aquela ceninha de ciúmes não foi nada teatral para mim. Parecia que os olhos dele tinham faiscado de ciúmes, embora fora ele mesmo que falara que eu sabia dançar. Ele me arrastou até a mesa onde estávamos, e ali ficamos conversando. Um tempo depois Mauro e o seu cunhado foram jogar uma partida de sinuca, e eu fiquei conversando com a sua irmã.

Ela me elogiou pela dança, e eu comecei a lhe contar sobre a minha grande

e doida família, sobre o fato de que qualquer data comemorativa, aniversário, até churrasco virava um evento. Tudo era motivo de festa.

— Nossa! As festas de fim de ano, então, devem ser de arrasar! Ah, como eu gostaria de uma família grande assim. Mas somos só nós. Eu, meu marido, meus filhos, minha vó, meus pais e o Mauro. O meu marido é filho único, meus sogros moram em Florianópolis, então nos vemos uma ou duas vezes por ano. Festas são raras.

— Para mim, calma é coisa rara. Na casa da minha mãe, todo fim de semana tem gente. Mas ela adora. A alegria dela é ver a casa cheia, crianças bagunçando, fazer aquele monte de comida para um batalhão...

— Ah, bem, quem sabe esse fim de ano nós não passamos todos juntos?! Afinal, depois que seu bebê nascer e você e o Mauro se casarem, seremos todos parentes.

— Claro. Minha mãe ia gostar de você!

Com certeza mamãe ia apreciar a Simone, ela era muito parecida com a minha irmã. Não fisicamente, mas no modo de agir, a maneira de falar. Ela lembrava muito a Elizabeth.

A noite foi bem gostosa. Eu adorei tudo, apesar de o Mauro ter bebido todas e ter tropeçado umas duzentas vezes no caminho de volta para casa.

Naquela noite eu dormi bem. Fui ao banheiro só umas três vezes. O Mauro desmaiou. Ao olhar para ele dormindo, eu ficava me perguntando que homem ele era. Só agora eu começava a descobrir. Nossa, ele era tão apegado à família, tão carinhoso e brincalhão com as crianças. Mal lembrava aquele Mauro sério, de terno e gravata que trabalhava comigo.

No domingo, decidimos voltar para casa à tarde. Almoçamos e, lá pelas 5h da tarde, começaram as despedidas.

A vó Amélia veio nos dar tchau com uma enorme caixa de presente no colo.

— Espere, menina Laura! Olha, tenho um presente! É para o bebê!

— Ah, dona Amélia, não precisava!

— Precisava, sim, e garanto que é o primeiro presente do seu bebê.

— É, sim, obrigada!

Peguei a caixa e, num gesto automático, comecei a abri-la, mas a dona Amélia não deixou.

— Não! Não abra agora! Só abra quando tiver certeza do sexo do seu bebê. Quando o Mauro falou que seria pai, eu tive um sonho e fiz esse presente para a criança. Eu sonhei com o bebê e acho que sei o que é. Se eu estiver errada, você me avise, que faço outro, mas eu não me engano. — Ela deu uma piscadinha de olho e um sorrisinho satisfeito.

— Tudo bem!

Fiquei desconcertada, pois eu não tinha curiosidade nenhuma em saber o sexo do bebê. Nenhuma mesmo.

Despedimo-nos e subimos a serra. Ainda paramos no meio do caminho, porque eu precisava ir ao banheiro, e também paramos para comer milho verde. Eu podia até dizer que o Mauro e eu nos tornávamos amigos.



Chegamos já passava das 10h30 da noite. O Mauro parou em frente a minha casa e entrou um pouco, dizendo que estava precisando muito ir ao banheiro. Ele entrou e, depois, acabou se sentando no meu sofá, ao meu lado, querendo conversar.

- Então? O que achou da minha família?
- São todos muito agradáveis. Gostei de todo mundo!
- Hum... E eu? Sou tão mal assim?
- Ah, Mauro, você... você está me mostrando quem realmente é.
- E?
- Pelo menos o bebê vai ter um excelente pai!
- Prometo que vou ser o melhor pai do mundo! E vou te ajudar em tudo que precisar.

— Eu sei. Agora entendo por que escondeu da sua família que nós não somos um casal...

— Que bom! Obrigado por mentir, eu acho. Mas prometo também que vou contar a eles assim que possível.

— Tudo bem.

Ele me deu um beijo na testa e passou a mão na minha barriga. Foi quando alguma coisa se mexeu lá dentro. Eu estava com quase cinco meses de gestação. Será que era normal?

— Vo-você sentiu isso, Mauro?

— Se eu senti? Claro que senti! Não é maravilhoso?!

— Será que é normal?

— Claro que é!

Vi que os olhos do Mauro estavam cheios d'água. Achei até que ele ia chorar, de tão emocionado que ficou. Entretanto, conteve-se, disse-me que estava feliz e foi embora.

Na segunda-feira tive de repetir o relatório do fim de semana para a Irene e o Dudu e para minha mãe, que ligou na hora do almoço para me contar a “grande novidade” – que para mim não era novidade:

— Sua irmã também está grávida! Ela veio aqui em casa com o Jean no sábado para jantar e nos deu a notícia!

— Ai, que legal! E como eles estão?

— Felizes! Torcendo para que seja uma menina.

Nessa hora ela me perguntou se eu já tinha marcado uma ultrassonografia para saber o sexo do bebê, e eu falei que estava marcada para o dia seguinte. Ela me pediu que, assim que eu soubesse, ligasse para ela, pois estava muito ansiosa e curiosa para saber.

Na verdade, todos estavam curiosos, menos eu. Eu não queria nem abrir o presente que a vó Amélia me tinha dado. O Mauro quis abrir a caixa assim que chegamos de viagem, mas eu não deixei, seguindo as instruções da sua avó.

Assim, na terça-feira pela manhã, às 8h30, eu e o Mauro esperávamos o médico nos chamar. Enquanto eu estava indiferente, o Mauro se mostrava ansioso.

O obstetra nos chamou e começou a nos mostrar imagens que eu sinceramente não entendia. Ele nos fez escutar o coração da criança. A princípio o médico não conseguia ver o sexo do bebê, pois ele estava com as perninhas cruzadas, mas ele foi insistindo, insistindo até conseguir.

— E então, Laura?! Preparada para saber se será mãe de um menino ou de uma menina?

— Tanto faz, doutor.

— E você, Mauro?

— O bebê está saudável, para mim isso é o mais importante. Não importa o sexo.

— Querem saber?

— Fala logo, doutor!

— Parabéns! Vocês terão uma menina! Uma menina grande e forte!

Quando o doutor falou que era uma menina, eu fiquei paralisada, em estado de choque, já o Mauro chorou. Eu não conseguia dizer nada. Não sentia nada.

Nós tínhamos ido no carro do Mauro. Na volta, ele logo me perguntou se eu não ia ligar para minha mãe para lhe dar a notícia.

— Não! Eu não estou preparada. Eles vão ficar loucos. Eu não quero contar a eles ainda.

— Por quê?

— Por quê?! Eles esperam por uma neta, já que já têm três meninos!

— Acho bobagem da sua parte não lhes contar.

— Por favor, prometa que não vai contar até que eu me sinta preparada para dizer.

— Está bem. Não entendo, mas tudo bem.

Eu não sei descrever o que sentia. Aquela criança seria muito mimada. Não só pela minha família, mas pela família do Mauro. Primeira neta dos meus pais e dos dele.

O Mauro decidiu que iríamos para a minha casa antes de voltarmos para a revista. Ele queria abrir o presente da vó Amélia.

Entramos no apartamento, o Mauro pegou a caixa gigante e me entregou. Abri-a, e dentro dela havia um mosqueteiro lilás bordado à mão com umas borboletas coloridas, um travesseiro de bebê, um lençol e mais uma manta, todos com o mesmo bordado. Eu fiquei pasma. Como ela sabia? O Mauro falou que ela tinha mesmo esse dom.

— Bom, agora já podemos pensar na decoração do quartinho dela.

— Dos quatinhos dela, né?! Ela vai ter dois quartos, não se esqueça! Um aqui, e outro no seu apartamento.

— Claro! Ei, você está bem? Me parece meio desanimada...

— Ai, Mauro, eu estou me esforçando para aceitar tudo isso. E agora que sei que é uma menina... Sei lá.

— Preferia menino?

— Na verdade, não! Eu nunca quis nada.

— Escuta, eu estou aqui! Eu vou te ajudar, você não está sozinha.

— Eu estou com tanto medo! Medo de decepcionar essa criança. Eu mal sei trocar uma fralda!

— Você vai aprender! Nós dois vamos aprender juntos!

Mesmo assim, eu não estava muito bem naquele dia. Eu sabia que na hora que minha família soubesse que era uma menina, todos iriam me encher de quinquilharias, iriam comprar um mundo cor-de-rosa, e eu não queria isso.

Na manhã seguinte comecei a ler o livro que o Mauro me tinha dado. Eu não tinha nem começado a ler ainda quando a Irene e o Dudu souberam que o Mauro tinha me dado aquele livro. Eles promoveram o Mauro de “homem de ferro” para “ai, que fofo”, o que me irritou bastante.

Na hora do almoço, minha mãe me ligou perguntando se o médico tinha conseguido ver o sexo do bebê, e eu disse novamente que não. Ela ficou um pouco decepcionada, mas logo mudou de assunto.



Uma semana depois que o Mauro descobriu que o bebê era uma menina, comprou vários vestidinhos, sapatinhos, tudo de menina. Eu guardava tudo no quarto que eu fazia de escritório no meu apartamento, mas teria de desmanchar logo e fazer um quatinho para o bebê.

Eu andava meio deprimida. Lembro-me perfeitamente daquela manhã de sexta-feira na hora em que aquela loira bonitona de pernas de fora entrou na revista. Alta, magra, olhos azuis incríveis, corpo escultural... Estava procurando pelo Mauro. Eu lhe indiquei onde era a sala dele, e a nojenta da Camila o avisou pelo telefone. Vi quando ele abriu a porta da sua sala com um sorriso de orelha a orelha, todo empolgado.

A Irene veio toda curiosa me perguntando quem era a moça. Eu disse que não fazia ideia e que não me interessava saber.

E não me interessava mesmo. Ao contrário, eu achava que o Mauro tinha mesmo de sair, namorar, porque eu não perderia a oportunidade, se pudesse – quem ia olhar para mim com aquela barriga?

A loira ficou horas na sala do Mauro, até o horário do almoço, quando os dois saíram juntos dando risadas.

Ela foi embora, e ele me “intimou” para almoçar com ele. Disse que precisava falar comigo. Fui, mas não estava com muita paciência para escutar suas conversinhas.

— O que você acha de a gente sair esse fim de semana para comprar os móveis do quarto do bebê?

— Preciso pagar a fatura do meu cartão antes.

— Já disse que faço questão de pagar tudo.

— Você é quem sabe, Mauro...

— Laura? Preciso muito te perguntar uma coisa...

— Pergunta logo, você está me enrolando desde que chegamos aqui no restaurante e você sabe que odeio rodeios. Fala logo!

— Você se importaria se eu saísse com outra mulher?

— Ah, eu sabia! É aquela loira bonitona de quase dois metros de altura que te visitou hoje e que ficou com você mais de duas horas na sua sala?

— É... Sim, ela é uma paquera da época da faculdade. Marcamos um jantar hoje à noite, mas eu não queria marcar nada sem saber como você se sente em relação a isso.

— Mauro, eu não sou sua mãe! Você não tem que me pedir permissão para sair para namorar. É um direito seu.

— Não vai ficar chateada?

— Chateada? Com o quê? Nós não somos namorados, nem nada... Eu não sou nada sua.

— É a mãe da minha filha.

— Tá, que seja, mas não sou nada que te impeça de namorar. Vá, saia, se divirta, beba e namore muito. Não faça isso só por você, faça por mim também, já que eu não posso!

Então ele começou um pequeno discurso, informando que, quando a bebê nascesse, ele cuidaria dela para eu sair para namorar. Eu disse que me sentia gorda e feia, e ele disse que não, que achava que a gravidez me tinha dado uma beleza a mais, coisas que homens costumam dizer para agradar, mas a gente sabe que não são verdade, pois não convencem. Ele falava aquilo porque não era ele que estava engordando, inchando, ficando com dor nas costas.

Voltei do almoço, mas algo me incomodava. Não sabia direito o que era. Estava irritada desde o começo da semana, mas parecia mais que isso.

Fui para casa à noite e fiquei comendo pipoca e assistindo a um filme, uma comédia romântica da qual nem me lembro mais o nome e comecei a chorar bastante, a ponto de soluçar, sem ter motivo algum para isso. Eu estava sensível demais. Sem contar que a “coisinha” dentro de mim parecia estar de mau humor também, não parava de se mexer. E, pela primeira vez, comecei a conversar com a “coisinha” que cutucava minha barriga para ver se ela respondia.

— Ei, dá para me dar um tempo? Eu estou sensível, “coisinha”! Para de mexer e tenta ficar quieta aí dentro!

E mais uma vez ela se mexeu. Peguei-me sorrindo. Nunca me acostumaria ao fato de que eu não estava mais sozinha e que nunca mais estaria.

No dia seguinte, o Mauro foi me buscar para comprarmos os móveis do quarto da “coisinha” – agora eu ou a chamava de bebê, ou de “coisinha”. Porém, a loira estava junto com ele. Entrei no carro, e ela queria passar para o banco de trás, mas eu não permiti.

— Espero que não se importe de a Rúbia vir com a gente.

— Ah? Não, claro que não. Tudo bem? Meu nome é Laura.

— Prazer! Eu sou Rúbia! O Mauro me falou muito sobre você, eu estava ansiosa para a conhecer. Mas tenho que admitir, Mauro, seu bebê vai ser lindo! Você é lindo, e você, Laura, também é!

— O-obrigada, mas o bebê não é só do Mauro! É meu também!

Já olhei torto para ela. Eu não quis ser rude, mas ela fez um comentário totalmente inconveniente, como se eu fosse apenas uma barriga de aluguel. Todavia, pior ainda foi na loja de móveis planejados. Eu gostei de um jogo de quarto todo branco, e a Rúbia ficava tentando me convencer a levar um na cor tabaco, dizendo que era a cor da moda, que daria um ar retrô ao quarto do bebê.

Eu sei, eu estava irritada a semana toda, mas aquela mulher não estava ajudando a melhorar o meu humor. Eu tinha acabado de conhecê-la e já estava odiando aquela meia hora na sua companhia.

É claro que os móveis que eu tinha gostado eram alguns dos mais caros, mas o Mauro fez questão de fazer tudo como eu queria. Se era aquele mobiliário que eu tinha gostado, era aquele que ele ia comprar.

Enquanto ele acertava com o vendedor a forma de pagamento e o dia da entrega, a Rúbia tentou puxar conversa comigo, dizendo que adorava crianças e que o maior sonho da sua vida era ter um filho, e blábláblá.

Depois que saímos da loja, fomos tomar um sorvete. Enquanto o Mauro fazia os pedidos, aquela mulher irritante começou a falar sobre nomes de bebês.

— E vocês já escolheram o nome?

— Na verdade acho que tenho um nome em mente, sim.

— Ai, eu adoro Magnólia! Não é lindo? Vi esse nome em um filme. Você

poderia colocar também Ludmila, ou Jéssica! Ai, se você quiser eu posso te ajudar a escolher o nome! Tenho muita criatividade e bom gosto!

— Eu agradeço, mas, como já falei, tenho um nome em mente. Agora, se me der licença, preciso ir ao banheiro.

Saí dali bufando e esbarrei com o Mauro no caminho.

— Aonde vai com tanta pressa?

— A conversa com sua namoradinha me deu dor de barriga! E a “coisinha” tá mexendo sem parar. Dá um toque nela? Ela está querendo se meter até no nome que eu vou dar para minha filha! Ela está me irritando! Oh, boca grande, viu? Ela fala demais!

— Primeiro, não acredito que “coisinha” seja um apelido carinhoso para a bebê. E segundo, eu adoro a boca da Rúbia.

— Hum, imagino. Poupe-me dos detalhes, tá?

Tomamos o sorvete, e o Mauro me levou para casa. Contudo, no caminho a tal de Rúbia não parava de falar. Não sei nem se o Mauro tinha dito alguma coisa para ela, mas ela falava tanto que até parecia que quem teria um filho era ela e não eu. Disse até para o Mauro pintar o quarto da minha filha de amarelo, imaginam?!

Assim que entrei em meu apartamento, senti-me aliviada. Até a voz daquela mulher estava me irritando. Sentei-me no sofá da sala e, feito uma maluca, comecei a acariciar minha barriga e a conversar novamente com a “coisinha”, que finalmente estava quieta.

— Então, “coisinha”, você ficou enjoada também com a voz da sua futura madrastra? Eu sinceramente não suportava mais aquela voz. Imagine chamar você de Magnólia! Que mulherzinha insuportável.

Quando terminei de falar, senti um leve chute dentro de mim, como se ela estivesse concordando comigo. Aquilo balançou meu coração.

— Isso significa que você concorda?

E logo veio outro chute.

— O pior é que aquela mulher irritante é linda. Ela podia pelo menos ser feia. Mas não. E seu pai estava todo babão ao lado dela. Foi até patético de ver.

E a “coisinha” ali dentro voltou a chutar. Parecia que ela estava só esperando eu conversar com ela para voltar a me chutar.

— Está bem, eu sei, eu sei. Ele é seu pai. E você o ama, não é mesmo? Será que você já sente? Será que você já ama essa sua mãe doida também?

E, como se estivesse entendendo tudo o que eu estava falando, ela deu outro chute, e eu fiquei emocionada, até com os olhos marejados.



O Mauro havia combinado com o vendedor da loja para os móveis serem entregues em 15 dias, e ele mesmo fazia questão de pintar as paredes do quarto do bebê. Prometeu-me que no fim de semana depois do próximo iria lá em casa para fazer o serviço.

Percebi que iríamos brigar por isso também, porque eu queria pintar o quarto de lilás, e ele queria salmão. Contudo, não importando a cor, ele fazia questão de fazer isso. Por mim, tudo bem, assim eu não precisaria procurar um pintor de paredes.

Durante a semana seguinte, o Dudu e a Irene me atormentaram tanto a cabeça que acabei lhes contando que a “coisinha” era uma menina. No dia seguinte o Dudu trouxe um par de sapatinhos de crochê cor-de-rosa, e a Irene, um macacão vermelhinho. Os dois me prometeram que não contariam a ninguém da minha família que o bebê era uma menina.

Naquela semana toda vi o Mauro saindo para almoçar quase todos os dias com a Rúbia. Parecia que o namoro estava ficando sério. Eu quase nem conversava muito com ele sobre isso.

No sábado, eu e a Irene fomos almoçar na casa do Dudu. Era tão bom estar com eles. Eles eram meus melhores amigos, e eu dava muitas risadas com os dois, os únicos que conseguiam me animar.

Aos poucos eu estava me apegando àquela “coisinha” que estava crescendo dentro de mim. Ainda sentia dores horríveis nas costas, sentia-me gorda e feia, mas cada chutinho dela ali dentro começava a me encantar. Não que eu achasse que seria uma boa mãe. Eu tinha certeza de que não seria tão simples. No entanto, aos poucos ela estava me conquistando.

Os dias passaram rapidamente. O sábado em que o Mauro prometeu ir ao meu apartamento para pintar as paredes do quarto do bebê chegou. Recordo perfeitamente bem que o lembrei disso na sexta-feira antes de terminar meu expediente na revista, e ele confirmou que estaria lá às 10h30 da manhã. Acordei cedo, o que realmente não era fácil. Eu andava com muito sono nos últimos dias, mas, como sabia que ele iria lá, levantei-me e fiz um café da manhã reforçado – até ovos com bacon –, para caso ele quisesse tomar um café.

Deu 11h, meio-dia, 1h da tarde, e nada de o Mauro aparecer. Nem ligar, ele ligou. E eu já tinha ajeitado tudo, colocara jornal no chão para não pingar tinta no tapete, a tinta, o rolo, os pinceis já estavam separados, mas ele não deu as caras. Eu fiquei a tarde toda esperando, e nada. Lá pelas 3h da tarde, liguei para o seu celular, mas deu desligado ou fora da área de cobertura. Fiquei com muita

raiva.

No domingo fui cedo para a casa do meu pai e da Eva para almoçar. Ela tinha feito um arroz de forno que eu amava.

— E então, Laura? Teremos um menino ou uma menina?

— Não deu para ver de novo, Eva. O bebê estava com as perninhas cruzadas, e o doutor não conseguiu fazer com que ele as desdobrasse.

— Você me parece um pouco chateada. Aconteceu alguma coisa?

— Não é nada, é só que estou com muita raiva do Mauro. Ele combinou de ir pintar o quarto do bebê ontem de manhã e não apareceu.

— E por que não liga para ele?

— Eu liguei ontem, mas o celular deu desligado ou fora de área. E também não quero ficar incomodando, sabe... Ele agora está namorando aquela insuportável da Rúbia, e quase não temos nos falado. Ele só quer saber dela.

— Isso está me cheirando a ciúmes!

— Ai, pai, credo! Eu? Com ciúmes do Mauro? Até parece.

— Até parece mesmo! — comentou a Eva.

— O quê? Não! Vo-vocês não estão achando que eu...

— Eu não disse nada. Só disse o que achei que me pareceu. Mas, enfim, você sabe o que sente, não é mesmo? Vamos comer? Estou morrendo de fome.

Eu conhecia meu pai e a Eva muito bem. Eles estavam realmente achando que eu estava com ciúmes do Mauro. É claro que eu não estava. Só tinha ficado um pouco chateada e com muita raiva por ele ter combinado uma coisa comigo e não ter cumprido, o que não tinha nada a ver com ciúmes.

Logo após o almoço, eu e a Eva combinamos de encontrar minha mãe e minha irmã no shopping para comprarmos algumas coisas para o enxoval do bebê e para mim. Quer dizer, algumas coisinhas básicas, banheira, fraldas, mamadeiras, sutiãs com bojo especial, cintas para o pós-parto. Eu achava tudo um exagero, mas elas pareciam tão empolgadas que eu não quis estragar o seu prazer.

Assim que encontrei minha irmã, ela já veio me falando coisas do tipo: “você não vai conseguir dormir a noite toda por um longo tempo”, “seus seios vão ficar ainda maiores e inchados, vão partir e doer muito”, “tudo é muito dolorido, mas quando você ver a carinha daquele bebezinho no seu colo, nada disso tem importância”. Eu ia pirar se levasse a sério tudo o que ela estava me dizendo. Já imaginava ter de ficar me levantando a cada três horas ou menos durante a madrugada para dar de mamar. Eu já estava acordando várias vezes para ir ao banheiro.

Na segunda-feira, cheguei à revista, e, assim que me sentei à minha mesa, o Mauro saiu do elevador todo sorridente. Eu quase o fuzilei com os olhos. Assim

que ele passou por mim, eu disse que queria falar com ele em particular, e ele pediu para que eu o acompanhasse até a sua sala.

— Por favor, sente-se!

Ele estava muito formal comigo, o que me deixou ainda com mais raiva.

— Você esqueceu que ficou de pintar o quarto da nossa filha no sábado que passou?

— Nossa, Laura! Esqueci completamente! Fui passar o fim de semana na chácara dos pais da Rúbia e acabei esquecendo. Cheguei hoje de manhã.

— Por isso te liguei e seu celular deu desligado ou fora da área de cobertura! Mauro, como vai ser isso?! Sério! Se você se esqueceu de uma coisa tão simples por causa da sua namorada, como vai ser quando eu realmente precisar da sua presença?!

— Por que está gritando comigo?

Eu estava gritando? Sei lá! Precisava descontar minha raiva nele.

— Só não quero ficar na mão de novo!

— Laura, são só algumas paredes! Se quiser, hoje saio daqui e vou até seu apartamento e pinto o quarto!

— Agora não quero mais que faça isso! Falei com meu padraсто, e ele me arrumou um ótimo pintor que fará isso para mim quase de graça!

— Se já resolveu o problema, por que está brigando comigo?

— Porque eu sou uma idiota! Ah, quer saber, Mauro? Estou vendo que não posso contar com você mesmo! Espero que, quando essa criança nascer, a Rúbia não te arraste para as montanhas e você me deixe sozinha de novo!

Ele riu da minha cara. Entretanto, falei o que tinha vontade. Dei as costas para ele e voltei para minha mesa. Fiquei o resto da semana sem falar com ele. Na quinta-feira a Rúbia apareceu na revista quase no fim do expediente, levando para mim um buquê de girassóis, flores às quais eu tenho alergia.

— Queria conversar com você e convidá-la para jantar comigo. Só nós duas. Afinal, você será a mãe da filha do meu namorado, acho que deveríamos ser amigas.

A Irene me olhou da mesa dela e revirou os olhos, colocando um dedo na boca como quem diz “vou vomitar”. Para ser sincera, eu não estava muito interessada em conhecer aquela mulher insuportável melhor. Todavia, para não parecer grossa, aceitei seu convite. Assim que ela virou as costas dizendo que ia avisar o Mauro e já voltava para me acompanhar, joguei o buquê de flores no lixo.

— Você está louca, Laura? Vai sair para jantar com a inimiga?

— Ela não é minha inimiga.

— Amiga é que não é. Ela está com seu homem!

- Irene, Mauro não é meu homem.
- Mas você está gostando dele, não está?
- Não! Não estou!



Aquilo ia ser interessante. A loira foi no carro dela, e eu, no meu. Chegamos a um restaurante de comida japonesa e nos sentamos a uma mesa que o Mauro tinha reservado em nome dela.

Rúbia começou dizendo que queria tirar a má impressão que deixara no nosso primeiro contato e que achava importante que a gente se conhecesse. Ela começou a falar do Mauro e do quanto estava apaixonada por ele.

Ok, até aí, tudo bem. O problema foi o que ela começou a dizer depois disso:

— Eu não quero de forma nenhuma afastar o Mauro da sua filha. Mas não vou mentir que não gosto de ver vocês dois juntos. Sinto-me péssima, pois eu sou namorada dele e tem outra mulher grávida do meu homem.

— E você acha que isso foi uma escolha minha? Eu não queria nada disso, mas aconteceu. Se você está incomodada, sinto muito, pois você sabia da situação toda. Sabia que eu estava grávida dele quando começaram a namorar.

— Eu sei. Entendo, ele me contou um pouco sobre o que aconteceu entre vocês. Eu só queria que você me enxergasse como uma amiga. Além do mais, eu serei uma espécie de segunda mãe para a sua filha!

Quando ela falou aquilo, senti o sangue sair de meu rosto. Como assim “segunda mãe para a minha filha?” O que ela estava pensando?

— Como assim? Não estou entendendo.

— Sim, como namorada do Mauro, é óbvio que, quando ele ficar com a menina nos fins de semana, eu estarei junto. Eu conviverei com ela, e queria que você me deixasse te ajudar com tudo isso!

Eu fiquei a encarando por um minuto, sem saber o que dizer, embasbacada com tanta idiotice. É claro que eu não ia deixar que ela se sentisse parte da família da MINHA filha! Quem era ela? E quem disse que ela e o Mauro iam ficar tanto tempo assim juntos? Mas... e se ficassem?

— Olha, eu até comprei uma coisinha para NOSSA filhinha! O que acha?

Olhei para um conjunto de vestidinho cor-de-rosa com touca e sapatinhos que lembravam botinhas. Olhei-a com muita raiva. Levantei-me e falei bem alto para Rúbia entender:

— Eu entendi direito? NOSSA filhinha uma ova! A filha é minha! Você não será nada dela, entendeu? Nada! Você só é a namorada do pai dela! Não tem

direto nenhum sobre a minha filha! Enfia esse vestidinho no seu nariz, para eu não ter que dizer em outro lugar! Me dá licença, que eu vou embora! Sua... sua idiota! A filha é MINHA, entendeu!?

Deixei-a lá, olhando-me com cara de poucos amigos, toda envergonhada. Ah, o que ela queria?! Não gostei de Rúbia desde o primeiro dia em que coloquei os olhos nela. E, pelo jeito, eu tinha razão.

No domingo bem cedo, fui acordada pela campainha, que tocava insistentemente. Pulei da cama, coloquei meu roupão por cima do pijama e fui atender a porta. Era o Mauro, que entrou no meu apartamento sem ser convidado, todo irritado. Eu já sabia por que. Devia ser pelas verdades que falei para a sua namoradinha.

— O que falou para a Rúbia?!

— Bom dia para você também, Mauro! E não falei nada além da verdade para aquela intrometida.

— Laura, ela é minha namorada.

— Tá, quem tem que gostar dela é você, não eu!

— O que está acontecendo com você? Você está mudada! Está irritada, tudo que diz respeito a mim te irrita.

— São os hormônios! Não é você que tem um bebê crescendo cada dia mais dentro de você, te chutando e fazendo você ir ao banheiro a cada dez minutos!

— Você está com ciúmes de mim?

— Ah, até você? Me poupe! É claro que não!

— Quero uma prova!

— Prova de quê?

— De que não sente ciúmes de mim.

— Não posso provar. Mas acredite, não estou com ciúmes. Não sinto nada por você. Aliás, estou começando a sentir pena por você aturar aquela Rúbia!

E do nada ele se aproximou de mim e indagou:

— Não está com ciúmes?

— Não. Nem um pouco!

— Então não vai sentir nada se eu fizer isso...

Ele me agarrou e me lascou um beijo de língua na boca, violento e demorado. Eu o empurrei e sentia meu coração acelerado. Limpei minha boca com as costas de uma das mãos e o mandei embora:

— Saia já daqui, seu maluco! Idiota! Volte para sua namoradinha fútil! Eu não sinto nada por você!

— Não foi o que pareceu. Mas, sim, eu vou voltar para minha namorada. Ela gosta dos meus beijos e não me xinga o tempo todo!

Eu bati a porta assim que ele virou as costas. O que estava acontecendo, afinal?



Fiquei sem falar com o Mauro um bom tempo. O namoro dele com a Rúbia ia de vento em popa, e ele estava mais afastado de mim, já nem me acompanhava mais nas consultas com o obstetra.

Consegui um amigo do meu padraço para pintar o quartinho do bebê por uma mixaria. Ele o pintou de lilás, a cor que eu queria. Os móveis chegaram um pouco atrasados, e de novo o Mauro prometeu ir montar, mas dessa vez o avisei que, se ele não fosse no dia combinado, eu chamaria os montadores da fábrica e nunca mais ia pedir nada a ele.

Eu estava entrando no sexto mês de gestação. A menina dentro de mim crescia e não parava de me chutar. Ela se mexia tanto às vezes que dava para ver minha barriga entortando.

Minha irmã entrava no terceiro mês de gravidez e estava completamente obcecada. Ela e o marido andaram comprando macacões e vestidinhos de menina sem saber se o bebê que esperavam era realmente uma garota.

Em um sábado eu estava conversando com a Elizabeth na casa da minha mãe, e mais uma vez ela me mostrava outro macacão cor-de-rosa.

— Não é lindo, Laura?!

— Lindo é, mas só quero ver se for outro menino! O que vocês vão fazer com tanta coisa de menina?

— Ah, não me “agoure”, Laura! Eu e o Jean temos quase certeza de que é menina!

— Ótimo! Quando for fazer a ultrassonografia, me chama! Quero ir junto.

— Pior é com você, seu bebê que é estranho, seis meses de gravidez, e você nem sabe o sexo dele ainda.

— O que posso fazer se o bebê está sempre de pernas cruzadas?! Ele é tímido.

— E o Mauro? Ele anda sumido, né?

— Ah, está com a namorada dele. A coisa parece estar séria. Quase não nos falamos mais fora da revista.

E mais um fim de semana se passou sem o Mauro me ligar perguntando do bebê e se eu estava bem.

Naquela segunda-feira acordei como sempre de mau humor. Fui colocar uma das minhas calças jeans, e não entrou. Coloquei outra, e nada, e outra nem passou pelas minhas coxas. Eu estava enorme, tive de ir trabalhar de moletom. Cheguei à revista emburrada.

— Ué, Laura, que cara é essa?

— Eu não tenho roupa, Irene! Minhas calças não servem mais! Tem umas que não passam nem pelas minhas pernas!

— Ai, amiga, isso é temporário. Depois que o bebê nascer, você volta a ter seu peso normal.

— Até lá o que eu faço? Essa é a única calça de moletom que eu tenho! E a única que entrou em mim!

— Na hora do almoço eu te levo a um lugar para comprar uma roupa para você.

E ela me levou a uma loja de roupas para gestantes. Eu odiei, é claro, mas que outra opção eu tinha? Acabei comprando três macacões, um preto, um azul e outro bege. Só comprei macacões, porque eram as únicas roupas que ficavam confortáveis em mim e não ficavam tão estranhas. Eu sabia que, depois, jamais voltaria a usá-los mesmo.

Quando voltei do almoço, o Mauro me chamou para ir conversar com ele na

sua sala. Entrei, sentei-me e esperei ele dizer alguma coisa.

— E... e então? Como você está?

— Gorda, não está vendo?

— Me desculpe por andar meio distante, Laura! E por ter te beijado naquele dia, no seu apartamento.

— Eu até tinha esquecido esse episódio. Mas entendo seu afastamento, Mauro. Agora você tem uma namorada. E eu só sou a mãe da sua filha.

— Pois é, é sobre isso que quero conversar com você.

— O que foi?

— Na verdade, é uma proposta.

— Pode falar...

— Eu conversei muito com a Rúbia e sei o quanto você não queria esse bebê...

Já fiquei sem cor. No entanto, não o interrompi. Queria ouvir a asneira até o fim.

— Eu sei que você nunca quis ter filhos. Você mesma cansou de me dizer isso.

— E...? Continue...

Eu já estava com um ar de cinismo.

— Bem, eu e a Rúbia estamos dispostos a criar a bebê! Basta você aceitar.

— O quê?! Como é que é?!

— Pense bem, Laura, ser mãe nunca esteve nos seus planos. A Rúbia tem o sonho de ser mãe desde sempre e infelizmente não pode engravidar...

— Ah, sim, e como eu já estou grávida de você, tudo ficaria mais fácil, não é mesmo?! Não seja ridículo, Mauro!

— Não me leve a mal, eu só...

— Cala a boca! Não diga mais nada! Tenho certeza de que essa ideia veio daquela recalcada e invejosa da sua namorada! Estou certa?! Ela já tem você e agora quer minha filha?! Pode esquecer. Posso não ter dom para ser mãe, mas serei. Vou criar minha filha por bem ou por mal. Vou aprender a cuidar dela com ou sem o seu apoio, mas a dar a você e a outra mulher... Isso nunca, entendeu?! Nunca! Ela cresce dentro de mim, ela me deixa enjoada, me chuta, eu estou enorme, meus pés estão inchados, minha coluna dói, até meus peitos estão doloridos, e agora, depois de tudo isso, você quer que eu dê minha filha para sua namorada?!

— Laura, me desculpe, eu não quis te ofender...

— Não se aproxime de mim! Ai...

Eu fiquei tão nervosa que comecei a sentir uma dor muito estranha. Minha barriga ficou dura, e a dor se tornou muito forte. O Mauro logo me arrastou

corredor a fora e me levou até o meu obstetra, o doutor Marcelo, que fez uma ultrassonografia na hora.

— E então, doutor? Ela está bem? Minha filha está bem?!

— Calma, Laura! Você tem que se acalmar.

— Não fale comigo, Mauro! Eu não quero nem olhar para sua cara! A vontade que eu tenho é de lhe enfiar a mão na cara! E então, doutor?

— Está tudo bem com o seu bebê, Laura! O que você teve foi só uma pequena contração.

— Pequena?

— Sim. Você deve ter ficado nervosa com alguma coisa, e isso, nessa fase da gestação, pode gerar certas contrações, até porque seu útero já se prepara para daqui três meses. Tente se acalmar. Eu fico feliz, e seu bebê também.

— Doutor, precisamos conversar sobre isso. Eu não pretendo ter um parto normal. Eu pago o preço que for, mas quero fazer uma cesárea!

— Ainda temos tempo para decidir isso, não é, Laura?! — interveio Mauro. — Venha, vou te levar para casa.

— Nós, não! Quem decide como vai ser o parto sou eu! Não quero sentir dor.

O doutor teve muita paciência comigo e me indicou apenas repouso pelo resto do dia e advertiu ao Mauro que não me deixasse nervosa ou estressada, o que foi bem difícil, já que o que ele falara para mim tinha sido uma grande ofensa.

Mauro me deixou em meu apartamento, e eu mal olhei para ele.

— Laura, pela milionésima vez, me perdoe!

— Não quero ouvir nada, Mauro! O que você propôs não tem cabimento! Ela é minha filha! E eu vou me esforçar para ela ter orgulho de mim!

— Você está aprendendo a amá-la!

— É, acho que sim. Ela nunca me deixa sozinha. Quer dizer, às vezes estou sentada no sofá e ela me chuta como se dissesse “ei, acorda, eu tô aqui, sabia?” E depois da sua namorada se mostrar interessada em ser “mãe” dela, não consegui admitir isso!

— É instinto! Quer saber? Apesar do susto, estou feliz em saber que você está amando nossa filha.

— Não adianta nada me encher de elogios. Ainda estou magoada com você. Agora vai embora!

— Está bem. Eu vou. Qualquer coisa, você me liga, tá?! Se cuida!

Ele deu um beijo na minha testa e saiu. Eu liguei a TV e fiquei passando a mão na minha barriga. Pensando no que o Mauro dissera, era verdade. Eu estava gostando da minha filha, da minha “coisinha”. Não conseguia nem imaginar

outra mulher a criando. Acho que eu estava até feliz por ela existir. Entretanto, ainda estava chateada com o pai dela.

Não demorou muito para eu receber ligações da Irene e do Dudu, da minha mãe, da Beth e da Eva para saber como eu estava e o que tinha acontecido. Não contei para as mulheres da minha família o que de fato me deixara nervosa, falei que foi estresse pelo trabalho.

No dia seguinte, eu não conseguia nem olhar para a cara do Mauro. Meus colegas me apoiaram e logo o transformaram no “homem de ferro” novamente.

Mais um mês se passou. Eu ainda não conversava direito com o Mauro. Eu entrava no sétimo mês de gravidez. Minha irmã, no quarto. Como tínhamos o mesmo obstetra, marcamos uma consulta no mesmo dia, e naquela quarta-feira, logo depois que eu me consultei, foi a vez da Beth. Ela fez uma ultrassonografia para ver o sexo do seu bebê. Eu fiquei esperando ela e o Jean saírem na sala de espera. Eles diziam que tinham “quase certeza” de que era uma menina. “Quase”. Meia hora depois, o Jean saiu abraçado com minha irmã aos prantos.

— Nossa, Beth, o que foi?! O que aconteceu?!

— Ai, Laura... É menino! É outro menino!

— Ah, irmã, parabéns!

— É, amor, pense pelo lado positivo, vamos ter um time de futebol só nosso!

— É verdade...

Eu tive de rir. Minha irmã era a única pessoa que eu conhecia que chorava e sorria ao mesmo tempo. Fiquei pensando em qual seria sua reação quando soubesse que o meu bebê era menina. Será que ela ia gostar? Ou será que ia me odiar? O tempo diria.

Naquela noite o Mauro e a sua namorada me convidaram para ir a uma pizzaria, até porque queriam pedir desculpas de novo pela “proposta indecente”.

Aceitei, mas quando entrei no carro, não disse um “a”.

— Nossa, Laura! Como você está bonita.

— Obrigada — agradei de forma fria e dura.

— Eu me sinto tão idiota perto de você. Realmente eu não pensei direito. Estava morrendo de ciúmes. Me perdoe.

— Esqueça. Vamos passar uma borracha nisso. E eu peço desculpas também, porque acho que fui meio rude naquele dia no restaurante com você.

Chegamos à pizzaria, e me sentei em frente aos dois. Fiquei reparando em como Mauro a tratava. Era tão carinhoso, tão atencioso... Não! Eu não estava sentindo ciúmes. Não poderia... Porém, estava. De repente comecei a achar estranho o Mauro tocar nela, beijar seu rosto, pegar em sua mão, olhar para ela com um carinho e uma ternura que, até uns dois meses antes, pertenciam só a

mim e a minha filha. Então a ficha caiu. O Mauro estava apaixonado pela loirona.

Nos cinco primeiros meses, a atenção dele tinha sido minha, mas nos dois seguintes, ele se dedicara a Rúbia. Enquanto eu engordava e minha barriga crescia cada vez mais, tinha insônia durante a noite, ele estava com ela, dormindo com ela, dentre outras coisas.

Senti-me muito mal. E, para piorar a situação, durante o jantar eles inventaram de ir a um parque de diversões com os meus sobrinhos no sábado. Eu disse que ia ver com a Elizabeth, mas o Mauro ligou na mesma hora para ela, que disse que os meninos iam adorar. Somente o Gustavo não iria, pois era muito bebê.

O Mauro me acompanhou até a porta do apartamento enquanto a Rúbia esperava dentro do carro.

— Obrigado, Laura! Obrigado por ter aceitado o nosso convite.

— De nada. Ainda estou chateada com você. Mas entendo, você merece ser feliz, Mauro...

— E no sábado quero que vá ao parque com a gente! Esse dia do ano é um que me traz más recordações, e estar com seus sobrinhos vai me distrair bastante!

— Tem certeza? O Ruan é um pestinha!

— Eu o conheço e o adoro! É o pestinha mais legal que eu conheço!

— Ah... Bem, vou pensar se vou, *tá*? Amanhã te digo.

— Você vai e pronto. Vai ser bom para você também.

— Está bem, eu vou. Agora é melhor você ir. A Rúbia está te esperando.

— Verdade. Boa noite, Laura!

— Boa noite, Mauro.

Ele passou a mão na minha barriga e me deu um beijo no rosto. Eu entrei no meu apartamento, e meu coração estava acelerado. O que estava acontecendo comigo, afinal de contas?

No sábado fui almoçar na casa da minha mãe e esperar o Mauro e a Rúbia virem buscar a mim e os meninos para irmos ao parque.

— E como é essa Rúbia?

— Ai, mãe, ela é linda! É chata, intrometida, mas é linda!

— Nossa, que suspiro foi esse?

— Ai, Eva, sei lá. Na quarta-feira à noite, eu saí com os dois, fomos a uma pizzaria, e vi o jeito como ele a tratava. Me senti deixada de lado. Senti uma coisa ruim e não gostei de ver os dois juntos.

— É... Eu sei o que é essa coisa ruim, isso é ciúme!

— Elizabeth!

— Mas é verdade. Desde que o Mauro começou a namorar essa Rúbia, você está estranha, Laura.

— Não! Eu não estou com ciúmes do Mauro. Isso só pode ser coisa dos meus hormônios, que estão me deixando confusa. Só isso.

— Você não está enxergando as coisas direito, Laura. *Tá* escrito na sua testa que você está apaixonada pelo Mauro.

— Não! E ele tem a Rúbia!

— Essa Rúbia não é nada! Você é quem carrega um filho dele. Tenho certeza de que ele só está com essa Rúbia porque você não lhe deu uma chance de ser mais que o pai do seu bebê! Não seja boba! Abra seu coração para ele!

Paramos logo o assunto, porque o Mauro havia chagado com a Rúbia, os dois de mãos dadas e tudo.

Eu não queria ir, mas minha mãe, a Eva e minha irmã disseram que eu tinha de ir e realmente avaliar o que estava sentindo. Elas novamente disseram ser ciúme e que, com certeza, eu estava apaixonada pelo Mauro. Eu tinha de me convencer de que estavam erradas e de que eram apenas meus hormônios.

Chamamos os meninos e entramos no carro. Enquanto eu ia no banco de trás com os meus sobrinhos, o Mauro ia com a Rúbia no banco da frente, ambos trocando beijinhos e risadinhas. Ui, eu já estava começando a ficar enjoada.

O parque estava cheio. Todavia, os meninos estavam radiantes. Então o Lucas, meu sobrinho de 12 anos, quis ir à montanha-russa, e eu e o Ruan não podíamos ir. A Rúbia afirmou que iria com o Lucas. O Mauro olhou para mim, fitou a namorada e declarou:

— Vou te contar um segredo, e não conte para ninguém: morro de medo de montanha-russa. Vai você, querida, com o Lucas. Eu fico aqui com a Laura e o Ruan.

— Então está bem. Vamos, Lucas!

Olhei para o Mauro e tive de rir. Medo de montanha-russa?! Enquanto a Rúbia e o Lucas foram para a fila do brinquedo, eu e o Mauro levamos o Ruan ao carrinho bate-bate. Ele foi sozinho, claro. Eu e o Mauro ficamos lá olhando para ele.

— E então? Como se sente?

— Quase não tenho dormido à noite. Minha coluna dói muito... Mas estou bem.

— Que bom.

— Você me disse que hoje era um dia que te trazia más recordações. Por quê?

— Ah, outro dia te conto.

— Alguma coisa com a loirona grudenta?

- Ah, não. E ela não é grudenta!
- Ah, é sim. Dá até nojo olhar vocês dois juntos.
- Não dá, não!
- Como você a aguenta? Ela tem uma voz tão enjoada!
- É impressão minha ou você está com ciúmes?
- Opa, será que eu tinha falado demais?
- Ciúmes? Eu? Você não está com essa bola toda, não!
- Será que não?

Ele ficou bem de frente para mim, manteve-se me encarando e deu risada. Eu fingi ficar zangada, mas no fundo sabia que tinha dado uma grande mancada. Contudo, bem que percebi seus olhos brilhando quando me questionara.

Depois que a Rúbia e o Lucas voltaram da montanha-russa, os meninos insistiram que queriam cachorro-quente, e eu queria porque queria ir à roda-gigante. O Mauro convenceu, não sei como, a Rúbia a ir com as crianças comprar os lanches enquanto ele ia comigo ao brinquedo.

Não entendia por que, mas eu estava sem graça. Sentei-me no banco, e o Mauro se sentou ao meu lado e começou a passar a mão na minha barriga, tentando sentir a “coisinha” mexer.

- Ela está calma hoje — comentou meio decepcionado.
- É... parece.
- Então... quando vai me confessar que está apaixonada por mim?
- Você está louco, Mauro?
- Não, não estou. E você sabe que não estou!
- Eu não estou!
- É claro que está!
- Não, eu não estou!
- Então olhe bem dentro dos meus olhos e diga que não sente nada por mim.

Olhei nos olhos dele, e, por uma fração de segundo, minha vontade foi de lhe dar um beijo, mas respirei fundo e anunciei:

- Eu não estou apaixonada por você, Mauro!
 - Você está mentindo! E descaradamente!
 - Você não tem certeza disso.
 - Seus olhos não dizem isso.
- A roda-gigante deu uma parada quando nós estávamos lá em cima.
- Laura, eu...
 - Mauro, por que quer que eu diga que estou apaixonada por você se está namorando a Rúbia?
 - Ela não é você.

— Você está equivocado, não sinto nada por você.
— Espero que nossa filha não seja assim, tão teimosa quanto você. Pensa que eu não percebi seu jeito quando me vê com a Rúbia?
— Que jeito?
— Você fica enciumada.
— É impressão sua!
— Por que você não assume logo? Do que tem medo? Já sei, vamos ver se isso te ajuda a ter um pouco mais de coragem...

Ele se aproximou ainda mais de mim e me beijou. E não foi qualquer beijo. Foi intenso, demorado, delicado, com sentimento, com um carinho que eu talvez não tivesse percebido antes. Eu me arrepiei toda, meu coração bateu acelerado. Eu quis empurrá-lo, mas não consegui. Quando ele parou, a roda voltou a girar.

— Por que fez isso?
— Eu queria ter certeza.
— Certeza de quê?
— De que você realmente está apaixonada por mim. E não negue. Esse beijo me provou tudo! Você queria isso tanto quanto eu. Eu sei, eu não deveria ter feito isso. Fui traído, sei como isso dói e não quero magoar a Rúbia, mas não me arrependo. Agora tenho certeza de que não é com ela que eu quero e tenho que ficar.

Nessa hora a roda-gigante parou, e descemos. A Rúbia nos esperava com os meninos. Eu mal consegui olhar para ela, mas deu para notar que ela sentiu que alguma coisa estava diferente.

O Ruan estava com um enorme urso panda de pelúcia nos braços, que tinha ganhado no jogo de argolas.

— Tia, olha o que eu ganhei!
— Que lindo, Ruan!
— Seu sobrinho é fera! É muito bom de mira, Laura!
— É, ele adora ficar brincando de tiro ao alvo. Quebrou todos os copos da mãe dele!

— Olha, tia, ganhei para o seu neném!
— Ma-mas, Ruan, você ganhou! É seu!
— Não, tia. Ganhei de presente para o seu neném! Meu priminho!
— Ai, pestinha, você é um doce, sabia?!

Aquilo amoleceu meu coração, e dei um beijão nele.

O Mauro, depois da situação na roda-gigante, ficou estranho. Estava quieto. A Rúbia perguntou o que tinha acontecido, mas ele disse apenas que estava com dor de cabeça.

Ficamos algumas horas ainda no parque, e eu percebia que o Mauro trocava

olhares comigo, mas não conversamos mais. O Ruan já estava caindo de sono quando decidimos ir embora. O Mauro deixou os meninos na casa da Elizabeth e me deixou no meu apartamento. Como de costume, queria me acompanhar até a porta, mas eu disse que não precisava, e a Rúbia realmente mencionou que tinha um pouco de pressa para chegar à sua casa, pois tinha se divertido muito com as crianças e estava cansada. Ela me olhou de um jeito estranho e me pediu desculpas por qualquer coisa que tivesse me magoado. Eu fiquei sem entender, mas falei que estava tudo bem. Eles partiram, e eu entrei no meu apartamento.

Coloquei meu pijama, deitei-me em minha cama e não parava de pensar no beijo do Mauro. Por que ele tinha feito aquilo? Por que parecia que estava esperando aquele beijo tanto quanto eu? Por que só agora eu estava percebendo que estava apaixonada por ele?

Rolei na cama por horas, sem conseguir pregar os olhos. Olhei meu relógio de cabeceira; era um pouco mais de 2h da manhã. Levantei-me, fui ao banheiro, e, quando voltei, meu telefone tocou. Era o Mauro.

— Laura? Te acordei?

— Mauro, são 2h da manhã, mas não me acordou, não. Eu não estou conseguindo dormir.

— Eu não ia te ligar agora, mas não dá, eu preciso conversar com você e tem que ser agora! Posso passar aí?

— Agora?

— Sim. Posso te levar chá e um pedaço de bolo que comprei hoje de manhã na panificadora. Posso ir?

Pensei por um segundo. Eu realmente não estava com sono. A gente precisava mesmo conversar. Disse a ele que podia vir. Coloquei água para ferver para fazer o chá que ele ia trazer, e quando a chaleira estava apitando, indicando que ela tinha fervido, a campainha tocou.

Mauro entrou e me entregou o chá. Preparei duas xícaras, uma para mim e outra para ele, e comecei a comer uma fatia do bolo que ele tinha trazido. Esperei ele começar a falar.

— Desculpe vir a essa hora. Mas eu precisava falar com você.

— Tudo bem, eu estou sem sono. Agora fale, o que aconteceu?

Ele me entregou uma foto, aquela fotografia que eu já tinha visto na casa da sua mãe, dele com uma moça muito bonita quando ele tinha uns 17 anos.

— Quero te contar uma coisa que aconteceu comigo há exatamente 19 anos.

— Eu já sei o que aconteceu com você, Mauro. Essa é a Juliana.

— Já...? Ah, claro, minha mãe e minha vó devem ter te contado.

— Sim... mas não fizeram por mal.

— Hoje é aniversário de morte dela.

— E você ainda se sente culpado.

— E sou!

— Mauro, sua mãe me contou tudo o que houve, e foi uma fatalidade o que aconteceu. Você não teve culpa nenhuma disso. Você nem ao menos sabia que ela estava grávida.

— Eu devia ter cuidado dela. Ela andava estranha comigo. Eu lembro que, uma semana antes de ela morrer, disse que me amava e que não era para eu ter raiva dela nunca, não importava para onde a vida nos levasse. Isso era um sinal.

— Não tinha como você adivinhar.

— Por isso, quando você disse que estava grávida, fiz questão de estar ao seu lado e te dar todo o apoio, tudo o que precisasse. Tive medo.

— Eu jamais faria qualquer coisa desse tipo.

— Eu sei. Você é tão teimosa, tão decidida no que faz. Agora está com medo de admitir o que sente por mim. E eu não entendo por que...

— Mauro...

— Não. Me deixa falar. Desde que eu entrei naquela revista, eu tenho observado você de longe. Eu tinha uma noiva, você, um namorado, mas isso nunca me impediu de me sentir atraído por você. Eu pensava todos os dias, antes de ir ao trabalho: “como será que ela vai usar o cabelo hoje? Será que vai usar um coque, ou o rabo de cavalo de costume?”, “será que ela vai ficar até mais tarde?” Nunca reparou que, quando você ficava até mais tarde na revista, eu ficava também e mantinha a porta da minha sala aberta? Era porque eu conseguia te ver de onde eu estava. Nunca percebeu quando eu te mandava flores no seu aniversário?

— Você nunca me contou nada. Nunca se aproximou. Sempre ficou isolado. Você é meu “chefe” na revista, eu jamais iria imaginar algo assim.

— Nunca tive coragem de me aproximar de você por medo de que me rejeitasse como sempre fez. Aí, quando veio conversar comigo naquele dia na confraternização, eu não perdi a oportunidade, e foi o dia mais feliz da minha vida.

— Mauro...

— Hoje eu estava triste. Sempre fico em todo dia 17 de julho, mas nesse ano, estou feliz.

— Por que está chorando, então?

— É pelas lembranças da Juliana e por falar tudo o que estava preso na minha garganta há tanto tempo. É um alívio para mim.

Num impulso, eu me ajoelhei à sua frente e o abracei. Quando me dei conta do que fazia, desvencilhei-me de Mauro e lhe pedi para partir. Ele se levantou,

segurou meu braço e me encarou, dizendo que nunca mais iria embora, que o seu lugar era ali, comigo, ao meu lado.

Eu falei que precisava colocar a cabeça em ordem, que eu não queria que ele prejudicasse o seu relacionamento por minha causa. Então Mauro revelou que a Rúbia havia percebido, depois que a gente desceu da roda-gigante, que alguma coisa tinha acontecido e que ela notou que estava sobrando na nossa relação, que eu e ele éramos apaixonados um pelo outro, mas que eu tinha medo de assumir o que sentia porque ele a estava namorando. Ela compreendeu que ele me amava só pelo jeito como ele olhava para mim.

Tentei argumentar e dizer que ele estava confuso, pois eu era a mãe da sua filha.

— Não, será que não prestou atenção a nada que eu te disse? Eu te amo desde a primeira vez em que te vi. Conheço todas as suas manias, quando você está nervosa e mexe no cabelo sem parar, quando está quieta demais e é porque tem algo para dizer. Não fuja de mim!

Mauro me puxou para mais perto de si e me beijou. Eu não pude mais lutar contra ele. Aquela boca era tudo o que eu mais queria. Não podia mais negar o que estava sentindo. Ele só parou de me beijar porque a “coisinha” deu um chute tão forte que ele sentiu.

— Acho que ela gostou disso! E então... vai ou não vai assumir que me ama?

— Preciso dizer?

— Preciso ouvir.

— Está bem, Mauro! Me rendo, eu estou apaixonada por você! Te amo de um jeito que pensei que não fosse capaz, e foi preciso eu te ver com outra para perceber isso.

Fomos para o meu quarto, e ele começou a se despir. Tirou primeiro a camisa e ficou só de calça enquanto vinha me beijar. Não sei se eram meus hormônios, mas eu estava mesmo com muita vontade de me entregar a ele. Mauro foi me beijando com carinho, depois desceu para meu pescoço enquanto tirava meu pijama. Quando eu estava só de roupas íntimas, fiquei com vergonha, e ele percebeu que fiquei paralisada.

— O que foi? Está se sentindo bem? Nós não precisamos fazer isso se não quiser. Teremos muito tempo para isso, e...

— Não! Eu quero. Quero muito. Mas estou me sentindo feia, gorda com esta barriga.

Ele me olhou dentro dos olhos, pegou minha mão e me fez ficar de frente para um espelho que dava para ver o corpo inteiro que eu tinha no meu quarto. Ficou atrás de mim, murmurando ao meu ouvido:

— Você não está gorda. Você está grávida. E está linda! Olhe como você é linda. Se você soubesse o quanto amo tudo em você, o quanto você é maravilhosa e o quanto estou feliz em saber que finalmente te conquistei, jamais pensaria em algo assim.

Ele me fez olhar para si e voltou a me beijar. Com todo carinho, deitou-me na cama e beijou meu corpo inteirinho. Mauro estava com a razão, eu tinha de parar de bobagem. E o puxei pelo cabelo, ávida por sua boca. Voltei a beijá-lo com um desejo ainda mais absurdo por ele.

Quando enfim ele me penetrou, foi diferente. Não foi como naquela vez em que fizemos loucuras porque estávamos embriagados, agora o ritmo era lento, com carinho e cuidado, e nós não desgrudávamos a boca um do outro. Aquilo só podia ser amor.

Chegamos ao clímax juntos. Depois Mauro se deitou ao meu lado, abraçou-me e ficou sussurrando ao meu ouvido o quanto estava feliz e como me amava.

— Eu sonhava com isso. Eu sempre te desejei. Mas não pensava que fosse algo assim tão forte. Eu te amo e quero você sempre assim comigo. Junto, colada em mim. Não quero nunca mais pensar em você longe de mim.

Naquela noite dormi feito um anjo. Adormeci rápido e de forma tranquila, como jamais conseguira dormir depois da descoberta da gravidez. Foi gostoso sentir o braço de Mauro em mim, o seu corpo colado ao meu, sentir sua respiração ali ao lado.

Acordei passava das 11h da manhã, com o Mauro tirando fotos minhas dormindo com o seu celular.

— Sua visão dormindo é a coisa mais linda que eu já vi. Quero ficar o dia todo olhando você dormindo!

— Você é louco, sabia?

— Por você! Venha, fiz um café da manhã reforçado para nós.

— Hum... Vai me acostumar mal...

Tomamos o café e fomos até a casa da minha mãe, pois eu tinha combinando de ir almoçar lá. Chegamos lá de mãos dadas e tudo. Minha irmã até tirou sarro da gente, dizendo que parecíamos dois adolescentes.

Eu estava realmente muito feliz. Não sabia o tamanho do sentimento que tinha pelo Mauro, mas agora estava tão claro quanto a luz do dia. Eu o amava realmente. Nunca tinha imaginado ser mãe, nem sentir o que sentia agora, mas o Mauro fez com que tudo acontecesse de uma forma tão natural que eu não resisti mais a ele.

Minha felicidade era visível. Porém, eu ainda tinha medo de contar à minha família que teria uma menina, a garotinha que minha irmã tanto queria. Ela estava mais conformada com o fato de que teria mais um menino, mas eu sabia

que ela ia ficar louca quando soubesse que eu teria uma garota. Tinha medo da sua reação. Todavia, logo o furacão viria.



Na segunda-feira, eu e o Mauro chegamos juntos à revista, entramos até de mãos dadas. A Irene logo percebeu que a gente tinha se acertado.

— Vocês.... Você e o Mauro...?

— É, Irene, eu não ia conseguir esconder isso de você mesmo. Não adianta, minha amiga, eu estou apaixonada por ele. Eu o amo!

— Ai, que tudo! Sério?! Ai, amiga, e quando vai ser o casório?

— Dudu! Fecha a matraca! Eu e o Mauro estamos juntos, sim, mas é cedo para falar em casamento!

— Cedo? Meu bem, vocês dois não perceberam que estão juntos desde que você descobriu que estava grávida?! Ah, e mudando de assunto, quando é que você vai fazer o seu chá de bebê, hein?!

— É mesmo, Laura! Está na hora de fazer o chá de bebê!

— Eu não tinha pensado nisso ainda.

— Vamos fazer nesse fim de semana!

Eu ia ter de fazer dois chás de bebê, um na revista e outro na casa da minha mãe, para a família. Contudo, antes de qualquer coisa, era hora de ter coragem e contar à família o sexo da criança. O Mauro decidiu preparar um jantar no apartamento dele na sexta-feira para contarmos para todo mundo. O que me preocupava mais era minha irmã.

Assim, na sexta-feira, todos estavam lá. Meus pais e seus cônjuges, minha irmã com meu cunhado e as crianças, a Irene com seus filhos e o Carlos, e o Dudu – esses últimos eram como da família para mim.

— Nossa, Mauro, seu apartamento é lindo! — elogiou o Dudu.

— Obrigado! Vamos, fiquem à vontade!

Durante o jantar, o Mauro começou o discurso. Não vou mentir, eu estava ansiosa pela reação de todos.

— Bem, eu e a Laura convidamos vocês aqui hoje porque finalmente descobrimos o sexo do nosso bebê.

— E, por favor, não surtem, *tá*? — implorei. Todos nos olharam ansiosos, quando eu anunciei de uma só vez: — Vamos ter uma menina!

Enquanto todo mundo vinha nos parabenizar, percebi que a Elizabeth não se mexia. Quando finalmente ela me olhou, seus olhos estavam cheios de raiva.

— Por que toda essa palhaçada, Laura? Só para esfregar na minha cara que você vai ter a menina dos meus sonhos!?

Eu cheguei a achar que ela estava brincando, mas Beth estava realmente furiosa. Ainda tentei amenizar o clima e brinquei com ela:

— Mas e que culpa eu tenho se você é uma fábrica de fazer pintinhos?!

— Não achei graça nenhuma nessa sua piadinha de mau gosto! O que você pretende, Laura? Me humilhar mostrando que seu namorado é rico, que você vai ter a menina que eu tanto sonhei e não pude ter?! Jean, vamos embora. Estou me sentindo enjoada!

— Que atitude é essa, Elizabeth? Nós amamos vocês duas igualmente, e não é porque a Laura vai ter uma menina e você, o quarto menino, que nós vamos amar mais um neto do que o outro. Amamos todos da mesma forma! — declarou minha mãe.

— Ah, mãe, me poupe, *tá*? Sabe o que me dói mais? É que ela nem queria ter essa filha! Jean, vamos embora agora!

O Jean nos pediu desculpas e ficou totalmente sem graça, pegou os meninos e saiu. Após isso eu chorei. Chorei muito. Fiquei muito magoada com tudo o que ela disse. Meus pais ficaram horrorizados. A Irene disse que ela estava com inveja. Entretanto, ela era minha irmã! Eu fiquei muito mal com a sua reação.

Era como se eu tivesse culpa por estar esperando uma menina, e ela, o quarto menino. Justo ela, que, quando soubera que eu estava grávida, falara que ficaria ao meu lado e dissera “acho bom que seja uma menina” reagir dessa forma? Fiquei chateada.

Naquela noite eu dormi na casa do Mauro. Deitados na sua cama, ele me perguntou se eu já tinha pensado em um nome para a nossa “coisinha”. Na verdade, eu já tinha um nome em mente, mas queria fazer uma surpresa.

— Eu pensei em Maria Eduarda, ou Alexandra, ou Stephanie — ele revelou.

— Até que são bonitos, mas eu já escolhi um nome.

— E eu posso saber?

— Na hora certa você vai saber.

— E está preparada para o chá de bebê de amanhã?

— Pior é que vou passar por isso duas vezes, né? Amanhã na revista e, no sábado que vem, na casa da minha mãe!

— Pena que não vou poder ir.

— É, sabe como é, homens não entram. Além do mais, você ia achar um tédio!

— Mas o Dudu vai!

— Mas o Dudu não conta, né?!

Ele sorriu e respondeu:

— Isso é verdade! Nossa, como está frio! Chegue mais perto para me esquentar!

— Estamos no inverno, você queria o quê?

— Queria que se mudasse para cá.

— Está falando sério?

— Estou.

— Não vamos nos precipitar. Vamos com calma, tá?!

Eu queria ir com calma, mas o Mauro já queria que eu me mudasse para o seu apartamento.

Toda vez que eu dormia na casa do Mauro ou ele dormia na minha, eu dormia superbem. No dia seguinte, sábado, fui para a revista para o chá de bebê que a Irene, o Dudu e a dona Marta organizaram para mim. Agora todos sabiam que eu teria uma menina.

Tudo estava indo bem, da maneira que acontece nos chás de bebê. Eu fiquei coberta de batom, é claro, parecia uma verdadeira palhacinha com um monte de rabiscos pelo rosto e barriga. Amarraram meu cabelo com umas fitas cor-de-rosa, enfim, fiquei irreconhecível.

A dona Marta, que estava lá, veio me contar a mais “boa nova” sobre a

Camila. Disse que ela estava grávida, mas que não era do Renato, que ela o havia traído com um cara muito mais velho do que ela, riquíssimo, dono de um posto de gasolina, e que ela quisera dar o golpe do baú. Porém, o velho não caiu na conversa dela, e, como ele era casado, agora a Camila estava brigando na justiça por um exame de DNA antes mesmo do nascimento da criança. Realmente algumas pessoas nunca mudam.

Após umas três horas, a Irene me ajudou a colocar meus presentes e aquele bando de pacotes de fraldas no carro. Fui direto para o meu apartamento. Quando cheguei, tive uma surpresa. Achava que ia ter de guardar todos os presentes em uma caixa, mas, ao entrar no quarto que seria da “coisinha”, o Mauro estava lá, sentado na poltrona, com o quartinho todo montado, tudo arrumado.

— Ai, Mauro, ficou lindo!

— Eu sei... Também achei.

A Irene tinha combinado tudo com o Mauro: enquanto eu estava no chá de bebê, ele passou a tarde toda arrumando o quarto da nossa filha. Até as roupinhas ele tinha dobrado e guardado na cômoda e no guarda-roupa.

Apesar de tudo, eu estava chateada por causa da minha irmã. No fim de semana seguinte seria o chá de bebê na casa da minha mãe, que ela e a Eva estavam organizando, e eu não sabia muito bem se minha irmã ia aparecer e, se aparecesse, qual seria a sua reação.

Assim, comigo cheia de ansiedade, o bendito chá de bebê na casa da minha mãe chegou. Veio muita gente, minha tia Cristina, a mãe do Mauro, a irmã dele, até a vó Amélia veio.

Tudo estava lindo realmente, mas senti a falta da minha irmã. Ela sequer apareceu por lá com os meninos. Fiquei arrasada.

Ganhei muitas coisas, inclusive fraldas. Fraldas era o que eu mais tinha. Eu e o Mauro levamos os pais e a vó Amélia para o meu apartamento para eles verem o quarto do bebê, quando a vó perguntou:

— Mas eu acho que esse quarto tinha que ser no seu apartamento, Mauro. Afinal, ele é enorme, e a Laura irá para lá, ou estou enganada?

— É que a gente quer esperar um pouco mais, vovó...

— Esperar o quê? O bebê vocês já fizeram mesmo. Deixaram para comer a sobremesa antes da refeição principal. Vocês estão é perdendo tempo.

O Mauro deixou para lá. Não era bom discutir com a vó Amélia.

Quando eles estavam indo embora, ele insistiu para que eu fosse com eles para o meu apartamento.

— Tem certeza de que vai ficar aqui sozinha? Não quer que eu te esquente essa noite?

— Tenho, Mauro! Curta sua família.

— Você agora também é minha família. Aliás, a parte mais essencial dela.

Ele me puxou para si e me beijou com ternura, numa briga interna entre ir embora ou ficar. No entanto, eu insisti que ele fosse.

Tudo estava perfeito demais. Tudo estava dando certo demais. Eu estava feliz e cada vez mais interessada em minha filha, minha “coisinha”, e queria muito fazer as pazes com Elizabeth. Estava contente com o Mauro como jamais pensara que pudesse ficar... Contudo, até quando? Eu saberia em breve.



Eu entrava no oitavo mês de gestação. Fui para a minha consulta de rotina e encontrei minha irmã lá.

— Oi, Elizabeth!

— Oi.

— E então? Como está o meninão?

— Bem.

Ela mal me deu atenção, e suas palavras eram frias como gelo. Mal olhou para mim. Enquanto eu esperava ser atendida, vi um anúncio, em um mural do hospital, de um curso para mães de primeira viagem. Peguei o número e, à tarde, liguei para me inscrever. O curso seria sábado à tarde toda, e não contei a ninguém. Queria surpreender a todos, inclusive o Mauro, que ainda brigava comigo querendo me fazer mudar de ideia e ir morar logo com ele, mas eu me

sentia insegura ainda, não por não ter certeza dos meus sentimentos por ele, mas por uma intuição que me avisava que era melhor esperar um pouco mais.

Outro dia ele me contou sobre a conversa que tivera com a Rúbia naquela noite do parque, o dia em que eu descobri o quanto estava apaixonada por ele. Revelou-me que ela havia terminado com ele e o incentivado a ir atrás de mim e fazer com que eu confessasse que também estava apaixonada por ele, pois nós tínhamos de ficar juntos.

Mais uma semana começava na revista. Assim que cheguei, o Dudu veio nos avisar que a dona Marta ia fazer uma reunião com todo o pessoal no fim do expediente. Eu estranhei, pois o Mauro não tinha aparecido para ir trabalhar e, no domingo, ele estava estranho, meio quieto, e eu tinha achado que ele estava preocupado com alguma coisa, mas não chegara a perguntar o que ele tinha.

Assim o dia se passou, e o Mauro não apareceu. Tentei ligar para ele no celular, mas só caía na caixa de mensagens. Algo estava muito errado.

Não demorou para que dona Marta convidasse a todos nós para sua sala de reuniões, e eu não sabia por que, mas minhas mãos estavam geladas e eu estava com um mau pressentimento.

Ela nos entregou um protótipo da revista em inglês, e nós nos olhamos e a encaramos cheios de dúvidas.

— É o que todos vocês estão pensando... Finalmente realizei um grande sonho! Nossa revista terá uma filial em Nova Iorque! Teremos uma versão internacional. Há mais ou menos uns seis meses eu e meu marido, que é meu sócio, claro, junto com o Mauro, discutimos essa ideia, e uma empresa se interessou e gostou, então, somos padrão internacional!

Todos aplaudimos, num festival de alegria e orgulho pelo bom trabalho que realizávamos, mas uma pergunta me surgiu e um aperto no meu peito começou a me intrigar.

— E quem vai gerenciar essa filial em Nova Iorque?

— Bem, como já tínhamos combinado antes de tudo ser acertado, o Mauro irá para Nova Iorque. Eu não sei como estão as coisas entre vocês, mas, até a época em que ele me disse, há um tempo, pelo menos, vocês não tinham nenhuma ligação amorosa, ele te daria o apoio de que você precisasse à distância e estaria presente quando a sua filha nascesse.

Eu devo ter ficado branca, pois senti a cor fugir do meu rosto. Sentei-me devagar na minha cadeira e não consegui mais prestar atenção ao resto da reunião. Só voltei a mim quando a dona Marta mencionou meu nome pela terceira vez e todos estavam olhando para mim.

— Então, Laura, aceita o cargo que era do Mauro? Querida, você está bem?

— E-estou, só estou um pouco cansada, eu acho...

— Bem, não vou tomar mais o tempo de vocês, podem ir para casa, e obrigada, meus queridos, esse mês todos receberão uma recompensa nos contracheques, hein?! E, Laura querida, não é bom você dirigir nesse estado. Pense bem na proposta do novo cargo e me avise assim que tiver uma resposta.

— Eu vou levá-la para casa, dona Marta, não se preocupe — avisou minha amiga.

— Obrigada, Irene.

Eu fui meio amparada até o carro da Irene, e o Dudu levaria o meu. Assim que entrei no carro dela, olhei-a e desabafei:

— Irene, você ouviu? Ele vai me abandonar! A intenção dele foi me enrolar esse tempo todo! Por quê? Ele vai me abandonar...

— Amiga, calma. Converse com ele antes. Ele deve ter uma boa explicação.

— Eu acho bom que tenha mesmo! Pois eles já estavam negociando isso tudo há seis meses, Irene! Seis meses! E ele sequer mencionou isso para mim! Mas por quê? Para que me enganar assim...?

— Laura, converse com ele antes de pensar em qualquer coisa.

A Irene me deixou no apartamento do Mauro e me pediu calma. Todavia, calma era tudo o que eu não sentia naquele momento. Entrei no apartamento e, com olhos cheios de mágoa, encarei-o.

— Laura? O que aconteceu, anjo?

— O que aconteceu? O que aconteceu?! A verdade sempre aparece, sabia? Quando é que você ia me contar, Mauro?

— Mas contar o quê?

— Não se faça de inocente! A dona Marta me contou que você, ela e o marido dela há uns seis meses estão negociando uma filial internacional da revista, e adivinha só o que eu descobri... que você vai embora para Nova Iorque assumir a diretoria! Por isso que nem foi trabalhar hoje, não é? E eu caído feito uma idiota na sua conversa, achando que você me amava e que ia ficar comigo e me ajudar com a nossa filha!

— Laura, não é bem assim. Deixa eu te explicar! Senta, você está muito nervosa!

— Então é mesmo verdade? Você realmente vai embora? Vai me abandonar com a sua filha?

— Laura, eu não disse isso...

— Mas também não disse que não vai! E eu acreditando que você estava apaixonado por mim! Burra!

— Mas eu estou, amor! Sou louco por você! Mas me deixe explicar a situação.

— Então fale...

— Eu acreditava que não conseguiria conquistar você. Isso já faz um tempo. Uns seis meses atrás, antes de descobrir que você estava apaixonada por mim, sim, realmente eu disse que poderia assumir a direção da revista em Nova Iorque, pois poderia te dar todo apoio de longe. Estaria aqui quando a nossa filha nascesse, mas não haveria necessidade de estar sempre aqui...

— Entendi... você ia me deixar de qualquer jeito!

— Laura, se acalma e me ouve...

Sentei-me no sofá da sala enquanto ele me trazia um copo de água. Reparei em alguns anúncios que ele estava vendo na internet no seu notebook, que estava na mesa de centro da sala, e vi que ele estava vendo alguns imóveis em Nova Iorque. Aquilo para mim foi a gota d'água. Levantei-me, olhei para ele com raiva e gritei:

— Tome essa água você! Se você não tivesse intenção de me deixar, não estaria vendo esses anúncios na internet! Mas pode deixar, eu vou cuidar bem da MINHA filha! Adeus, Mauro!

Saí correndo e nem lhe dei oportunidade alguma de inventar uma desculpa esfarrapada. Adentrei em meu apartamento, e nem meia hora depois, o Mauro apareceu tocando a campainha. Não abri a porta e gritava lá de dentro mesmo que não queria vê-lo, nem ouvir a sua voz. Ele, do lado de fora, perguntava se eu estava chorando, falava que eu precisava me acalmar, que eu tinha de pensar no nosso bebê... e eu apenas bufava de raiva. Não abri a porta para ele. Depois de um tempo ele foi embora, mas falou que voltaria.

Não dormi a noite toda. Na manhã seguinte fui preparada psicologicamente para ir ao trabalho e dar de cara com o Mauro, mas ele nem apareceu. Eu contei tudo para a Irene e o Dudu, que, como sempre, ficaram do meu lado.

Na saída do expediente, o Mauro apareceu querendo conversar. Eu, como meu carro tinha ficado com o Dudu, pedi uma carona para a Irene; ela ia me levar para casa.

— Laura, eu te deixo em casa. A gente precisa conversar!

— Mauro, a Laura não quer conversar com você. Ela não pode ficar nervosa. Dê um tempo para ela, tá?

— Mas eu preciso me explicar! Você, Irene, acredita mesmo que eu seria capaz de abandonar Laura e minha filha aqui?

— Mauro, não quero me meter! Só achei muito estranha a sua atitude de não ter contado a ela. Mas, enfim, eu não vou me meter. Vocês têm, sim, que se sentar e se resolver, mas no momento é melhor você deixá-la se acalmar. Assim que a poeira abaixar, vocês conversam, ok?!

A Irene era a melhor amiga do mundo! Ela me entendia e me defenderia

sempre. Deixou-me em casa, fez um chá para que eu me acalmasse e falou que eu realmente precisava conversar com o Mauro e entender as suas razões.

Todavia, eu estava tão nervosa, com tanta raiva que nem a voz dele eu aguentaria ouvir.

Naquela semana inteira, o Mauro não apareceu na revista e me ligava umas 10 vezes por dia para o meu celular, mandava mensagens, mas eu não respondia nada.

No sábado à tarde, fui para o meu curso para mães de primeira viagem. Era só um dia, seria a tarde toda. Eu era a mais velha do grupo, todas as outras mães eram adolescentes ou tinham no máximo 27 anos. Mesmo assim me enturmei com todas. Aprendi a trocar fraldas, a dar banho, como pegar direito um bebê recém-nascido no colo. Achei-me uma expert depois que saí de lá. Agora, sim, eu estava mais segura. Quando minha filha nascesse, eu não teria mais medo de derrubá-la no chão, ou de afogá-la na banheira durante o banho.

Saí do curso e fui direto para a casa da minha mãe. Precisava de companhia, estava me sentindo muito sozinha em casa nos últimos dias. Não queria dormir sozinha naquela noite.

Porém, chegando lá, dei de cara com minha irmã e meu cunhado. Declarei:

— Ih, mãe, acho melhor eu ir para casa.

— Não! Você não disse no telefone que queria passar a noite aqui em casa, que não queria ficar sozinha?! Então? Pare de ser infantil e fique!

Entrei na sala. O Jean me cumprimentou normalmente, e a Elizabeth só ficou me olhando de canto de olho. Minha mãe, claro, começou o “discurso”:

— Anda, Elizabeth, você não ia falar alguma coisa para sua irmã?

— Ai, mãe, não me pressione! Então, Laura... Irmã... você me desculpa por eu ter sido tão ignorante, idiota e invejosa com você? Eu fui muito nojenta, e você precisava do meu apoio. Mas você sabe como ficam os hormônios nessa fase... Eu fui infantil demais, eu mesma disse que era bom que você tivesse uma menina. Eu não sei o que me deu na cabeça, eu...

Eu já estava com os nervos à flor da pele. Ao ver minha irmã se desculpar com os olhos cheios d'água, fui correndo abraçá-la, e choramos juntas. Ela estava feliz, agora com mais um menino a caminho, e contente por ganhar uma sobrinha. Ela até levou uma sacola enorme das roupinhas de menina que ela tinha comprado e deu tudo para mim.

O Jean me surpreendeu. Não de uma forma boa. Ele trouxe um vídeo para eu assistir. Eu, boba e toda empolgada, comecei a assistir achando que era um filme, mas logo percebi do que se tratava, e era meu pesadelo. O idiota do meu cunhado me mostrou um vídeo de um dos partos da Beth, que ele tinha filmado. Meus três sobrinhos nasceram de parto normal. É claro que ele não filmara tudo

em detalhes, mas os gritos da minha irmã me assustaram.

— É por isso que eu não quero parto normal! Não vou passar por isso aí, não!

— Jean, você não tinha nada que mostrar esse vídeo para ela!

— Ué, mas é um momento tão lindo!

— Ai, só eu mesma para me apaixonar por você, né?! Ai, Laura, não vou mentir... dói, é lógico que dói. Mas tudo passa assim que você vê a carinha do bebê. Tudo vale a pena. Você verá!

Nada e nem ninguém ia me fazer mudar de ideia. Eu já tinha planejado tudo na minha cabeça, um parto sem dor, sem lembranças traumáticas. Cesariana e ponto final.

Minha mãe e minha irmã perguntaram se o Mauro iria assistir ao parto. Eu disse que, se fosse por minha vontade, não. Conteí toda a história da proposta que ele tivera para ir morar em Nova Iorque e tudo o que ele andava fazendo às escondidas, como se tivesse a intenção de me abandonar, o que, na minha cabeça, era realmente isso.

É claro que as duas, assim como a Irene, pediram que eu conversasse com ele com calma e entendesse o seu lado, soubesse o que realmente ele queria. Contudo, eu era teimosa demais para ouvi-lo.

Mais uma semana se passou, e decidi ir até o apartamento do Mauro para conversarmos, mas ele não estava. Liguei para a Irene, pois fora por insistência dela que tinha ido até lá, e lhe contei. Ela pediu que eu passasse na sua casa.

Ao chegar lá, ela me entregou um bilhete.

— Amiga, achei que você me ligaria antes de ir até o apartamento do Mauro. Ele deixou esse bilhete comigo e me pediu que te entregasse, caso sua raiva passasse e você fosse procurar por ele.

— Por que ele não veio falar comigo?

— Porque você estava muito irritada, amiga. Ele não queria te aborrecer ainda mais. Você sabe que você também não é tão fácil de lidar, e, no seu estado, era melhor que ele não te irritasse. Achei fofo da parte dele. Tá, assumo, eu li.

No envelope tinha um pequeno bilhete que dizia:

Para Laura.

Amor, sei que você está nervosa. Decidi dar um tempo e resolver uns problemas, mas logo estarei de volta. Vou te procurar, e vamos nos resolver. Não pense que desisti de você e da nossa filha. Me aguarde!

Beijos,

Mauro.

Resolver uns problemas? Eu já imaginava que ele estivesse indo ver o apartamento onde ficaria em Nova Iorque, no mínimo.



Naquela semana, completei o nono mês de gestação. Fui ao obstetra, que marcou a data da cesariana para o dia 18 de setembro.

— E está tudo bem com a bebê, doutor?

— Perfeitinha. Tudo em ordem. Você é saudável, Laura, terá uma filha forte.

— Obrigada, doutor, assim fico mais tranquila.

— Procure não se estressar muito nos próximos dias e não fique muito ansiosa, se possível.

— Está meio complicado, mas tentarei.

O frio já estava indo embora, naquele mês começaria a primavera. Lembro-me perfeitamente daquele dia. Era mais um fim de semana que eu passava na

casa da minha mãe, quando meu celular tocou. Era uma mensagem do Mauro.

Onde vc está? Estou aqui no estacionamento! Quero ver vc agora!

Respondi com uma mensagem curta e grossa:

Estou na minha mãe! Se quiser vir, estou aqui.

Não demorou mais de 15 minutos, e ele apareceu lá. Minha mãe nos deixou no meu antigo quarto para conversarmos a sós.

Mauro ficou me encarando e não falava nada, e eu já estava me irritando, quando ele me perguntou se eu estava bem. Respondi que sim e lhe indaguei se ele tinha conseguido uma casa em Nova Iorque para morar, quando ele me disse que não tinha ido para aquela cidade, que nunca fora e que nunca tivera a intenção de ir. Falou que havia ido para a casa dos seus pais.

Questionei por que ele não tinha me falado da proposta de trabalho, por que ele havia me escondido isso, já que não tinha intenção de aceitar. Então ele argumentou que, como ele não aceitaria mesmo a proposta, não precisaria me contar, já que isso só ia me deixar nervosa, como realmente fiquei.

Ele começou a gaguejar algumas palavras meio sem sentido, quando senti um líquido escorrer pelas minhas pernas. Eu estava vestindo um macacão bege, que ficou todo encharcado. O Mauro ficou me olhando com uma cara estranha.

— Se queria ir ao banheiro, era só avisar. Não conseguiu se segurar?

— Não, eu nem estava com vontade de ir ao banheiro...

— Então... espera... DONA EUGÊNIA!!!

Minha mãe entrou no quarto correndo e entrou em pânico ao me ver.

— Filha... você está sentindo alguma dor?

— Não! Por quê?

— Não senti nada de diferente o dia todo?

— Ah, senti que minha barriga estava um pouco mais dura depois do almoço... umas três vezes... mas passou. E agora esse xixi descontrolado.

— Filha, isso não é xixi. Foi sua bolsa que rompeu!

— Quê?!

Agora eu estava em pânico. Como assim minha bolsa rompera? Minha cesariana estava marcada para dali duas semanas, aquilo não estava certo, não estava na hora! Não, as coisas não poderiam sair do meu controle daquele jeito, eu tinha planejado tudo, não era para ser assim!

— Minha filha... Sua bebê virá antes... Hoje é o dia de ela vir ao mundo.

Eu queria desmaiar, mas não consegui. O Mauro ligou para o obstetra na mesma hora. Nesse momento a Beth entrou no quarto, e todo mundo começou a

ficar louco.

Minha mãe pediu para o Mauro ir buscar a bolsa da bebê no meu apartamento enquanto ela e meu pai me levariam até a maternidade. A primeira coisa que o Mauro perguntou é se daria tempo de ele assistir ao parto, e escutei minha mãe respondendo que era para ele ficar tranquilo, porque o trabalho de parto às vezes demorava horas.

— Horas? Você está doida, mãe?! Eu marquei uma cesariana para daqui duas semanas, ela não pode nascer agora!

— Não só pode, como vai!

As dores então começaram de 15 em 15 minutos. Levamos cerca de meia hora até chegar à maternidade. Mal chegamos, já me levaram para um quarto e disseram que eu tinha de esperar as contrações ficarem mais fortes e, a cada uma, fazer força.

— Eu quero falar com o doutor Marcelo! Agora!

— Calma, filha!

— Calma nada! Isso não pode acontecer! Eu não quero que seja assim!

— Mas agora você não terá escolha. E parto normal é parto natural!

— CHAMA LOGO O MÉDICO!

15 minutos depois, o obstetra chegou. Ficou olhando uns eletrodos que tinham colocado em mim para ver os batimentos cardíacos do bebê. Ele me olhou quase com cara de deboche e disse que agora não daria mais tempo de fazer a cesariana, seria parto normal, já que eu já estava com 8cm de dilatação.

Passou-se quase uma hora. O Mauro tinha ligado para minha mãe dizendo que estava no meio de um congestionamento e que ia demorar um pouco mais do que o previsto para chegar. Nesse instante o doutor Marcelo apareceu para me inspecionar e ordenou que algumas enfermeiras me transferissem para a sala de parto, pois estava na hora.

— Alguém vai assistir ao parto?

— Mãe, cadê o Mauro?!

— Ele já está vindo, filha.

— EU O MATO se ele não chegar a tempo! Ele que não pense que vou esperar ele chegar, essa dor é insuportável e eu quero mais é que passe logo!

— Eu vou com ela, mãe, até o Mauro chegar.

A Beth entrou comigo na sala de parto. A cada contração eu tinha de fazer força para o bebê nascer. Já estava ficando sem paciência.

— Doutor, não tem alguma anestesia, não?!

— Não. Agora preciso que você continue fazendo força. Não seja tão chorona, você está se saindo muito bem.

Durante meus berros, senti que a Beth soltou minha mão e senti outra mão

pegar a minha; o Mauro havia finalmente chegado. Ele me pediu desculpas, e o médico continuou falando para eu continuar fazendo força, pois eu estava quase lá.

— Viu? Prometi que estaria aqui com você e estou. Agora continue, você está indo bem. Pode apertar minha mão o quanto quiser. Vou ficar aqui, onde é meu lugar.

E ele cumpriu o que prometeu, ficou todo o tempo do parto ali ao meu lado. Só saiu poucas vezes para ir ao banheiro, beber água, mas logo voltava. Mesmo assim ele ia me pagar por tudo aquilo, se ia.

Escutar o choro da minha “coisinha” quase me fez esquecer de que seu parto havia doído tanto. O Mauro foi o primeiro a vê-la e a pegou nos braços para me mostrar.

— Olha, amor! Ela não é linda? Nossa menininha!

— Oi, minha “coisinha”! Então era você que tanto me chutava. Você é tão linda, minha “coisinha”!

E eu, que achava todo bebê recém-nascido com cara de joelho, minha filha eu não achei, não. Ela era linda, grande e gorda, havia nascido com 3,820kg e 47cm. Logo que a médica a tirou de mim, eu desmaiei de cansaço. Quando acordei, já estava em um quarto normal, com uma enfermeira entrando com o bebê para eu amamentá-lo.

— Ela é tão linda! — comentei.

— É, sim. Parabéns! Seu marido está no corredor, posso deixá-lo entrar?

— Claro.

O Mauro entrou no quarto com um brilho nos olhos que eu nunca tinha visto antes.

— Ela é linda! Obrigado, Laura! É a melhor coisa que aconteceu na minha vida!

— Ela é perfeita! Nossa “coisinha”!

— Mas vamos admitir, ela se parece mais comigo!

— Não seja convencido! Ainda é muito cedo para dizer.

— Preciso fazer o registro dela. Você já escolheu o nome?

— Sim. Ela vai se chamar Juliana!

— O quê...?

— Em homenagem a sua primeira namorada e para você se livrar de vez de uma culpa que você não tem.

— Nossa, nem sei o que dizer...

— É o suficiente só falar que o nome é lindo!

Nesse instante toda a família entrou no quarto, incluindo os pais do Mauro, sua irmã e o cunhado e a vó Amélia, que disse:

— Eu sabia que era menina! Eu disse! Agora vê se vocês dois ficam juntos de verdade, porque eu não sou boba! Eu sabia que vocês estavam fingindo quando foram nos visitar.

E quem diria que a vozinha “inocente” já sabia de toda a verdade e era esperta demais?

Todos estavam felizes e apaixonados pela Juliana. Minha mãe e minha irmã, então, estavam extasiadas. Se dependesse delas, ambas não sairiam mais de perto.

O horário de visitas acabou, e finalmente ficamos um minuto a sós, eu e o Mauro, enquanto a Juliana dormia. Ele me perguntou se eu iria para a casa da minha mãe ou ia querer ficar sozinha no meu apartamento. Na verdade, eu queria mesmo era ir para o meu apartamento, pois tinha certeza de que, se fosse para a casa da minha mãe, ela não ia me deixar fazer nada. Já a conhecia bem, ela ia querer me ajudar e faria tudo, e não era isso que eu queria, queria aprender a me virar sozinha. O problema era que eu também estava morrendo de medo de ficar só com meu bebê no apartamento. Quem ia ficar de olho nela para eu ir ao banheiro? Como eu faria para fazer tudo dentro de casa, lavar, passar, cozinhar...?

Foi então que Mauro me surpreendeu me chamando para ir para o seu apartamento.

— Mas, Mauro, o quartinho dela já está todo arrumado no meu apartamento.

— Isso não é problema, eu posso arrumar tudo em um dia na minha casa.

— E eu? Onde vou dormir?

— No meu quarto, na minha cama, ao meu lado, como tem que ser.

— Eu ainda estou chateada com você!

— Eu sei. E pensei muito, sabe... sobre tudo isso... sobre você, eu, nossa situação... e decidi te comprar esse presente.

— Outro sapatinho de crochê?

— Veja o que tem dentro dele.

E dentro do sapatinho tinha uma caixinha com duas alianças. Eu estava sendo pedida em casamento e pensei muito na proposta, pois não queria me casar só por causa da minha filha.

— Não posso me casar com você só porque agora temos uma filha juntos...

— Não é só pela Juli, eu te amo, já te disse isso. Te amo de uma maneira que pensei que nunca existisse. E quero você comigo!

— Foi tudo muito rápido, confuso... eu...

— Só se você não sentir o mesmo... o que eu duvido que não sinta, caso contrário, não estaria tão chateada comigo.

— Deixa de ser convencido! Mas, sim, Mauro, eu aceito me casar com você, porque, mesmo desse seu jeito torto, eu aprendi a te amar e não me vejo mais longe de você. Você e a nossa “coisinha” mudaram minha vida para melhor!

Beijamo-nos e, no dia seguinte, quando minha mãe apareceu já me intimando a ir para a casa dela, surpreendeu-se quando contamos que eu e o Mauro iríamos nos casar. Nós íamos esperar a Juli crescer um pouquinho e então nos uniríamos em matrimônio. E eu falei que estava indo para o apartamento dele.

— Você tem certeza, minha filha? É muito complicado cuidar de um bebê sozinha nos primeiros dias e...

— Mãe, eu não vou estar sozinha, o Mauro vai me ajudar. E precisamos aprender a nos virar sozinhos.

— Está certa, você tem razão. Estou tão orgulhosa de você, filha! — dizia ela com um brilho nos olhos.

Quando tive alta com a Juliana, o Mauro veio nos buscar, e antes de irmos para o seu apartamento, passamos em outro lugar, um sobradinho no centro da cidade em uma rua supermovimentada.

— Bem... está vendo esse sobrado?

— Sim, estou.

— Ele é nosso!

— Não vai me dizer que a gente vai sair do seu megaconfortável duplex para vir morar aqui no centro da cidade!

— Claro que não, bobinha! Eu te disse que eu pedi demissão da revista?

— Não...

— Então... eu estava juntando minhas economias e agora estou realizando meu terceiro sonho! Vou abrir minha própria editora!

Ele realmente estava feliz. Disse que sabia que eu gostava de trabalhar na revista, mas ele queria que eu trabalhasse ali com ele, afinal, seria o negócio da família. A editora seria para publicar livros de novos autores, iríamos ajudar os iniciantes. Eu adorei a ideia e com certeza embarcaria naquela jornada com ele.

Ao chegarmos ao seu duplex, Mauro me mostrou o quartinho que montara para nossa filha com a ajuda do meu concunhado e do meu padrasto. Ele tinha passado no meu apartamento para pegar tudo, e o quarto da Juli ficou ainda mais bonito. Eu me encantava ainda mais por ele.

Para a minha surpresa, minhas roupas estavam todas no closet de Mauro, assim como todos os meus pertences estavam no seu apartamento. Ele havia feito a mudança completa.



Eu e o Mauro não sabíamos como seria dali para frente, com um bebê dependendo da gente para tudo.

Naquela primeira noite, eu dei de mamar a Juliana, e meus peitos ainda estavam muito doloridos. Eu não imaginava que fossem doer tanto. No entanto, ela mamava o tempo todo. Eu estava exausta.

Fui me deitar passava da meia-noite. O Mauro estava acordado, lendo um dos originais da nova editora para fazer uma avaliação.

— Você demorou, amor.

— A Juli parece uma bezerrinha. Mama o tempo todo. Estou tão cansada, mas ao mesmo tempo não sei se vou conseguir dormir direito.

— Primeira noite dela fora do hospital. Mas pode dormir um pouco. Eu cuido dela se ela acordar.

— Sério?

— Sim. Pode descansar.

Não demorou para eu desmaiar na cama ao lado dele. Ainda assim, quando a Juli acordou, eu acabei despertando, mas o Mauro já não estava mais ali. Fui espiar onde ele estava e o encontrei no quarto da frente, o quarto da nossa menina.

Ele estava trocando a fralda dela, e, quando terminou, eu entrei no cômodo.

— Muito bem, papai.

— Schiu, vou tentar fazê-la dormir.

— Está bem. Vou preparar um chá de camomila, aceita?

— Sim.

Desci as escadas e fiz o chá. Quando voltei para o andar de cima, o Mauro estava saindo do quarto da Juli.

— Dormiu tão rápido — comentei. — Ela é um anjo.

— Puxou ao pai. Vem, vamos para a cama.

Terminamos de tomar o chá na cama mesmo. Deitei-me com a cabeça no seu ombro e fiquei observando-o.

Ele me beijou delicadamente nos lábios, e adormecemos. Não por muito tempo, já que a Juli acordou três horas depois para mamar.

Eu não fazia ideia de como era ter um bebê em casa, mas aquele cheirinho infantil infestava o apartamento. Era tão gostoso.

Na manhã seguinte, perto do meio-dia, eu e o Mauro fomos dar o primeiro banho da Juli fora do hospital. Eu já tinha feito isso na maternidade, então o Mauro fazia questão de dar o banho nela.

Entretanto, confesso que fiquei o tempo todo ao lado, olhando.

— É assim? Estou fazendo certo?

— Está, sim, amor.

— Fala de novo?

— O quê?

— Amor.

— Para de palhaçada e se concentra.

Até que, para um homem durão como Mauro, ele se saiu bem. Ele mesmo secou e trocou a nossa filha. Porém, existia uma coisa que ele não podia fazer, e isso era comigo. Dar de mamar a ela.

Ele foi preparar o almoço enquanto eu estava no quarto amamentando a Juli, quando a campainha tocou. Era minha família. Toda. Minha mãe e o marido, meu pai com minha madrasta, minha irmã e meu cunhado, além dos meninos.

Achei que, pelo menos nos primeiros dias, eles nos dariam espaço, mas não.

Depois fiquei com a consciência pesada. Minha mãe havia trazido comida para mim e o Mauro.

— Ah, mãe, não precisava.

— Precisava, sim, meu amor. Você e o Mauro vão ter muito trabalho ainda. Não custa eu ajudar. Deixa eu pegar minha neta um pouquinho?

Todo mundo brigava para pegar a Juliana no colo, até os meus sobrinhos. Precisávamos nos acostumar àquela rotina. Meus colegas de trabalho e amigos também vieram nos visitar. Irene e Dudu ficaram superempolgados.

Assim, os primeiros 40 dias da Juli passaram, e com eles minha restrição para “namorar” também. Eu não via a hora, estava morrendo de saudades do Mauro.

Para compensá-lo de todas as minhas trapalhadas e burrices, eu perguntei para minha mãe se ela não ficaria com a Juli umas horinhas naquela noite. Depois eu voltaria para buscá-la. Eu ainda não podia ficar uma noite toda sem a minha filha. Não imaginava que ficaria tão ligada à minha “coisinha”. Todavia, era coisa de mãe mesmo, agora eu entendia.

— Claro que fico, imagina.

— Vou deixar leite materno para a senhora dar a ela. Se ela incomodar, me ligue, que venho buscá-la na mesma hora.

— Fique tranquila e aproveite umas horas com seu “namorado”. Divirta-se.

— Obrigada!

Eu e o Mauro havíamos combinado de ir jantar naquela noite e depois ir para casa namorar. Acontece que eu não tinha uma roupa que ficasse boa. As de grávida já estavam gigantes, já que eu estava quase no meu peso normal de antes da gravidez. O problema era que as minhas roupas antigas também não ficavam boas, pois meus seios estavam maiores e tudo apertava.

Corri para uma loja e fui à procura de um vestido. O Mauro estava na nossa editora, trabalhando a todo vapor.

Experimentei uns quatro vestidos e acabei escolhendo um pretinho básico que valorizava meu novo decote. Depois passei em uma loja de roupas íntimas; precisava de uma lingerie nova que deixasse o Mauro doido. Na verdade, ele já estava doido, mas eu queria surpreendê-lo um pouco mais.

Comprei uma lingerie vermelha. Fui para casa, tomei um banho demorado e ficava me olhando no espelho. Era lógico que meu corpo não era mais o mesmo... Será que toda mulher fica pensando nisso depois de uma gravidez? Eu não me sentia mais segura com relação ao meu corpo como antes.

Respirei fundo e parei de paranoia. Coloquei a lingerie nova, o vestido, fiz uma maquiagem bem marcada e esperei meu “namorado” chegar. Quando ele apareceu e me viu vestida com aquele vestido preto justo e decotado, quase não

saímos.

— Você está maravilhosa!

— Opa, não, senhor. O parque de diversões será aberto e reinaugurado mais tarde. Vá tomar seu banho e fique lindo para mim. Nossa reserva é para daqui quarenta minutos.

— Ai, mulher, desse jeito você me mata. Estou na seca há mais de quarenta dias!

— Eu também. Então ande logo.

Ele tomou seu banho e vestiu uma calça social preta com uma camisa também preta, bem formal. Parecia até meu antigo chefe. E colocou uma gravata azul. Quando ele desceu as escadas para irmos, eu o olhei dos pés à cabeça e falei:

— Você se parece muito com meu antigo “chefe”, sabia?

— Jura? Então ele era bonitão.

— Sim... mas muitas vezes eu imaginava que o esganava com a gravata.

— Hum... Jura? E agora?

— Tenho algumas ideias... Mas vamos jantar, que estou com fome.

Dei um beijinho casto em seus lábios, peguei minha bolsa, e fomos para o restaurante. Era um estabelecimento chique, desses que colocam mil garfos e colheres ao seu redor.

Enquanto nosso pedido não vinha, o Mauro pediu vinho e ficou me olhando com aqueles olhos azuis de um jeito muito sedutor.

— Você pode parar de me olhar assim?

— Assim como?

— Não se faça de bobo. Desse jeito, querendo me seduzir.

— É sério que está funcionando? Já olhei para você antes desse mesmo jeito e você nem ligava. Eu deveria ter feito um filho em você antes.

— Você é muito bobo, sabia? Eu não entendia o que a mulherada via em você de tão fascinante.

— Pois é... mas agora tudo isso aqui é seu.

Era impressionante, eu já estava ficando excitada só pelo olhar dele e o seu modo de falar comigo.

— Vamos mudar de assunto. O que vai querer de sobremesa?

— Você. Com champanhe, morangos e chantilly.

E deu uma risadinha safada que eu nunca tinha visto.

Nosso pedido chegou, e começamos a falar da Juli e de como ela crescia rápido. Uns a achavam a minha cara, outros, a cara do Mauro. Na verdade, nós achávamos que ela era uma mistura muito melhor de nós dois, com os olhos azuis do Mauro.

Depois do jantar, antes de pedirmos a conta, vimos uns casais dançando umas músicas lentas em um espaço reservado do restaurante, e o Mauro me tirou para dançar. Ficamos com o corpo e o rosto colados um ao outro, quando ele começou a sussurrar coisas ao meu ouvido:

— Me fala uma coisa... Por favor, diga que está vestindo uma daquelas calcinhas de renda que você estava usando naquela noite em que fizemos a Juliana.

— Como você se lembra de como era minha calcinha?

— Ah, de você, eu lembro tudo. Quero sair logo daqui.

— Vamos, então?

— Calma, vamos terminar a música primeiro.

Ele estava me provocando, isso sim.

Assim que a música terminou, voltamos para a mesa, ele pediu a conta e, ao contrário do que eu pensei, que iríamos para casa, nós acabamos indo para um motel. E não qualquer motel, era um daqueles que se tinha direito a tudo. Até piscina no quarto havia.

Fui descer do carro, mas Mauro me pediu para esperar. Não entendi nada. Ele veio abrir a porta do veículo para mim.

— Sou um cavalheiro, esqueceu?

— Você está com segundas intenções.

— Segundas? Não; todas as intenções possíveis.

Mauro abriu a porta do quarto, e entramos com ele atrás de mim afastando meu cabelo do pescoço e o beijando, deixando-me arrepiada. Virei-me de frente para ele e comecei a beijá-lo com vontade. Ele foi me guiando até a cama e me deitou nela, sem desgrudar da minha boca um minuto. Ficamos ali nos beijando por uns segundos, quando eu peguei em sua gravata.

— Espere aí, mocinho. Para que tanta pressa? Ainda temos algumas horas.

— Estou morrendo de saudades, amor!

— Eu sei, eu também. Fique aí, que eu já volto. Vou ao banheiro.

— Vai... mas não demora.

— Não vou. Ah, não tire a gravata. Aliás, não tire nada; eu mesma quero fazer isso.

Fui até o banheiro meio desconcertada. Tirei o vestido e fiquei só com a lingerie vermelha. Será que ele ia gostar? Bem, não era hora de pensar nisso.

Saí do banheiro, e Mauro havia acendido umas velas aromáticas, colocado uma música romântica de fundo e estava em pé em frente à cama, ajeitando a gravata, quando eu apareci de lingerie e saltos altos.

— Você não faz ideia do quanto está sexy. Vem cá. — Chamou-me com o dedo indicador.

Aproximei-me dele, mas não o deixei me beijar. Fui direto tirar aquela gravata azul. Desfiz o nó e a joguei no chão do quarto. Empurrei-o na cama, fiquei em cima dele e fui tirando a camisa, os sapatos e finalmente a calça. Ele já estava todo excitado.

— Chega de me torturar.

Ele trocou de posição comigo e começou a me beijar daquele jeito que tira o fôlego. Liberou minha boca e foi descendo os lábios até meus seios, onde tirou meu sutiã e de repente parou e, encarando-me com um sorrisinho, disse:

— Agora é sua vez de esperar.

Saiu da cama, abriu a porta do frigobar e voltou com morangos, chantilly e uma garrafa de champanhe.

— Hora da minha sobremesa.

— O que vai fazer?

— Só fique quietinha.

Beijou-me novamente, colocou um morango entre os dentes e começou a esfregá-lo na minha pele, o que me fez ficar arrepiada. Voltou para minha boca e me ofereceu a fruta. Comi o morango, e Mauro me fez beber da sua boca o champanhe. Depois pegou o creme chantilly, passou-o pelo meu corpo e começou a lamber tudo. Aquilo me fez ficar em estado de ebulição.

Ele parou de me lamber ao chegar à base da calcinha que eu ainda vestia.

— Hum... calcinha vermelha? Eu amo.

Deixou o champanhe e o chantilly com morangos de lado e começou a massagear meus pés e beijar a parte interna das minhas pernas. Foi subindo gradativamente até chegar a minha roupa íntima.

— Espero que dessa vez você tenha uma de reserva.

— Tenho, sim.

— Ótimo!

E, como daquela nossa primeira vez, rasgou a calcinha, tirando-a com os dentes.

Eu não aguentava mais, e puxei Mauro para mim. Ele se pôs sobre o meu corpo e, enquanto nos beijávamos, tirei sua cueca boxer. Senti que ele já estava todo pronto para mim. Daquela vez também não iríamos usar camisinha, mas o meu anticoncepcional estava em dia. Sem riscos de doenças ou outra gravidez não desejada. Agora éramos um do outro sem medo.

Depois de tantas preliminares, finalmente Mauro estava dentro de mim em movimentos suaves e gemendo de prazer. Ele era uma delícia em todos os sentidos. Aquilo não era apenas sexo, pura vontade, era amor.

Depois trocamos de lugar, e eu fiquei por cima. Completávamo-nos, encaixávamo-nos muito bem. Parecia que éramos feitos um para o outro.

Quando terminamos, ficamos deitados na cama nos olhando com aquelas caras de bobos. Mauro fazia carinho pelo meu rosto e meu cabelo enquanto eu ficava mergulhada naqueles olhos azuis.

— Parece que eu estou sonhando — ele murmurou.

— Não está, amor. Não está.

— Laura, você não tem noção do quanto eu sou louco por você.

— Ah, tenho, sim. Agora eu tenho. Também sou louca por você. Só tinha medo de admitir. Foi difícil, mas agora estou aqui, inteira para viver todo esse sentimento com você.

— Ainda bem! Antes tarde do que nunca! Te amo!

Umas duas horas depois, saímos do motel e fomos para a casa da minha mãe buscar nossa “coisinha”, que dormia feito um anjo.

— Vocês podiam ter aproveitado mais. Ela podia muito bem passar a noite aqui.

— Mãe, não é prudente. Ela precisa do meu leite. Olha a minha situação.

Meu vestido estava com manchas, o leite havia vazado no caminho do motel até ali.

— Mas aproveitaram um pouco, pelo menos?

— Mãe?! Não seja indiscreta!

Rimos, pegamos nossa bebê e fomos para nossa casa. Nosso lar.

Minha vida havia mudado radicalmente, bem como meus sonhos e planos. Agora meus sonhos eram que nossa filha crescesse saudável, que eu envelhecesse ao lado do “homem de ferro” e que a editora desse certo.

Minha pequena Juliana (ou Juli, como todos a chamavam) havia me tornado uma mulher mais feliz, e justo eu, que não queria me casar, nem ser mãe. Aquela vidinha mudara dois destinos. Duas pessoas que foram traídas quase da mesma forma agora tinham dado a volta por cima.



Marcamos nosso casamento para dali seis meses. Eu estava ficando meio doida, cuidando da Juli e organizando um matrimônio. Claro que contei com a ajuda dos meus fiéis escudeiros – Irene, Dudu e minha família grande e festeira. Nesse meio tempo meu quarto sobrinho, Alex, filho mais novo da Beth, nasceu. E era a cara da minha irmã, a coisa mais linda do mundo.

Nós nos casaríamos na igreja, e a festa seria em um restaurante muito chique que o Mauro fez questão de ajudar a pagar. Meu pai e meu padrasto quase brigaram com ele, mas de nada adiantou; quando o Mauro colocava uma coisa na cabeça, não tinha quem o fizesse mudar de ideia.

Eu ainda estava me adaptando a ser mãe, dona de casa, editora e futura esposa tudo ao mesmo tempo.



Enfim o grande dia tão aguardado chegou. Eu e o Mauro estávamos ainda deitados em nosso quarto. Tínhamos acabado de abrir os olhos e nos dar um beijo de bom-dia quando escutamos a companhia tocar.

— Ai, quem é a essa hora da manhã?

— Amor, que horas são? Nossa, é hoje! Meu Deus, você precisa ir para seu dia de noiva ou fazer sei lá o que vocês, mulheres, fazem nesse dia. Meu Deus, estou tão nervoso!

— Amor, calma. Estou só um pouquinho atrasada. Vou atender a porta.

Dei um selinho nele, vesti um robe por cima da camisola. Era nada mais, nada menos que a turminha do barulho, Beth, Eva, minha mãe, Irene e Dudu. Todos estavam superagitados.

— Gente, calma, ainda são 7h da manhã, é cedo. É para eu estar no salão só às 8h.

— Não importa, pode trocar de roupa e vamos. AGORA! — ordenou a Irene.

— Quantos energéticos e cafés vocês já tomaram?

— Amiga, nada. Deixarei para me acabar na festa. Como diria a Ludmila, “É hoje”! — comentou Dudu descendo até o chão, fazendo-me dar gargalhadas.

Subi as escadas, troquei de roupa, e o Mauro desceu para tomar seu café da manhã e conversar com aqueles bagunceiros. Eles estavam mais nervosos do que eu. Na verdade, eu sentia certo friozinho na barriga, mas isso não me tirou o sono, nem me fez ficar acelerada.

Tínhamos marcado de irmos todas para o mesmo salão. O Dudu estava radiante por eu ter permitido que ele fosse com um smoking dourado “discretíssimo” que era a cara dele.

Ao chegarmos ao salão, tive uma grande surpresa: minha sogra, minha cunhada e a vovó Amélia estavam lá para se arrumar também. Deviam ter combinado aquilo com o Mauro. Eu não poderia estar mais feliz.

Meu dia de noiva começou com massagens relaxantes, banhos aromáticos, tratamentos de pele e uma equipe fazendo o *making of* e me perseguindo o tempo todo. Eu estava me admirando de tão calma que estava. Antes de começar a maquiagem e o cabelo, dei de mamar para Juli, que ia de colo em colo naquele salão. Todos ajudaram a cuidar dela naquele dia.

Fizeram meu cabelo, minha maquiagem, e finalmente chegou a hora de eu colocar o vestido. Havia escolhido um vestido estilo princesa, tomara que caia, já que eu já estava com o meu peso normal de antes da gravidez.

Minha mãe, a Eva e minha irmã choraram ao me ver pronta. Tirei algumas fotos com elas e com minha “coisinha”, que parecia uma princesinha com um vestido branco com laço cor-de-rosa no meio e um arranjo de flor na cabecinha. Se ela fosse maior, seria minha daminha de honra; infelizmente ela era muito novinha para isso.

As meninas foram na frente em dois carros. Minha mãe foi com a Juli no colo. Foi tão doído me separar da minha filha naquela hora. Quando elas foram para a igreja, eu fiquei esperando meu pai e meu padrasto virem me buscar. Para não haver brigas, eu iria entrar acompanhada pelos dois até o altar. Fiquei me olhando no espelho do salão. Quem diria que um dia eu teria uma filha e me casaria daquele jeito tradicional, com vestido, véu, grinalda, com a família toda reunida? Eu tomara uma decisão, e agora, nada de planos na minha vida. Chegara à conclusão de que planos e Laura não combinavam.

Não demorou muito para o meu pai e meu padrasto chegarem. Fui auxiliada a entrar no carro, e seguimos até a igreja.

Só naquele momento a ficha caiu. Eu estava tremendo de tão nervosa.

— Você está bem, minha filha? Está tremendo — questionou meu pai, preocupado.

— Estou bem, pai. É só nervosismo.

Ao chegarmos à porta da igreja, a sensação era de que eu ia desmaiar. Minha sorte – que poucas noivas têm – era que eu estava sendo auxiliada e amparada por dois pais. Assim não teria como eu cair.

Assim que as portas da igreja se abriram e escutei o som da marcha nupcial, arrepiei-me toda, e as lágrimas inevitáveis chegaram aos meus olhos, mas pensei comigo mesma:

Laura, se acalme, vai borrar toda a maquiagem antes de chegar até o noivo. Pare de ser manteiga derretida e segure esse choro.

Eu tinha de me distrair, odiava ser o centro das atenções, e como não ser o centro das atenções quando você é a noiva? Não tem como. Todos estavam ali em pé, olhando-me com caras de choro e sorrindo ao mesmo tempo. Eu precisava olhar para outro lugar ou ia chorar. Até que meu olhar cruzou com aqueles olhos azuis tão encantadores e, assim como os meus, segurando as lágrimas. Ao nos olharmos, demo-nos um sorriso tão espontâneo, tão sincero, que o resto nem fazia importância. Parecia que eu nem estava com o olhar de quase 300 convidados me observando. Nem os flashes das câmeras dos fotógrafos interromperam nosso olhar.

A cerimônia foi cheia de emoção, e não sei quem ficou mais emocionado, se eu, ou o Mauro. Entretanto, teve um momento durante a cerimônia em que nós fomos pegos de surpresa, tanto que ambos choramos de emoção. A danada

da Irene junto com a cerimonialista tiveram uma ideia que me surpreendeu, e eu não poderia ter ficado mais feliz. Na hora de as alianças entrarem, veio meu sobrinho, o furacãozinho do Ruan, todo arrumadinho com um terno, cabelinho com gel, empurrando um carinho todo decorado e cheio de babados com a Juli sentadinha, amparada por almofadinhas ao seu redor, e ela, toda desperta, olhava para todos e sorria meio tímida com aqueles olhinhos azuis como os do pai. Tudo arrumadinho para que ela não caísse ou ficasse desconfortável. No colo dela, estava o par de alianças. Nessa hora nossos corações não aguentaram; tanto eu quanto o Mauro ficamos muito emocionados.

Demos um beijinho no rosto do Ruan, fazendo um sanduiche de beijo nele, e o Mauro pegou nossa pequena no colo. Fizemos o mesmo gesto do beijinho e a entregamos no colo da vovó Amélia, que já estava com os braços abertos para pegar a bisneta.

Enfim estávamos casados. Fomos então para nossa festa, que teve tudo como manda o figurino, valsa, valsa maluca com os padrinhos, na qual, aliás, o Dudu foi o centro das atenções. Pensem numa pessoa que dança muito bem; é ele.

Durante uma dança, o Mauro cochichou ao meu ouvido:

— Eu não podia estar mais feliz, sabia?

— Nem eu.

— Está preparada para uma lua de mel rápida? Não era o que eu pretendia, mas...

— Já combinamos que ela será curta porque temos a nossa pequenininha para cuidar. Três dias longe dela para mim já vão ser a coisa mais difícil do mundo.

— Eu também estou com o coração na mão por deixá-la. Mas, assim que ela estiver com mais idade, faremos uma segunda lua de mel de uns dez dias.

— Combinado. E aí, não vai me contar para onde vamos?

— Não. É surpresa.

— Eu te amo.

— Eu te amo.

Um pouco antes de sairmos à francesa, joguei meu buquê para as solteiras de plantão. E adivinhem, em meio a tantas primas, tias, amigas, colegas, quem pegou o buquê...? O Dudu. Eu chorava de tanto rir. Muitas das solteiras não gostaram, disseram que não valia.

— Bando de recalçadas, eu serei a próxima e pronto. Conformem-se! — dizia o Dudu sacudindo o buquê na cara das “concorrentes”.

Às 3h30 da manhã, eu e o Mauro fomos escondidos até os fundos do restaurante com a ajuda da cerimonialista, sem que ninguém notasse, e nos

despedimos dela para partirmos para nossa curta lua de mel.

— Espero que tenham gostado da surpresa da entrada das alianças. O Ruan foi um verdadeiro príncipezinho ajudando a priminha a ficar sentadinha no carrinho.

— Oh, Lídia, nós não temos nem como te dizer o quanto ficamos emocionados. Eu amei. Amei tudo. Você e sua equipe fizeram desse dia um sonho, não é, Mauro?

— Com certeza. Não poderíamos ter tido uma cerimônia e uma festa tão perfeitas. Amamos tudo de verdade.

Lídia era a cerimonialista que foi a minha salvação. Ela coordenou tudo. Sem ela, não sei nem como seria, pois minha mãe e a Eva queriam o casamento de um jeito, minha sogra e a Beth, de outro, a Irene e o Dudu também davam palpites, deixando-me fora de mim.

Despedi-me dela com um abraço, e um dos manobristas que trabalharam naquela noite nos trouxe o carro do Mauro. Enfim seguimos viagem. Meu coração estava partido por ficar longe da minha filha, que ficaria com minha mãe e minha sogra, que, a propósito, ficaria uma semana se hospedando na casa de mamãe. As duas pareciam amigas de infância, de tão bem que se deram. Mesmo assim, acho que era coisa de mãe. Até então eu nunca tinha ficado tanto tempo tão longe da minha bebê. Ao mesmo tempo, eu e o Mauro precisávamos ficar um pouco a sós.

Dentro do carro, ainda de vestido de noiva, eu estava ansiosa, pois o Mauro não me contava para onde iríamos.

— Não vai mesmo me dizer aonde vamos?

— Ainda não. Por hora, estamos indo para um hotel. Vamos passar a noite lá. Mas amanhã bem cedo vamos ao aeroporto.

— Estou muito ansiosa. Foram minha irmã e a Irene que fizeram as minhas malas para eu não desconfiar para onde iríamos. Confesso que estou muito curiosa.

— Vou te surpreender, esposa.

Chegamos ao hotel, e peguei apenas uma pequena mala de mão, na qual tinha colocado minha roupa especial para a noite de núpcias. Em seguida fomos para a suíte do quarto, que estava toda decorada com pétalas de rosas em cima da cama. Havia champanhe num balde de gelo, uma cesta de frutas diversas e até chocolates. No banheiro tinha uma grande banheira de hidromassagem.

O Mauro me viu olhando para a banheira e me abraçou por trás. Foi tirando aos poucos os grampos do meu cabelo e desfazendo o meu penteado.

— Então... por onde começamos?

— Você tirando esses grampos do meu cabelo já me ajuda.

— Nossa, tem tanto grampo aqui que acho que vamos perder a noite toda.
— Não seja tão dramático. Por que não vai enchendo a banheira para um banho bem relaxante enquanto eu faço isso?

— Excelente ideia, esposa.

Enquanto ele preparava nosso banho, eu saí do banheiro e fui para o quarto, soltei meu cabelo e me liberei de todos aqueles grampos. Estava sofrendo para soltar o corpete do meu vestido quando o Mauro veio atrás de mim e disse:

— Ah, não, amor, deixa que eu faço isso. Sou expert em tirar a sua roupa.

— Isso vai ser ótimo, pois não estou conseguindo me soltar disso, não.

— Bobinha, deixa comigo.

E num instante eu já estava livre do corpete. Usava um bonito sutiã sem alças por baixo, branco, é claro, para combinar com o vestido. O Mauro fez questão de tirar todo o resto do vestido, deixando-me apenas de calcinha e sutiã a sua frente, enquanto ele ainda permanecia vestido.

Peguei-o pela gravata e o puxei até a porta do banheiro, onde tirei cada peça de roupa sua com calma. Quando ele estava apenas de cueca, beijou-me intensamente. Senti-o desabotoar meu sutiã, e logo calcinha e cueca já voavam pelo quarto. Entramos na banheira e fizemos amor ali dentro mesmo. Nunca pensei que eu fosse capaz de fazer isso num lugar como aquele. Já havíamos tomado banho juntos antes, mas apenas isso, banho.

Depois esvaziamos a banheira e a enchemos novamente para um belo banho juntos. Nós eramos um só. Completávamo-nos de todas as formas possíveis. Não me lembro de termos brigado ou discutido uma única vez desde o nascimento da Juli. Isso para mim era amor de verdade. Um amor que não estava em meus planos, muito menos em sonhos, mas que era a melhor coisa do mundo.

Aquele resto de noite foi uma sucessão de brindes com champanhe, amor, beijos, carícias e dormir de conchinha.

Às 7h da manhã, o Mauro me acordou.

— Bom dia, amor. Levante e se arrume, está na hora.

— Não vai me dizer aonde estamos indo mesmo?

— No aeroporto você vai saber.

Ele tinha-se levantado um pouco antes e pegado uma roupa na minha mala para que eu a vestisse. Arrumei-me, peguei meu vestido de noiva e o smoking dele, coloquei-nos nos cabides com proteção, e seguimos para o aeroporto.

O carro ia ficar no estacionamento seguro de lá mesmo nos próximos três dias. Mesmo assim, coloquei com cuidado nossos trajes de noivos no porta-malas.

Assim que fizemos o check-in, descobri que iríamos para Fernando de

Noronha. Nós nos hospedáramos em um hotel de luxo, na melhor suíte. O Mauro realmente me surpreendia a cada dia.

Chegamos um pouco mais de meio-dia, então deixamos as malas no quarto e fomos almoçar. O lugar era simplesmente lindo. Durante o almoço, liguei para minha mãe perguntando se estava tudo bem com a Juli.

— Menina, você está em lua de mel, e babá experiente aqui para minha neta não falta. Ela está com as três avós, três avôs, tias, tios, primos, é muita gente para um bebê. Fique tranquila, ela está bem. Dormiu a noite toda.

Não adiantava, era coisa de mãe mesmo. Eu sabia que ela seria muito bem cuidada, mas agora eu entendia o ditado “mãe é mãe”.



Tiramos mil e uma fotos, comemos bem, namoramos MUITO. Foram três dias inesquecíveis. Fomos embora ansiosos, cansados e felizes. E morrendo de saudades da nossa filha. Eu não via a hora de a ver, pegá-la em meus braços, sentir aquele cheirinho de bebê. Tinham sido apenas três dias, mas parecia um mês.

Chegamos por volta das 5h da tarde. Pegamos o carro no estacionamento do aeroporto e fomos direto para a casa da minha mãe. Mostramos as fotos, entregamos lembrancinhas da viagem e, claro, mimamos a nossa bebê, que, assim que nos viu, abriu aquele sorrisinho banguela e esticou os bracinhos para que nós a pegássemos no colo.

Depois de colocarmos o papo em dia e jantarmos, finalmente fomos para nossa casa. Eu estava exausta, mas feliz. Dei a Juli a última mamada antes de colocá-la para dormir e fui checar meus e-mails. Dei um gritinho de alegria quando vi a mensagem do fotógrafo me dando uma senha de acesso para o site para ver as fotos do casamento e escolher quais iriam para o álbum.

Eram muitas fotos, mais de duas mil. Todavia, eu e o Mauro nos sentamos lado a lado no sofá da sala e ficamos olhando uma por uma. Era uma mais linda que a outra. As da festa, então, eu chorava de tanto rir. Queria só ver como seria a filmagem. Fora um dia realmente inesquecível.

Duas semanas depois de voltarmos da lua de mel, batizamos nossa Juli e convocamos a Irene e o Carlos para serem padrinhos. A Irene explodia de felicidade; nunca tinha sido madrinha de ninguém.

— Jura que eu vou ser dinda?! — exclamou entre palmas, enquanto eu ria, respondendo:

— Sim, a melhor dinda do mundo!

Eu reclamava da minha família grande e louca, mas eu amava cada um dos

seus integrantes, com todos os seus defeitos e qualidades. E, casando-me com o Mauro, tanto a minha família quanto a dele aumentaram.

Naquele ano, nossas famílias se uniram, e passamos o Natal, como sempre, na casa da minha mãe. Parecia que a família estava muito maior! Muito melhor, muito mais bagunceira e muito, muito mais feliz.

Um ano depois, nossa editora publicava meu livro: *Uma vida em dois destinos*, contando como a vinda da Juliana mudara a minha vida e juntara o meu destino e o do Mauro, tornando-os um. Ficou na lista dos mais vendidos.

É, a vida é assim, quando menos se espera, ela dá uma guinada de 180 graus, e quando você acha que é para pior, no fim percebe que melhorou 100% e agradece por tudo.

Afinal, com uma família grande, ou pequena (não importa), o que vale mesmo é o sentimento que nos une... o amor.



Cinco anos se passaram. Nossa editora havia se tornado uma das mais recomendadas e bem-conceituadas do país, sempre investindo em novos autores de todos os gêneros. Fazia uns três anos que nossos livros eram distribuídos em praticamente todas as grandes livrarias.

Irene agora ocupava o lugar que era do Mauro na revista da dona Marta, e o Dudu se tornara meu secretário. Os negócios iam muito bem.

Minha irmã tivera finalmente uma menina um ano antes. Agora ela tinha cinco filhos.

Minha “coisinha”, então com quase sete, já estava na escola, e eu me orgulhava muito da menina educada que ela estava se tornando. Devo admitir, ela era a cara do Mauro. Contudo, a personalidade era a minha.

Falando em Mauro, eu não podia ter um marido mais carinhoso e

companheiro que ele. Eu me derretia toda e entendia perfeitamente por que muitas mulheres morriam por ele. Porém, o que elas desejavam agora era meu. Eu o conhecera da maneira mais profunda e amava tudo nele, até aquela sua calma irritante.

Naquela tarde, fui até a sala do Mauro. Nós tínhamos salas separadas, porque tínhamos funções diferentes na editora. Eu gostava de separar minha vida pessoal da profissional. Precisava desse espaço. Éramos melhores trabalhando dessa maneira.

— Amor, você vai comigo ou não?

— Vou, sim, já estou saindo, deixa só eu arquivar esse documento, e já vamos. E como se sente?

— Estou ótima. Mas acho que ainda não será dessa vez. Estou muito bem, não senti nada.

— Sim, mas vamos ver.

Fizemos um exame Beta HCG. Estávamos havia alguns meses tentando engravidar. Eu tivera uns alarmes falsos, mas, até o momento, nada de muito concreto. O Mauro estava mais ansioso que eu. Na verdade, a ideia de ter outro filho partira de mim. Eu queria curtir mais a gravidez, já que a da Juli, eu quase não havia curtido por minha negação à maternidade. Eu amava tanto minha princesinha que queria muito ser mãe de novo. Acho que aprendi muito com ela.

Quando o resultado saiu, foi positivo. Finalmente nosso segundo bebê estava a caminho. Lembro perfeitamente que, no dia em que combinamos de dar a boa nova a todos, era a festinha de aniversário de sete anos da Juli. O tema ela mesma tinha escolhido, *A Bela e a Fera*, seu desenho favorito. Ela estava toda feliz com o vestido de princesa e cachinhos nos cabelos. Todos diziam que ela parecia uma boneca.

Cantamos os parabéns, e o Mauro, que adorava um discurso, foi quem começou a falar:

— Pessoal, hoje é um dia muito especial. Minha filha faz sete anos. Graças a ela, consegui laçar o amor da minha vida, que é a Laura. Amor, vem aqui. Todo mundo sabe como ela foi difícil e o quanto demorou para assumir que no fundo também era louca por mim.

— Convencido...

— O fato, amigos, é que hoje temos uma grande notícia para dar. Estamos grávidos pela segunda vez! E dessa vez foi tudo planejado. Daqui uns seis meses, a família vai aumentar.

Todos ficaram felizes por nós. A Juli veio me perguntar à noite, enquanto eu a colocava para dormir:

— Mamãe, de onde vêm os bebês?

— Da barriga das mães.

— Mas como ele entrou aí?

Pronto, havia chegado o momento ao qual eu não sabia o que responder. Eu já esperava que, uma hora ou outra, ela ia me perguntar isso. E agora, como eu ia responder?

— É assim, meu amor, o papai colocou uma sementinha dentro da mãe, assim como aconteceu quando eu fiquei grávida de você. Aí essa sementinha vai crescer por um tempo, e terei seu irmãozinho ou irmãzinha no hospital.

— E eu vou poder ajudar a cuidar do bebê?

— Claro, meu amor. Agora se deite para eu te cobrir, é hora de dormir.

— Boa noite, mãe.

— Boa noite, meu amor, durma com os anjinhos.

Acho que até que me saí bem. Entretanto, o Mauro e eu teríamos logo uma grande surpresa.

— Já colocou a pequena para dormir?

— Já, sim... e adivinha o que ela me perguntou?

— Aquela pergunta que eu estou pensando? De onde vêm os bebês?

— Exatamente.

— E como se saiu?

— Acho que bem, mas torci para que ela não quisesse mais detalhes. Sério, não estou preparada para isso.

— Ela é muito inteligente.

— Puxou a mim, é claro.

— Ah, me chamando de burro, é?

— Não. Mas todo mundo sabe que eu sou bem mais inteligente que você. Afinal, fui eu que me casei com o homem por quem todas as mulheres babavam na revista.

— Assim vou ficar convencido.

— Pode ficar, não é sempre que te digo isso. Mas você sabe o quanto você é importante para mim, não sabe? Eu fui tão boba por não ter percebido isso antes.

— É, mas agora estamos aqui, com nossa família, e agora com mais um filho ou filha a caminho.

— Não tenho mais medo, porque você está comigo.

— Sempre estarei, porque eu te amo.

Sim, ele sempre foi um romântico incorrigível, do tipo que nunca esquecia uma data, nem aniversário, nem aniversário de casamento, nem Dia dos Namorados. Ele me enchia de mimos, e eu o amava. Ele era o que faltava em mim.

E assim, uma semana depois, fomos eu e meu lindo marido fazer a primeira

ultrassonografia. Tudo estava normal. Eu quase não tivera enjoos, mas percebi que minha barriga estava meio grandinha para três meses. Minha mãe, a Irene e minha irmã diziam que uma gravidez era diferente da outra, então iríamos ver se tudo estava bem com o bebê.

— Uau! Vejam só.

— O que foi, doutor? Parece surpreso. Tem alguma coisa errada? Meu bebê está bem?

— Só um momento, Laura. Mauro, consegue ver? Entender o que está acontecendo?

— E-eu não...

— Dá para vocês falarem logo? Estou aflita aqui! Doutor, vire logo esse monitor para que eu possa ver a imagem.

— Está bem... Então... lá vai... Tcharam!

Na hora em que eu olhei para o monitor e vi a imagem, se eu não estivesse deitada, cairia.

— Parabéns ao casal. Serão pais de gêmeos! Agora vamos tentar ver o sexo dos bebês?

Eu nem conseguia responder. O Mauro só segurava minha mão e chorava emocionado.

— Bem, vocês já têm aquela princesinha, a Juliana. Ela está com quantos anos?

— Sete.

— Preferem o que agora?

— Bem, vindo com saúde é o que importa. Mas, sendo dois, estou um pouco assustada, embora feliz.

— Está bem... Vamos lá... Opa, conseguem ver? Olha só... aqui temos um menino. Vamos tentar fazer com que eles se mexam para vermos o sexo do outro bebê... Vamos lá, vamos lá...

Dois bebês? Sim, eu estava muito surpresa. E quando o obstetra já estava desistindo de ver o sexo do outro bebê, eis que as crianças se mexeram. O outro neném era uma menina. Teríamos um casal.

Agora era comprar tudo em dobro. Claro que o Mauro já se animou e decidiu vender nosso apartamento e comprar uma casa. Ele já queria isso havia muito tempo, eu é que gostava demais do apartamento e não queria sair de lá. Todavia, com gêmeos a caminho, não tinha outro jeito.

Agora, sim, a vida estava mais colorida. Minha vida se transformara em fraldas, mamadeiras e tentar fugir das perguntas da Juli, como, por exemplo: por que eu tive dois bebês?; por que o papai não podia ter carregado um bebê na barriga dele?; por que os bebês choravam tanto? Enfim, foram muitas as

perguntas da Juli na infância. Isso porque eu não fazia ideia de como seria sua adolescência. Não, ela não me deu trabalho. Era tão inteligente e charmosa quanto o pai.

E eu, que não queria ter uma família grande, vi a minha aumentar. Não queria filhos e acabei tendo três. É, a vida prega peças... Ainda bem que, no meu caso, só foram coisas boas. Um marido lindo, filhos saudáveis e inteligentes. Eu só agradeço a Deus por tudo que tenho, por tudo que a vida me deu.

Fim.



Primeiramente a Deus, pelo dom da escrita. E poder viver tantas emoções com tantos personagens únicos e diferentes.

A minha revisora e amiga de sempre que me socorre em todas as horas lapidando minhas obras Analine Borges Cirne.

Minhas leitoras beta e amigas Cristiane Fernandes (que ficou apaixonada pelo Mauro no Wattpad), Rafaela Alves que me apoia sempre e de quem sou fã, Sabrina Oliveira e Adriana Santos sempre me acompanhando e dando suas opiniões sinceras.

À minha mãe Helena que sempre me apoia mesmo não tendo gostado muito da Laura no começo do livro.

A Layce Design mais uma vez pela capa linda e pelo trabalho perfeito que fez. Gratidão eterna.

Á trilha sonora que ficou por conta de Lady Antebellum não conhecia, mas não parei de escutar enquanto Laura e Mauro falavam comigo. Just a Kiss especialmente.

E a todos vocês queridos leitores que deram uma chance a essa história, e que ela tenha tocado o coração de vocês. Obrigada pelo carinho de sempre, sem vocês eu já teria desistido, obrigada, obrigada e obrigada. E até a próxima.

Beijos,
Cris S. Rocha



Outras obras



Um amor para recomeçar

Disponível em e-Book

[Amazon](#)

Sinopse

Existem feridas que nos amarguram e nos perseguem por toda a vida. Há feridas que nem o tempo pode apagar...

Emily tem 32 anos, e há dois mora com sua irmã e sua sobrinha na pequena cidade do interior do Paraná, chamada Esperança. Sua vida se resume entre as aulas para crianças na pequena escola da cidade e a casa de sua irmã. Até que sua rotina muda com a chegada do professor Lorenzo. Um homem animado, de lindos olhos azuis que no primeiro esbarrão se encanta por Emily.

Seria possível Lorenzo fazer com que Emily dê uma nova chance ao seu coração, e a si mesma? O que Emily não sabe talvez, é que Lorenzo tenha feridas parecidas com as dela.

Um coração ferido, uma esperança no ar... Um amor para Recomeçar, é tudo o que ela precisa...



Sobre a autora



Nascida em 1984, em Curitiba - PR, sempre foi fascinada pelos livros, e aos 14 anos começou a escrever. Se aventurou e aos 33 anos seu primeiro livro *Mudança Radical* foi publicado por uma editora em 2016.

Atualmente trabalha como auxiliar administrativo e Rh em sua cidade natal, onde mora com seus pais e seus 3 Pit Bulls. Mas sua verdadeira paixão é a escrita.



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Facebook](#) | [Fanpage](#) | [Instagram](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!